



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA
PRO-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS – GRADUAÇÃO EM SOCIEDADE E FRONTEIRAS

FELICIAN ANDRE ABRAHAM

**EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA: A EXPERIÊNCIA DOS
WAPIXANA DA ALDEIA MARURANAU, SUL DO RUPUNUNI**

Boa Vista, RR
2017

FELICIAN ANDRE ABRAHAM

**EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA: A EXPERIÊNCIA DOS
WAPIXANA DA ALDEIA MARURANAU, SUL DO RUPUNUNI**

Dissertação de mestrado apresentada como pré-requisito para conclusão do Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Fronteira da Universidade Federal de Roraima. Área de Concentração: Sociedade e Fronteiras na Amazônia.

Orientadora: Prof^a. Dra. Olendina de
Carvalho Cavalcante

Boa Vista, RR
2017

Dados Internacionais de Catalogação na publicação (CIP)
Biblioteca Central da Universidade Federal de Roraima

A159e Abraham, Felician Andre.

Educação escolar indígena: a experiência dos Wapixana da aldeia Maruranaú, sul do Rupununi / Felician Andre Abraham. – Boa Vista, 2017.

103 f.

Orientadora: Profa. Dra. Olendina de Carvalho Cavalcante.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Roraima, Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Fronteira.

1 – Educação escolar Wapixana. 2 – Narrativas e experiências. 3 – Aldeia Maruranaú. I – Título. II – Cavalcante, Olendina de Carvalho (orientadora). CDU-376.74(=1-82)

CDU – 376.74(=1-82)

FELICIAN ANDRE ABRAHAM

"EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA: A EXPERIÊNCIA DOS WAPIXANA DA ALDEIA MARURANAU, SUL DO RUPUNUNI".

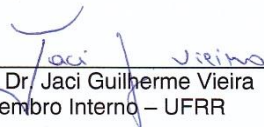
Dissertação apresentada como pré-requisito para conclusão do Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Fronteiras, da Universidade Federal de Roraima. Área de concentração: Sociedade e Fronteiras na Amazônia. Defendida em 24 de maio de 2017 e avaliada pela seguinte banca examinadora:



Prof^a. Dr^a. Olendina de Carvalho Cavalcante
Orientadora – UFRR



Prof^a. Dr^a. Roseli Bernardo Silva dos Santos
Membro Externo – IFRR



Prof. Dr. Jaci Guilherme Vieira
Membro Interno – UFRR

Aos Wapixana da aldeia de Maruranau.
Povo humilde e acolhedor, protagonista do
próprio futuro.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço ao Deus pelo dom da vida.

À minha família: minha mãe, meu pai, avo, tios e tias de Moruca por tudo o suporte me oferecem nessa conquista.

Aos meus amigos da Companhia de Jesus da Guiana e do Brasil, aos Missionários da Consolata de Roraima que me apoiaram pelas trocas de conversas e outras maneiras para realizar esse estudo.

Às minhas amigas Mrs. Myra Prierre Moore que trabalha no *National Center for Educational Resource and Development (NCERD)* e Mrs Laureen Prierre que fez estudos sobre os Wapixana do Sul Rupununi alguns anos atrás. Por meio das conversas e ideias que contribuíram para o enriquecimento deste estudo.

Aos Ministérios *de Indigenous People Affairs e The Ministry of Education* na Guiana que me deram permissão oficial para realizar o estudo na comunidade indígena.

Aos Wapixana da Comunidade Indígena de Maruranau, o Tuxaua Patrick Gomes e seus concílios que me deram permissão e me aceitaram com braços abertos a colaborar com essa pesquisa. Aos Wapixana que compartilharam suas histórias e experiências sobre a comunidade e a escola.

Agradeço à Organização dos Estados Americanos (OEA) e à Universidade Federal de Roraima (UFRR) pela a oportunidade de estudar em outro país, e aos professores do Programa de Pós-Graduação Sociedade e Fronteiras (PPGSOF) pela colaboração.

À minha orientadora, Prof. Dr^a. Olendina Carvalho Cavalcante prestativa, cordial, pela sua paciência e tolerância que contribuiu muita para realizar esta pesquisa. Aos professores doutores, membros da banca de defesa, Roseli Bernardo e Jaci Guilherme Vieira pelas valiosas sugestões ao trabalho.

Resiliência é tudo sobre ser capaz de superar o inesperado. A sustentabilidade é sobre a sobrevivência. O objetivo da resiliência é prosperar.

(Jamais Casci, 1988).

RESUMO

A morada dos Wapixana (Arawak) são os campos do Sul do Rupununi da Região 9 composta por 17 malocas indígenas com 8.395 Wapixanas. O desenvolvimento desta pesquisa ocorreu por meio da análise das narrativas dos moradores da comunidade Maruranau. O objetivo do estudo é compreender o processo de constituição da educação escolar na comunidade Wapixana e as experiências dos moradores da aldeia sobre a educação oferecida a eles por meio de suas entrevistas que geraram uma compreensão como o povo percebe a educação escolar em sua aldeia. Com isso procurou-se apontar as experiências dos indígenas. Para tanto, este trabalho está dividido em três partes: O primeiro capítulo discorre sobre a educação escolar na Guiana, do período colonial aos nossos dias, enfatizando suas modificações no decorrer dos anos e sua introdução e entre os indígenas no Sul do Rupununi. O segundo aborda aspectos históricos, de localização, população e observações socioculturais gerais sobre os Wapixana. O terceiro capítulo trata da escola e da comunidade com o objetivo de apresentar, a partir do campo, a introdução e a experiência da educação escolar entre os Wapixana e as respostas que os mesmos têm dado ao modelo de educação que tem sido proposto a eles.

Palavras- chave: Educação Escolar Wapixana; Narrativas e Experiências; Aldeia Maruranau.

ABSTRACT

The home of the Wapishanas (Arawaks) is the South Rupununi Region 9 comprised of 17 indigenous villages and has a population of 8,395 inhabitants. The development of this research occurred through the analysis of narratives of some residents from Maruranau village. Henceforth, the aim of the study seeks to comprehend the constitution process of formal education in the indigenous community from the villagers' experiences of formal learning offered to them through their interviews which generated an understanding how they perceive formal education in their village. The first chapter deals with formal education in Guyana, from the colonial period to the present, emphasizing its modifications over the years and its introduction to the Wapishanas in the South Rupununi. The second chapter addresses historical aspects of location, population and general sociocultural observations of the Wapishanas. The third chapter relates from the field research the history of the school and community to present, also the experience of formal education among the Wapishanas and the responses they gave of the model of education which has been proposed to them.

Key words: Public Education Wapishanas. Narratives and Experiences. Maruranau Village.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Mapa da terra indígena Maruranaú	15
Tabela 1 - Despesa em Educação:	22
Tabela 2 - Aldeias Wapixana no Centro-Sul e Sul do Rupununi	31
Figura 2 - Terras Wapixana oficialmente demarcadas.....	39
Figura 3 - <i>Wapichan Wiizi</i> , Território ancestral	40
Figura 4 – Jogos de Agosto	48
Figura 5 – Placa na entrada da aldeia Maruranaú.....	53
Figura 6 - MAPA DA COMUNIDADE DE MARURANAÚ	54
Figura 7 – Casa de agrupamento familiar em Maruranaú	56
Figura 8 - A maloca da comunidade.....	57
Figura 9 - A PRINCIPAL CANTINA DA COMUNIDADE DE MARURANAÚ.....	61
Figura 10 – O SR. MARTIN CHARLIE WAPIXANA 83 ANOS	66
Figura 11 – Gena, aluna da primeira escola seu Marido Leo Gomes, um dos primeiros diretores da escola da aldeia	72
Figura 12 - A Escola Primária de Maruranaú. Desenhos representando as políticas de educação no mural do prédio.....	88
Figura 13 – Merenda Escolar.....	90
Figura 14 - – Fotos dos alunos	92

LISTA DE ABREVIATURAS

APA- Amerindian People Association

ARU- Amerindian Research Unit

ALC- Amerindian Lands Commission

AAP- Amerindian Peoples Plan

APNU- A Partnership for National Unity

CNT- Conselho Nacional de Tuxauas

CPCE- Cyril Potter College of Education

CSEC- Caribbean Secondary Education Certificate

GOG- Government of Guyana

IDB- InterAmerican Development Bank

KMCRG-Kanuku Mountains Community Representative Group

NGSAE- National Grade Six Accessment Exam

NCERD- National Center for Educational Resource and Development

MOA- Ministry of Education

MOIPA- Ministry of Indigenous People Affairs

PPP- People Progressive Party

RDC- Rupununi Development Company

SCPDA- South Central People Development Association

WWA- Wapichan Wadauniinao Atio

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPITULO 1: O MODELO EDUCACIONAL NA GUIANA	16
1.1 A Educação Compulsória	16
1.2 O Modelo Nacionalista	17
1.3 Os Planos Estratégicos	20
CAPITULO 2: OS WAPIXANA	28
2.1 Localização e história	28
2.2 Holandeses, Ingleses e Portugueses	32
2.3 A economia da borracha	33
2.4 Os Missionários Jesuítas	34
2.5 O período pós-independência	37
2.6 Os Wapixana do Sul do Rupununi.....	39
CAPITULO 3: A COMUNIDADE E ESCOLA	51
3.1. A história de Maruranau	51
3.2 O modo de vida antigo e as atividades trazidas pelo contato	62
3.3. História e experiências da escola	66
3.4 A Escola Primaria.....	87
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	93
REFERÊNCIAS	99

INTRODUÇÃO

O processo de educação escolar para os povos indígenas da República Cooperativa da Guiana tem suas bases introdutórias durante o período colonial, constituído numa organização curricular de abordagens educacionais tradicionais configuradas pela classificação de grupos sociais que compunham a sociedade, entre estes, os povos indígenas ou ameríndios.

Os projetos educacionais ocidentais para as populações indígenas guianenses objetivavam não apenas torná-los sujeitos cientes de seus deveres, mas também de submissão ao governo central. Tratava-se de uma estratégia de transformação social com a intenção de introduzir mudanças radicais no mundo indígena, pois a educação indígena, em sua essência, tem como princípio as interações sociais e ações coletivas. Entretanto, a lógica da formação curricular ocidental se concretiza através da doutrina cristã, não se diferenciando da experiência de outros países latino americanos, com o Brasil, por exemplo, onde a educação escolar foi moldada pelos padrões cristãos, durante período colonial. Nesta perspectiva, esse trabalho tem como objetivo compreender o processo de constituição da educação escolar entre os Wapixana da aldeia Maruranau, localizada no Sul do Rupununi. Nessa região, fronteira com o Brasil, habitam além dos Wapixana, os Macuxi, Waiwai, Arecuna, Patamona e Acawaio.

Segundo Bacchus, (1998) a educação escolar na Guiana remonta ao período colonial quando os ingleses introduziram, por meio da Lei de Educação Compulsória, de 1876, um sistema educacional voltado para a manutenção do *status quo* baseado em critérios de classe social e cor, facultando à população a oportunidade de adquirir uma educação escolar. Com o decorrer do tempo, esse sistema começou a abrir espaço para os filhos dos escravos.

Neste cenário, a expansão do modelo educacional para os povos indígenas se consolida a partir da segunda metade da década de 1940, após os movimentos reivindicatórios da população para que os filhos de escravos, em idade escolar, também tivessem o direito de ir à escola. Esta medida foi estabelecida pelo sistema educativo globalizante, isto possibilitou a reprodução dos conhecimentos para atender as necessidades econômicas da Colônia, como uma política de preparação ou instrução. A educação escolar impôs, em larga medida, aos povos indígenas a desestruturação de seus valores originários. O processo de ocupação europeia no novo continente seguiu

junto ao extermínio de muitos desses povos e de suas culturas, como sabemos, e isso fez com que o mundo indígena passasse por transformações, cujos reflexos podem ser vistos nas suas cosmologias e histórias. Assim, a educação tradicional desses povos foi negada com a imposição de uma educação que não respeitava as diferenças existentes entre eles.

Entre os anos de 1966-1980, no pós-independência, o modelo educacional proposto se configurou paralelo à ideia de “desenvolvimento voltado a uma sociedade socialista Guianense” (ISHMAEL, 2012). Durante essa fase, o país instituiu um processo avaliativo que culminou em uma reforma curricular, ampliando a educação escolar gratuita, da creche até o nível superior, para todo povo guianense. Nesse período, as escolas que eram administradas pelos religiosos passam para a responsabilidade do Estado; todavia, em termos metodológicos, as instituições escolares continuaram funcionando de modo similar ao modelo missionário.

No caso específico da população indígena, tal modelo tinha com objetivo transformar a cultura dos povos indígenas através da doutrina educacional cristã e civilizatória. Assim, a educação escolar seria fundamental para que os indígenas adquirissem conhecimentos ocidentais de forma a se “integrar” à sociedade envolvente (AMERINDIAN LANDS COMMISSION, 1969). Dessa forma, a educação formal escolarizada assume uma condição excludente, pois prioriza a formação de “cidadãos” numa lógica homogeneizada dos conhecimentos, idealizando o “saber lidar com a exigência das mudanças no mundo que lhes cerca, pois um Ameríndio escolarizado é mais preparado para aceitar e assimilar novas ideias” (Ibid, 1969, p.35).

Por priorizar os saberes escolares, ocorreram diversas transformações no mundo social indígena na Guiana entre estas, a aquisição de valores que correspondem a uma concepção de meritocracia. Assim, a sociedade se divide entre os que estudam e os que não estudam, entre os que alcançam ascensão socioeconômica e aqueles que não obtiveram capacidades para melhorias significativas em sua qualidade de vida porque não foram educados, ou seja, a educação gera desigualdade social (SEVERINO, 1992).

O avanço dessa educação continua em curso entre os povos indígenas, embora já se anuncie movimentos alternativos, visando a incorporação de uma pauta indígena de educação escolar, na tentativa de inibir matrizes curriculares que configuram conteúdos universais para todos os povos, como preconiza o Plano Estratégico 2008-2013, cujo objetivo é uma educação escolar voltada para acompanhar as transformações tecnológicas do mundo globalizado independentemente das realidades específicas da

população guianense, que não se configura um todo hegemônico em termos socioculturais.

O desafio imposto aos índios, portanto, é romper com um modelo de educação globalizante, na busca por alternativas de uma educação que possibilite aos sujeitos a percepção de mundo e a relação com os contextos socioculturais específicos. Conforme Freire (1997), se trata de uma prática libertadora e passível de problematização, pois o modelo de ensino regular oferecido ao povo da Guiana é homogeneizante e se compromete a formar todos da mesma forma, com pouca ou nenhuma relevância às culturas e línguas indígenas do país.

Apesar da concepção de educação escolar sistematizada pelo viés globalizante introduzido no mundo social indígena, no caso dos Wapixana, na maioria das aldeias fala-se a língua originária proveniente do tronco linguístico Arawak, além do inglês, a língua nacional. Dessa forma, a população indígena continua reconhecendo seus valores e mantendo seus costumes, além daqueles que aprenderam a partir do contato com os não índios. O que demonstra ainda, que a empresa colonizadora não foi bem sucedida na tentativa de diluir as diferenças socioculturais e linguísticas dos povos indígenas.

Neste contexto surge uma inquietação: Qual a experiência do povo Wapixana com a Educação Escolar? Como eles respondem a essa modalidade de ensino em suas comunidades? Para responder tais questionamentos se fez necessário um mergulho na literatura histórica, ainda que breve, para compreender e adentrar numa prática de campo e interpretar os processos educacionais entre eles. Acredito que, ao responder essas indagações, esse trabalho irá contribuir para uma melhor compreensão dos processos sociais e políticos em curso entre os povos indígenas do Sul do Rupununi, além de proporcionar novas análises sobre a problemática educacional para os povos indígenas guianenses.

Para compreender o processo de constituição da educação escolar indígena entre os povos Wapixana, foi necessário também estabelecer uma metodologia a partir de um recorte etnográfico na comunidade Maruranau tendo em vista um olhar aproximado com a escola, seguido pelas narrativas dos sujeitos da pesquisa. Através das narrativas orais dos indígenas foi possível alcançar os objetivos da pesquisa.

Os Wapixana, como outros povos indígenas, vivem e transmitem suas experiências através da oralidade¹. As tradições orais são os meios pelo qual o

¹ Embora em muitos contextos os índios já façam uso de materiais escritos para essa tarefa.

conhecimento é reproduzido, preservado e transmitido de geração a geração. Neste contexto, narrar é uma forma básica da atividade linguística, ou seja, a habilidade de narrar é específica do ser humano e sua inteligência é a parte integrante da sua competência linguística e simbólica (PRZBYLSKI, 2011). As narrativas como produtos da cultura humana servem para transmissão de conhecimentos e outras atividades, como bem explica Hanke, (2003, p.118)

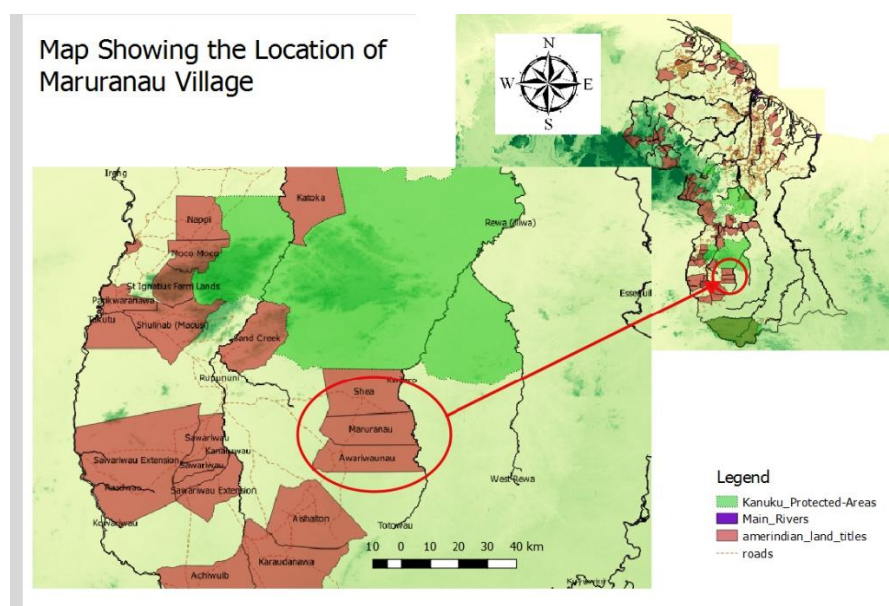
As narrativas servem como meio de percepção e a nossa realidade é resultado de uma construção narrativa. Narrar contribui para a estruturação da experiência humana, pois organizamos nossa experiência e nossa memória principalmente através da narrativa. A partir das narrativas são construídas teorias sobre a realidade e, sendo assim, elas servem como ponto de fuga através do qual torna-se possível a apreensão do cotidiano. Elas são meios de sociabilidade, pois através delas as experiências individuais são comunicadas e tornadas públicas ou socialmente conhecidas.

Como procedimento metodológico para acessar as narrativas sobre a escola e a vida comunitária, foram realizadas entrevistas com perguntas semiestruturadas para alguns alunos adolescentes, professores, pais e outros moradores da aldeia, que pediram para não serem identificados, por isso, se utilizaram nomes fictícios como forma de preservar a integridade dos mesmos². A pesquisa de campo foi realizada nos meses de maio e junho de 2016; também me vali da minha experiência anterior numa outra aldeia Wapixana, Aishalton, quando trabalhei como professor voluntário no ano de 2014.

A aldeia Maruranau localiza-se na porção leste final do sul do Rupununi, entre duas outras aldeias, Awarawanao, a 5 km ao Sul, e ao Norte, Shea, localizada a 2,5 km. Dista ainda a 157 km ou 98 milhas de Lethem, principal centro urbano da região. A aldeia possui sua terra titulada (demarcada) desde 1970, cujo tamanho é de aproximadamente 109.118 milhas quadradas; e uma população de 830 indivíduos, em 2017. Maruranau foi fundada em 1922, a partir dos processos de conversão ao cristianismo pregado pelo lendário padre Cary Elwes, na aldeia de Sawariwao onde moravam; após esse evento, os moradores decidiram fixar residência em um local inabitado às margens do igarapé Maruranau, devido à escassez de água no antigo local (HENFREY, 2002). O nome do igarapé deu origem ao nome da aldeia.

² Exceto os senhores Martin Charlie, Tuxaua Patrick Gomes, Leo Gomes e sua esposa a senhora Gena Gomes, e a senhora Juliate George.

Figura 1 - Mapa da Terra Indígena Maruranau



Fonte: *Amerindian Peoples Association*, 2017.

A presente dissertação está organizada em três capítulos. O primeiro capítulo discorre sobre a educação escolar na Guiana, do período colonial aos nossos dias, enfatizando suas modificações no decorrer dos anos e sua introdução e entre os indígenas no Sul do Rupununi. O segundo aborda aspectos históricos, de localização, população e observações socioculturais gerais sobre os Wapixana. O terceiro capítulo trata da escola e da comunidade com o objetivo de apresentar, a partir do campo, a introdução e a experiência da educação escolar entre os Wapixana e as respostas que os mesmos têm dado ao modelo de educação que tem sido proposto a eles.

CAPITULO 1: O MODELO EDUCACIONAL NA GUIANA

1.1 A Educação Compulsória

O atual modelo ou sistema de educação vigente na Guiana é em parte herança da colonização que passou por modificações ao longo da história recente. Ainda no período colonial, sob o domínio dos ingleses, foi implantado, através da lei de educação compulsória de 1876, um sistema educacional voltado para a manutenção do *status quo*, então baseado nos critérios de classe e cor, o qual em si mesmo é uma herança da sociedade colonial e escravocrata (BACCHUS, 1998).

Ainda conforme esse autor, no modelo de ensino daquela época, os filhos dos escravos, africanos e indianos, tinham acesso ao ensino primário que tinha como característica principal o ensino da língua inglesa, rudimentos de matemática, práticas agrícolas e o ensino religioso. Já os filhos dos colonizadores, brancos, tinham acesso à educação elementar e secundária, tendo em vista a ocupação de cargos públicos na Colônia (Ibid, 1988).

Neste contexto social, a elite branca, tida como líder da sociedade colonial, pouco se manifesta no sentido de alterar ou mesmo fazer uma revisão do sistema de educação do país. Fica nítido que a própria elite serve como ferramenta nas mãos dos colonizadores britânicos, e, juntamente com a igreja, buscam estimular e atuar como agentes a fim de criar valores europeus entre os colonizados; este, desde cedo, é também encorajado a adquirir produtos europeus a fim de criar demandas de consumo.

Os negros e indianos eram também tratados como sendo de uma classe inferior, sujeitos, portanto, às imposições do sistema de *plantations* e da cultura eurocêntrica, onde a igreja e a escola serviam como instrumentos para transformar a população indiana e negra em um povo pacífico e obediente aos seus colonizadores (BACCHUS, 1998, ISHMAEL, 2012;).

Esse modelo de educação que existiu durante os anos da colonização Inglesa na Guiana passou por modificações com o tempo de modo que

as instituições educacionais começaram a abrir espaço para os filhos dos escravizados que eram os indianos e afros guianenses que conseguiram alcançar uma educação que pudesse lhes oferecer profissões mais concorridas como medicina, direito e, mais tarde, odontologia (BACCHUS, 1998 p.2).

Uma maior expansão do sistema aconteceria somente a partir da metade da década de 1940, após diversos movimentos de reivindicação da população em idade escolar (BACCHUS, 1998). Analisando a história da educação colonial guianense, podemos constatar que, na literatura sobre o sistema de educação, a população indígena foi ofuscada nesse processo. Isto aconteceu segundo as fontes, porque durante o século XIX, o governo colonial concentrava seus esforços principalmente na faixa litorânea do país, vista como lucrativa devido aos grandes enclaves de açúcar; o interior do país, por sua vez, era visto como reserva de recursos naturais, tais como ouro, diamante, bauxita, manganês e madeira.

Neste contexto, os índios eram negligenciados por conta do sistema de *plantation*, sendo deixados sob os cuidados dos missionários, cuja responsabilidade era lhes ensinar a língua inglesa, catequizá-los e, enfim, integrá-los à sociedade colonial (SANDERS, 1987). Assim, o contato com os índios ocorreria somente a partir da exploração dos recursos naturais do interior, na segunda metade do século XIX. Educação e evangelização seriam indissociáveis nesse contexto, cujo objetivo era “civilizar” os povos pagãos selvagens da colônia, como uma forma de “iluminar a escuridão do primitivo e sua mente selvagem com a luz do evangelho” (MENEZES, 1977, p. 209).

Para a região do Rupununi, em particular sua porção Sul, a educação escolar os atinge apenas na metade da década de 1940, quando os missionários Jesuítas Ingleses estabeleceram as primeiras instituições educativas de ensino primário entre os Wapixana e Macuxi (McCAFFREY, 1972-1986). O padre Bernard McKenna chegou à Guiana em 1946 e se fixou nas savanas do Sul do Rupununi, um ano mais tarde. De sua base na aldeia Sand Creek, ele foi responsável pelo ministério espiritual de oito aldeias, e também responsável pela administração de cinco escolas da Igreja Católica. Estas escolas tinham sido estabelecidas por seu antecessor, padre Banham, nas aldeias Sand Creek e Aishalton (1944), Karaudarnawa (1946), Sawariwau e Maururanau (1947). (FORTE & MELVILLE, 1988, p.215). Voltaremos a esse tópico no capítulo 3.

1.2 O Modelo Nacionalista

Quando a Guiana conquista sua independência da Inglaterra, em 1966, o governo pós-independência cria um novo modelo de educação, nos anos 1970, no qual são fechadas as escolas administradas pela igreja. O governo tira o controle da educação

que estava nas mãos da elite branca religiosa, ou seja, descoloniza a educação e cria um sistema de ensino apropriado à nova nação, no qual liberou a educação primária e secundária para todo o povo. O governo também expande e estabelece centros de formação para professores em várias regiões do país. Desde a implantação do novo sistema educacional, o governo independente reconhece a necessidade de educar os jovens, cujas capacidades podem servir para o desenvolvimento da nova nação baseada numa visão socialista (ISHMAEL, 2012).

Anos mais tarde, em 1980, a Guiana altera sua Constituição, em que se toma a independência como um ensejo para declarar o seu compromisso com a ideologia socialista do Burnham o presidente que comandava o país naquela época. O Artigo primeiro da Constituição afirma que, “a Guiana é um Estado indivisível, laico, democrático, soberano no discurso da transição do capitalismo para o socialismo e deve ser conhecida como a República Cooperativa da Guiana” (LUTCHMAN 1992, p.9).

Com essa nova Constituição, a descentralização da educação concebida pela legislação de 1980, passa a requerer uma estreita colaboração entre o Ministério da Educação e o Ministério do Governo Regional, onde seus papéis e responsabilidades seguem linhas definidas; bem como o desenvolvimento das capacidades educacionais estabelecidas (WEBSITE OF MINISTRY OF EDUCATION, ASSISTANT CHIEF EDUCATION OFFICERS, 2017).

No entanto, esse modelo de educação nacionalista sofre um impacto negativo da política interna, causado pelos dois principais grupos étnicos, a saber, os indianos e os afro-guianenses, os quais disputam o poder pelo governo do país. Neste novo cenário político, a educação primária para os índios na Guiana é negligenciada, e o que se via eram instalações precárias e pouca disponibilidade de profissionais (ISHMAEL, 2012).

Nas comunidades indígenas do interior, a maioria das escolas não tinha professores indígenas, exceto alguns professores indianos e indígenas do litoral, como os Arawak, que ajudavam os missionários na manutenção das escolas nas comunidades indígenas; esses professores ensinavam os índios na língua oficial inglesa que acabava tendo um impacto na língua e na cultura indígenas (FORTE & MELVILLE, 1989).

Porém, no decorrer dos anos até os dias atuais, com a constante troca de governo, o Modelo de Educação Nacionalista foi revisado e, desde então, o governo tem implantado mais escolas nas comunidades indígenas. Desta vez construiu escolas de ensino básico como uma forma de oferecer desde cedo uma “educação de qualidade” para os indígenas. Ressaltamos que esta educação possui dois elementos que os alunos

do ensino básico devem adquirir: a alfabetização na língua inglesa e conhecimentos básicos de matemática (STRATEGIC PLAN 2008-2013); seu objetivo é a construção da homogeneidade requerida pelo estado nacional moderno, conforme está escrito no documento que trata do plano de educação para os indígenas na Guiana: “a educação é compulsória para crianças, incluindo as crianças Ameríndias de 5 anos e 9 meses a 16 anos de idade.” (THE AMERINDIAN PEOPLES PLAN 2014, p.3)³

Este modelo de educação para o ensino regular vem sendo criticado no decorrer dos anos por organizações indígenas e indigenistas, tais como a *Amerindian Peoples Association* (APA) e a Igreja Católica, uma vez que não leva em consideração tanto a cultura quanto a língua dos indígenas; no entanto, percebe-se que houve a aplicação de uma pedagogia com elementos técnicos de um currículo regular que exige que as crianças adquiram um domínio da língua inglesa, que é considerada fundamental para a população atuar de forma interétnica no país. No mais, entre os índios, há os que aprovam o ensino regular nas escolas das comunidades, especialmente com professores que dominam a língua materna e as usam para facilitar a aprendizagem dos alunos indígenas (FORTE & MELVILLE, 1989).

Esse cenário gerou uma preocupação por parte dos indígenas para incorporar sua cultura, língua e valores no ensino primário, mas deve-se ter em mente que esse é um projeto de longo prazo a ser realizado pelo governo. Temos notado que o Governo está aberto a possíveis iniciativas que lidam com projetos para promover línguas indígenas como, por exemplo, *The Macushi Learning Project* (STRATEGIC PLAN 2008-2013). Aliás, a iniciativa de ensinar a língua Macuxi nas escolas no Norte do Rupununi foi implantada alguns anos atrás e recebeu o apoio do governo central. Essa iniciativa proporcionou não somente a preservação da língua, mas também serviu para melhorar a qualidade da educação em geral, e ainda teve o mérito de oferecer às crianças Macuxi a aprendizagem em sua língua materna (WIHAK, 2009).

³ Disponível em: <http://www.education.gov.gy/web/index.php/projects/guyana-early-childhood-education-project/item/1019-amerindian-peoples-plan-app-guyana-early-childhood-education-project-draft-7-1-2014%20Acessado%20em%2025-06-2015> Acesso 21-01-2016.

1.3 Os Planos Estratégicos

A educação escolar na Guiana é mantida pelo governo através do Ministério da Educação de modo que seu ministro é responsável pela política e administração da educação no país. O sistema é similar aos de outros países anglófonos da comunidade do Caribe, que é baseado no antigo sistema educacional Britânico filiado ao *Caribbean Secondary Education Certificate* (CSEC), muito semelhante ao Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), aplicado no Brasil. De acordo com Kamnasaran (1993), o sistema de educação é resultado da reforma curricular que o governo de Burnham fez em 1977, cujo objetivo socialista ou nacionalista era uma ideologia direcionada à sociedade local, no qual o governo promove a reestruturação do conteúdo da educação regular com elementos relevantes e apropriados à realidade cultural da Guiana, e do Caribe.

O Ministério da Educação é o maior que há no país em termos de assistência e investimento em projetos de políticas educacionais. O sistema segue o Plano Estratégico 2008-2013, que é a quarta etapa de uma série de planos de educação, elaborado durante as duas últimas décadas. Há um esforço para se identificar as políticas e estratégias prioritárias de que o sistema de ensino necessita, como, por exemplo, o foco na alfabetização e conhecimento lógico-matemático nos anos do ensino básico e fundamental, para que os alunos possam apresentar um bom desempenho nas aulas de inglês e matemática, em vista de prosseguir para uma melhora significativa na qualidade da educação e ajudar a nação a enfrentar os desafios colocados pela globalização e as rápidas mudanças tecnológicas (STRATEGIC PLAN 2008-2013).

Este esforço de planejamento teve o apoio do Governo da Guiana (GOG) e de agências bilaterais, em 2002; o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) deu apoio à atividade por meio de um consultor internacional através do programa de Educação Básica de Acesso, Gestão e Suporte (EBAG). Essa assistência também foi fornecida pelo Banco Mundial para um planejamento mais detalhado sobre questões específicas. Além disso, destacou que essa unidade de Planejamento do plano estratégico do país costuma utilizar seus próprios recursos regulares que vem do orçamento do governo central para completar as atividades necessárias (STRATEGIC PLAN 2008-2013). Como afirma o plano estratégico, o sistema de educação objetiva tanto garantir uma educação que contribua para elevar o nível de vida dos cidadãos, como também serve para melhorar os efetivos globais da educação. Dessa maneira, as

declarações de visão e missão são importantes contribuições do setor para o desenvolvimento de uma cidadania capaz de modernizar o país. Estes objetivos e os valores centrais do Ministério permanecem geralmente os mesmos que eram em 2003 (Ibid, 2008-2013).

A educação regular é composta pelos seguintes níveis: pré-escola ou creche, primário, secundário e pós-secundário do ensino técnico e profissional, formação de professores e ensino superior na universidade. O ensino também está voltado para a educação de adultos, e um serviço de educação à distância e continuada. Além disso, há escolas especiais que servem para os estudantes portadores de necessidades especiais e para os outros que estão socialmente desfavorecidos ou em circunstâncias especiais (Ibid, 2008-2013).

Segundo o Plano Estratégico (2008-2013) a educação pública é gratuita, do ensino básico ao secundário, para todos os guianenses e é oferecida para as crianças a partir da idade de 5 anos e 9 meses; muito embora haja 3 anos de ensino secundário compulsório no qual os alunos geralmente são obrigados a concluir o ensino médio até a idade de 16 anos (Ibid, 2008-2013). A educação superior não é gratuita, mas há alguns programas de bolsas e um programa de empréstimo para os estudantes que se destacam no ensino médio e que queiram entrar no ensino superior.

Segundo o website que lida com o orçamento nacional do país, *Guyana Information Service* (2017), o orçamento para o setor de educação da Guiana para 2017 foi \$ bilhões 43.1 ou 17,2% de dólar guianense um equivalente de 1.9 milhão dólar americano. Deste montante de 2,9 bilhões dólares guianenses e um equivalente de 133.8 milhões dólar americano foi fornecido para apoiar as operações inclusive o programa de empréstimo de estudantes (GUYANA INFORMATION SERVICE, 2017).

Segundo o Plano Estratégico (2008-2013) que foi revisado e mudou o nome em 2017 para o *Guyana Education Sector Plan* (2014-2018), durante o último 5 anos um media de 15% do orçamento nacional foi dado ao setor de educação, e a educação como uma porcentagem do PIB é aproximadamente 4.7 por cento (Ibid, 2014-2018) Veja tabela de despesa em educação:

Tabela 1 - Despesa em Educação

Ano	Orçamento Nacional	Orçamento de Educação	% do Orçamento nacional	PIB	% PIB
2009	118, 329	19, 269	16 %	359, 549	5.4 %
2010	122, 148	18, 755	15 %	400, 922	4.7 %
2011	139, 757	22, 176	16 %	460, 108	4.8 %
2012	161, 079	24, 121	15 %	511, 337	4.7 %
2013	162, 174	23, 632	15 %	537, 428	4.6 %

Fonte: (GUYANA EDUCATION SECTOR PLAN, 2014-2018)

No plano estratégico (2008-2013) alguma prioridade do Ministério de Educação teve como alvo o ensino fundamental e médio com proposta de aprimorar alfabetização e conhecimento matemático, ciência e tecnologia (GUYANA EDUCATION SECTOR PLAN, 2014-2018).

Esta disposição representa a convicção do governo de que a educação é uma prioridade na melhoria do status social do povo na Guiana. No entanto, existe uma realidade de um elevado número de estudantes por apresentarem um despenho escolar, saem da Guiana após terminarem a educação universitária em busca de melhores oportunidades e melhores condições econômicas no exterior, chamado de “fuga de cérebro”. Assim, a oferta de educação prepara os estudantes guianenses para procurar trabalho fora do país embora, o governo tenta implementar políticas para combater esses desafios com sistemas onde alunos beneficentes de bolsas de estudos tenham que repagar, por exemplo os professores do interior quando terminaram sua formação na faculdade em Georgetown tenham que voltar a trabalhar em sua comunidade ou região para 5 anos e depois na maioria das vezes continuaram ali trabalhando (pensamento do autor).

No entanto, a meta da equidade de educação em servir todos os cidadãos, particularmente àqueles em idade escolar, é sem dúvida um grande desafio. Segundo o documento *Amerindian Peoples Plan* (2014), tendo em vista que os resultados dos últimos exames não foram positivos, principalmente porque ainda há populações de difícil acesso, o que dificulta o ensino, como em países em desenvolvimento e aqueles desenvolvidos cujos serviços mais sofisticados são encontrados nos centros urbanos;

assim, ocorre que nas áreas rurais onde a população pode ser vista em desvantagem, como se lê:

a maioria da população e os serviços de infraestrutura e recursos ficam concentrados na costa, particularmente em Georgetown. Aliás, a geografia do país dificulta o acesso tanto no deslocamento como na comunicação com as comunidades isoladas no interior. Por conta disso, segundo esse documento sobre a educação aos indígenas no interior da Guiana, a educação e outros serviços fornecidos ao interior e regiões ribeirinhas caem abaixo do padrão nacional (AMERINDIAN PEOPLES PLAN, 2014, p.4).

Um fato a ser observado é que existe um significativo número de professores sem a qualificação necessária para ministrar aulas nos níveis do ensino básico e fundamental da educação no interior, o que gera preocupações quanto à implementação de novas abordagens voltadas para a alfabetização (INDIGENOUS PEOPLES PLAN, 2017).⁴

Segundo ainda o *Indigenous Peoples Plan (2017)*, não existe uma política explícita de educação para as crianças indígenas na Guiana e, como há diferenças no serviço de educação entre as escolas do litoral e do interior, os do interior estão em desvantagem em relação aos primeiros, em termos de educação de qualidade e diferenciada, embora o documento afirme que “o Ministério da Educação incentiva a acessibilidade ao ensino em todos os níveis de educação, de todos os subgrupos, diminuindo a diferença no resultado de aprendizagem entre os subgrupos especialmente entre estudantes em regiões da costa e o interior” (Ibid,2017.p.4).

Com esse propósito, recentemente o governo lançou uma política educacional originalmente chamada THE AMERINDIAN PEOPLES PLAN 2014, que é revisada e adaptada regularmente, baseada no plano nacional de educação (Plano estratégico 2008-2013) para combater um aspecto desse desafio, como o serviço de merenda e uniforme escolar para as escolas primárias das comunidades indígenas no interior e também como uma forma de incentivar a permanência das crianças na escola. Além disso, o projeto conta com uma reforma do currículo que apresenta os seguintes objetivos: mais ênfase na qualidade das lições nas creches e do primeiro grau do ensino fundamental, por meio da implementação de novas estratégias, visando desenvolver as emergentes capacidades em alfabetização (INDIGENOUS PEOPLES PLAN, 2017).

⁴ Este plano é a última versão de 2017 e foi atualizado incluindo novas propostas voltadas a reforma curricular e diminuir a diferença no resultado de aprendizagem entre os subgrupos especialmente entre estudantes em regiões do litoral e o interior nas escolas básicas e primárias localizadas no interior do país.

Tais objetivos são realizados por meio de matérias pedagógicas junto com um plano que serve como guia para os professores nas escolas do interior. As matérias pedagógicas requerem que as crianças aprendam por meio de jogos individuais ou independentes. O projeto inclui também a comunidade e os pais para que eles orientem as crianças sobre a importância da aprendizagem. No entanto, quando perguntei a um funcionário do projeto sobre o resultado, este disse que *“é muito cedo e no momento há algumas áreas que estão sendo monitoradas”* (John, outubro de 2016).

Esse funcionário observa também que a APA e a Igreja Católica concordam com o programa de merenda e uniforme escolar, mas ao mesmo tempo mostram um olhar crítico, pois acreditam que esse serviço promove uma certa passividade em relação a educação ofertada aos índios. Porém, o funcionário em sua visão crítica a essa realidade disse que *“essa atitude de passividade da população indígena, frente ao serviço de educação, vem da mentalidade de ser presenteado, tutelados e assim esperar para receber mais. Eles não percebem que é uma responsabilidade deles também, o seu próprio desenvolvimento”*. (John, outubro de 2016).

Ao reconhecer a importância da educação para a população do interior da Guiana, na maioria indígena, que sofre desvantagem financeira e acesso a uma educação secundária, o governo implantou uma política chamada *Amerindian Scholarship Program*, em 1962; porém em 1976, com uma nova administração, o nome mudou para *Hinterland Scholarship Program* para facilitar aos não indígenas que passam pelo mesmo desvantagem financeira e acesso a uma educação secundária. Esses alunos veem dos povoados como *Lethem*, e outros localizados em diferentes partes remotas da Guiana que tem menos presença indígena. Segundo o documento *Ministry of Amerindian Affairs Hinterland Scholarship program, (2017)*, desde o início do programa, foi oferecido bolsa para mais de 1 mil pessoas.

Atualmente, cerca de 80 bolsas de estudo são oferecidas anualmente e um número de alunos que estão enfrentando dificuldades financeiras, uma vez que estes são verificados são oferecidos assistência. Aproximadamente duzentos e noventa cinco (295) alunos estão no programa anualmente e outros vinte (20) recebem assistência. Este montante inclui alunos que frequentam instituições em todo o país.

Este programa é realizado pelo Ministério de Assuntos Ameríndios, cujo objetivo é proporcionar aos estudantes das comunidades e povoados não indígenas do interior uma educação secundária e técnica, de que não podiam ter acesso em suas comunidades, e que por meio do programa é possibilitado aos alunos do interior sua

integração a sociedade geral da Guiana. (MINISTRY OF AMERINDIAN AFFAIRS HINTERLAND SCHOLARSHIP PROGRAM, 2017).

O sistema de bolsa funciona tanto para estudantes indígenas como não indígenas do interior, e ocorre da seguinte maneira: a bolsa atende aos estudantes do nono ano do Ensino Fundamental que foram aprovados no exame nacional chamado *National Grade Six Accessment Exam* (NGSAE). Os alunos que alcançam 480 pontos na prova conseguem uma bolsa para estudar em uma escola secundária da sua própria região, que é chamado bolsa regional. A outra é a bolsa nacional, em que o aluno que obteve uma pontuação acima de 480 pontos, tem a vantagem de ingressar em uma escola secundária superior, na capital Georgetown.

Os alunos com idades entre 15-18 anos, especialmente aqueles que no passado – devido a indisponibilidade de Escolas Secundárias em suas regiões – não tiveram acesso ao ensino regular, têm a oportunidade de ganhar uma bolsa para estudar nas instituições técnicas nas áreas de mecânica, agricultura, ou ainda em escolas de artes, ou então escolas técnicas de gastronomia. Esses alunos são selecionados pelo critério de que possuem ao menos três ou mais disciplinas da prova nacional do *Caribbean Secondary Education Certificate* (CSEC).

A bolsa de estudo, para indígenas e não indígenas do interior do país, é um pequeno investimento do Ministério de Assuntos Ameríndios em seu plano anual que representa mais do que 45% do atual orçamento anual deste ministério. No período de 2002-2004, a média de orçamento anual foi de aproximadamente 34 milhões dólar guianense ou 156.9 mil dólares americano. Em 2005, esse montante aumentou para 54 milhões ou 249.2 mil dólares americano para atender a demanda (MINISTRY OF AMERINDIAN AFFAIRS HINTERLAND SCHOLARSHIP PROGRAM, 2017).

Todavia, a crítica que se faz a esse programa recai na expectativa que ele não tem ajudado o desenvolvimento econômico dos indígenas na Guiana até agora. As razões incluem o fato de não há um fluxo de trabalho que permita que os estudantes bolsistas possam retornar a suas aldeias. A maioria dos bolsistas que fazem graduação com a expectativa de progredir financeiramente é obrigado a se distanciar de suas regiões em busca de melhores empregos, “.... Ironicamente, no resultado da seleção estão as crianças indígenas que possuem um maior coeficiente de rendimento escolar, o que atrai esses estudantes em busca de qualificação para fora de suas aldeias” (FORTES 1996, p. 10).

A educação escolar no Sul do Rupununi⁵ é oferecida a população pelo Ministério da Educação, através das autoridades regionais do ensino. A pessoa responsável para esse é chamada o *Regional Education Offficer* (REDO). Essa pessoa é nomeada por um órgão chamado Serviço de Comissão Pública para trabalhar juntamente com uma equipe de educadores profissionais voltados para desenvolver, implementar, orientar e avaliar o Plano de Educação segundo as necessidades da comunidade e as metas do Plano Estratégico Nacional (CHESNEY, 2011). Este chefe do departamento Regional de educação da Região nove tem sua sede localizada em Lethem, o Centro Administrativo da área, mas além dessa pessoa, há outras cinco, chamadas de *District Education Officers* (DEOs) que estão encarregadas da educação nos diferentes subdistritos que são: o Distrito Norte, Distrito Centro, Distrito Sul-Centro, Distrito Sul, e Distrito Parakaimas do Sul (DEPARTAMENTO REGIONAL DE EDUCAÇÃO DA REGIÃO 9, LETHEM 2016).

De acordo com o departamento regional de educação, a região é composta em sua maioria por comunidades indígenas, e conta com 31 escolas de ensino básico, 45 de ensino fundamental e 4 de ensino médio. O número de alunos dessas escolas é de 4.560 estudantes do sexo masculino e 4.313 do sexo feminino, num total de 8.873. Para essas escolas existem 130 professores, 66 do sexo masculino e 64 do sexo feminino (Ibid, 2016).

O departamento regional de educação para o subdistrito do Sul do Rupununi é localizado em Aishalton, a principal comunidade. A pessoa designada é chamada de *District Education Officer* (DEO), e é responsável por administrar as atividades das escolas como a merenda, uniforme escolar, livro didático; lida com novos professores que estão entrando no sistema do ensino, e os docentes que estão saindo para se formar como professores no centro de formação de professores em Georgetown ou em sua própria região, além de outras atividades nas escolas; e mesmo tempo estar em contato com a sede principal, que é o departamento de educação regional em Lethem (Ibid,2016).

Nessa estrutura da educação regional que atende as escolas do Sul do Rupununi encontra se a comunidade e escola de Maruranaui que é localizada no leste final da região. A aldeia conta com uma população de 830 moradores desse número 260 são alunos na escola. Embora os indígenas tenham sido introduzidos à educação formal nos

⁵ O Sul do Rupununi também é chamado de Região 9.

anos de 1940, a maioria deles ainda fala sua língua materna e mantem uma relação de continuidade com os primeiros indígenas que habitaram a região, através de suas práticas socioculturais. Voltaremos a esse tópico no capítulo 3, por ora nos voltaremos para a discussão sobre os Wapixana.

CAPITULO 2: OS WAPIXANA

2.1 Localização e história

Os Wapixana são um povo de língua Arawak, tradicionalmente habitantes da região de campos, no Brasil e campos e florestas na Guiana. Na Guiana, as aldeias Wapixana concentram-se entre os rios Tacutu, Rupununi e Kwitaro, cujos limites ao norte são as montanhas Kanuku e o território Makuxi; e ao sul, seus limites estendem-se até as proximidades do território Wai-Wai. No Brasil, suas aldeias localizam-se na porção nordeste do estado de Roraima, com maior concentração na região chamada Serra da Lua, entre os rios Branco e Tacutu. Aldeias mistas Wapixana e Makuxi são encontradas no baixo rio Uraricoera e nos rios Surumu e Amajari onde também ocorrem aldeias mistas Wapixana e Taurepang (FARAGE, 1997).

As fontes históricas indicam a presença dos Wapixana na região do rio Branco e adjacências desde o século XVIII. Os Wapixana que habitam o Sul do Rupununi teriam se deslocado do vale do rio Branco, ainda naquele século, fugindo da escravidão e do processo de aldeamento articulado pelos portugueses (HENFREY, 2002). Todavia, a literatura aponta outra hipótese, como aquela que teriam se deslocado da região do rio Essequibo onde foram responsabilizados, pelos holandeses, de matarem seus funcionários (HARRIS AND DE VALLIERS, 2011). Esses autores sugerem ainda que o Rupununi e outras áreas remotas da Guiana teriam sido áreas de refúgio para povos indígenas antes da chegada dos europeus, devido às guerras intertribais recorrentes na região.

Quando os Wapixana se estabelecem no Sul do Rupununi, no século XVIII, aí já existiam outros grupos demograficamente reduzidos, em consequência das doenças trazidas pelos colonizadores, como os Taruma, Atorai, Amariba, Paravilhana e outros. Posteriormente, esses “remanescentes” seriam incorporados pelos Wapixana através de casamentos (AMERINDIAN LANDS COMMISSION, 1969. DAVID B, *et al* 2006). Em razão disso, é possível encontrar, nos dias de hoje, pessoas que ainda mantêm viva a memória sobre a origem Atorai ou Taruma, conforme lemos a seguir:

Nossos avós nos diziam que há muito tempo atrás, o Sul do Rupununi era o lar de uma variedade de povos indígenas. Essas pessoas incluíam os povos Atoradnao, Daozai, Tarabaino, Chiibizaidnao, Arokonnao, Parau Yanna, Paaowishiyanna, Maoyanao, Karapunnao, Taromnao, Nikanikarunao, Burokotonao e Macuxi, bem como nosso próprio povo: os Wapixana. Algumas dessas pessoas como o Atoradnao, Parau yanna, Daozai e

Paowishiyannao falavam línguas e seguiam costumes semelhantes aos dos Wapixana, enquanto outros como o Burokotonao falavam línguas Caribe. Embora houvesse, por vezes, conflitos entre diferentes povos, havia também relações amigáveis e cerimoniais e comércio entre indivíduos e comunidades.

Muitas dessas pessoas sofreriam um pesado número de mortes por doenças como a varíola, o sarampo e a gripe, introduzidas pelos holandeses e portugueses, nos séculos XVIII e XIX. Eles também sofreram pesadas perdas através de ataques de escravos durante o tempo colonial.

Durante o último período colonial, as populações começavam a se reagrupar em algumas partes do Rupununi onde estabeleceram comunidades misturadas de Wapixana, Atorad, Daozai e Macuxi. Sobrevivendo Atorais e as pessoas de Taruma muitas vezes se casam com as comunidades de Wapixana, e assim hoje em dia um bom número de nosso povo tem pelo menos um avô ou bisavô que foi Atorai ou Taruma. Mesmo depois de uma longa história de casamentos mistos ainda há algumas pessoas em nossas comunidades que se identificam como Atorai ou Taruma (DAVID *et al*, 2006, p.9).

Esta longa passagem ilustra o intenso contato entre povos distintos e suas relações, que variavam desde aquelas amistosas – envolvendo trocas comerciais e cerimoniais –, e aquelas conflituosas, como as guerras intertribais. Segue-se então um período de acomodação, com o estabelecimento de intercassamentos, dando origem às comunidades Wapixana, que se perpetuaram ao longo do tempo.

Independentemente da presença de pessoas que por ventura se identificam como Atorai e Taruma, a língua Wapixana, além do inglês, é falada pela maioria da população. “A língua Wapixana moderna falada pela população é uma amalgamação de Wapixana e Atorai.” (HENFREY 2002, p.18). Situações análogas foram documentadas entre os Wai-Wai, do rio Mapuera (HAWORD, 1990), e nas aldeias multiétnicas (Macuxi, Wapixana, Taurepang, Saporá), do rio Uraricoera (CAVALCANTE, 2012), para apenas dois exemplos.

Apesar da “mistura” entre povos e da memória sobre um povo que lhes deu origem, dados mostram que nas aldeias do Sul do Rupununi, 94,5% da população se declara Wapixana, exceto duas aldeias Shulinab, localizada no distrito Centro-Sul, com população mista Macuxi e Wapixana; e a aldeia de Parabara, localizada no rio Kuyuwini, no extremo Sul, que é mista Wai-Wai e Wapixana (DAVID B *et al*, 2006 p.9). Casos de casamento com não índios, guianenses e brasileiros, não são tão comuns, exceto alguns casos de casamento com negros, na comunidade de Archiwib (AMERINDIAN RESEARCH. UNIT, 1989).

Quanto à população, do lado guianense estima-se cerca de 8.395 pessoas (DAVID, B *et al*, 2006; ver Figura 1). No Brasil, esse número seria em torno de 7.832 pessoas, em aldeias nas regiões acima mencionadas (OLIVEIRA, 2012). Ao discorrer

sobre a história Macuxi, Santilli, (1994) observa que na década de 1920, houve um intenso movimento de deslocamento de indígenas do lado brasileiro para a Guiana, em consequência da atividade da pecuária nos campos de Roraima. Tal experiência inverteu-se na década de 1960, quando do movimento que culminou na independência da Guiana, com os índios buscando refúgio no Brasil, fugindo da situação de insegurança provocada por conflitos políticos.

No Sul do Rupununi, de acordo com o *Amerindian Research Unit* (1989), há muitos intercassamentos entre Wapixana e Macuxi. Isto demonstra certo número de falantes bilíngues, ainda que o Wapixana seja aquele a falar mais de uma língua indígena por exemplo o Macuxi e outros. No entanto, é importante destacar que há pessoas idosas que vivem em aldeias remotas, no Sul do Rupununi e em Roraima, que falam apenas a língua Wapixana.

Segundo pesquisadores Pierre et al da Universidade da Guiana que documentaram sobre a língua dos indígenas que habitam o Sul do Rupununi “a língua Wapixana era a mais favorável aos linguistas americanos para promoverem a forma escrita” (*AMERINDIAN RESEARCH UNIT*, 1989,p.64), ainda que os missionários católicos anteriores também empreendessem esforços no sentido de documentar e aprender a se comunicar com o povo na sua língua materna⁶. No entanto, a língua escrita dos Wapixana, na Guiana, teve uma forte influência do *Summer Institute of Linguistic* cujo caráter teve uma influência evangélica durante seu processo de elaboração. Note que, os Wapixana do Sul do Rupununi aproveitaram os elementos técnicos e científicos dos missionários americanos para produzir seu próprio alfabeto e assim elaborar seu sistema de escrita, enquanto que aqueles no Brasil tiveram um incentivo dos católicos para promover tal projeto (OLIVEIRA, 2012).

A maioria dos Wapixana brasileiros tem uma percepção comum dos Wapixana da Guiana como sendo mais tradicionais, em razão de conservarem mais a língua nativa, os costumes dos antigos, como aqueles ligados às práticas xamanicas. Além da língua e do xamanismo, existe a questão da terra para os Wapixana, pois em ambos os países, Guiana e Brasil, essa população teve suas terras reduzidas pelas ações do Estado, no que diz respeito ao reconhecimento de seu território (Ibid., 2012).

No Brasil, o processo de demarcação das terras indígena da Serra da Lua começou no final da década de 1970. Este processo reproduziu basicamente os limites

1. Disponível em: <https://www.wycliffe.ca/wycliffe/resources/exclusive.jsp?exid=20>
Acessado em 12-12-2016.

impostos pelos fazendeiros e transformou-se em uma pequena parcela demarcada de forma descontínua ou ilhas. Enquanto isso, no outro lado do rio Takutu, os Wapixana da Guiana enfrentam uma situação semelhante, já que suas terras são demarcadas em pequenas ilhas ao Sul do Rupununi (DAVID B et al 2006).

Na Guiana, ainda há intensas reivindicações e críticas dos Wapixana ao governo com relação ao reconhecimento do seu território, não obstante, em 1977, algumas de suas principais comunidades tenham recebido o título definitivo de suas terras, limitadas, aliás, a uma pequena porção que não cobre toda a extensão de seu território, o que fez com que muitas famílias passassem a ocupar terras agrícolas que não estão legalizadas (Ibid., 2006).

Tabela 2 - Aldeias Wapixana no Centro-Sul e Sul do Rupununi

SUL	
Aishaltara Toon	1,200
Shii	380
Karaodaz Naawa	952
Marora Naawa	781
Awaru Wa'ó Naawa	590
Achawib	580
Parabara	100
CENTRO-SUL	
Showaru Wa'ó	554
Katoonarib	426
Shurinab	583
Potarinao	570
Shizizi	90
Baitoon	224
Parikwarinao	170
Katu'ur	218
Suburuin (S Creek)	727
Zoopo Não	250
Total	8,395

Adaptado de DAVID B *et al*, 2006.

2.2 Holandeses, Ingleses e Portugueses

Habitantes de uma região fronteiriça, os Wapixana, como outros povos indígenas, passaram por um duplo processo de colonização: a princípio, com a ocupação colonial portuguesa no vale do Rio Branco, no século XVIII, com os aldeamentos indígenas. Nos séculos IX e XX, ocorre a ocupação dos campos pela pecuária, atingindo os Wapixana no interflúvio Branco-Takutu. Os colonizadores portugueses teriam adotaram tal estratégia de ocupação com o intuito de proteger sua fronteira de invasores holandeses (FARAGE, 1991; SANTILLI, 1994).

Já na região do Sul Rupununi, segundo Borges da Silva (2005), a colonização holandesa entre os Wapixana se deu basicamente por meio de relações comerciais, ou então com os indígenas servindo como guias nas florestas de mata virgem. Algo semelhante aconteceria tempo depois no contato com os britânicos, ainda que a atividade econômica não fosse tão intensa. Naquela época, de acordo com estudos sobre os Wapixana da Guiana, quando o país passou ao domínio da colônia inglesa, em 1814, a economia era baseada na produção de açúcar e arroz, que se encontravam na região litoral ou costeira do país.

Uma vez que a percepção dos britânicos sobre os povos indígenas era de que estes preferiam o conforto da natureza e não a seriedade do trabalho, eles não foram incluídos no sistema econômico do litoral, neste contexto, a partir do século XX, teve início uma exploração sistemática do gado bovino juntamente com os Wapixana, onde os fazendeiros começaram a criar alianças com os líderes das comunidades indígenas (OLIVEIRA, 2012; FARAGE, 1997).

Borges da Silva (2005) observa que antes do estabelecimento da fronteira internacional entre o Brasil e a Guiana, em 1904, havia um ou dois comerciantes ingleses que se estabeleceram na região a fim de explorar tanto as fontes de minerais como comercializar produtos com os indígenas. O autor também menciona ter havido alguns fazendeiros brasileiros na região do Rupununi antes da entrada do Sr. H.P.C Melville, que, aliás, seria aquele que estabeleceria uma aliança com a população indígena da região através do casamento com duas mulheres indígenas como forma de facilitar a criação do seu gado na área do Rupununi.

Assim, o contato do povo Wapixana com o mundo ocidental deu-se durante o período que antecedeu a independência da Guiana, no século XX, motivado particularmente por três fatores: o primeiro deles é a pecuária que envolveu muitos

indígenas no cotidiano das fazendas, desenvolvendo as atividades de vaqueiros; segundo, o comércio de borracha, responsável por estabelecer a economia monetária na região; e por último, a igreja católica, que por meio dos jesuítas, engajava-se na evangelização e educação do povo Wapixana (HENFREY, 2012).

2.3 A economia da borracha

Em 1891, foi estabelecido a criação de gado, no Sul do Rupununi, por H.P.C Melville. Segundo Borges da Silva (2005, p. 62), “Melville foi o filho de um diácono e de uma família escocesa e não querendo seguir o caminho de seu pais teria chegado a área do Essequibo, por volta de 1890, atraído por histórias sobre ouro na Guiana”. Melville se casou com duas indígenas do Sul do Rupununi, o que facilitou seu estabelecimento na região. A partir daí, sua ambição pelo ouro tomou um outro foco e então começou a investir na criação de gado e também na exploração da borracha. Borges da Silva (2005) explica que os fazendeiros começaram o projeto com os Wapixana através de alianças com os líderes das comunidades indígenas:

Premiando os tuxauas com certo número de reses, por permitiram o uso de suas terras como pastagens, possibilitando-lhes a formação de pequeno rebanho. Desta forma, este sistema mostrou-se muito eficiente por possibilitar o gado avançar sobre terras indígenas e inserir o índio como vaqueiro nas fazendas (BORGES DA SILVA 2005.p.43).

Assim, a força de trabalho para sua empresa veio principalmente da população Wapixana e Melville foi considerado o primeiro chefe e guardião dos indígenas, bem como aquele a influenciá-los por meio trabalho sistemático e assalariado (FARABEE,1967).

Além da empresa estabelecida sob o nome de *Rupununi Development Company* (RDC), os fazendeiros também foram fundamentais no estabelecimento do comércio da Borracha, em Apoteri, onde estava localizada a sede da empresa, na junção dos rios Rupununi e Essequibo (AMERINDIAN LANDS COMMISSION, 1969).

Essas atividades influenciaram o modo de vida tradicional dos Wapixana, porque eles aprendiam sobre a criação de gado nas fazendas atuando como vaqueiros. Este contato com os Wapixana continuou ao longo dos anos proporcionando-lhes “oportunidade de emprego”, onde podiam trabalhar tanto nas fazendas como nos seringais.

Assim, a partir da entrada dos fazendeiros, da criação de gado e da empresa de borracha no Rupununi, estas atividades se tornaram economicamente importante para a população indígena e existe até os dias de hoje. Uma evidência disso é que, enquanto a pecuária praticada pelos brancos diminuiu no decorrer dos anos, entre os Wapixana, o manejo do gado ainda é visto na maior parte dos campos onde eles habitam (CONSERVATION INTERNATIONAL, 2015).

2.4 Os Missionários Jesuítas

Em 1909, os Jesuítas estabeleceram uma missão em *Ariwa*, nome Macuxi de um tipo raro de peixe encontrado no rio Tacutu, que mais tarde foi rebatizado com o nome de Santo Ignácio, em homenagem ao fundador da Companhia de Jesus, em 1540, na Espanha.

A partir desta base, o pioneiro padre jesuíta Cary Elwes começou suas visitas às comunidades Macuxi espalhadas ao norte e centro do Rupununi (BRIGDES, 1985a). O jesuíta Bridges que documentou as atividades do sacerdote pioneiro da Missão Rupununi destaca que, em seguida, o padre começou a visitar outras comunidades Wapixana, no sul da região. Sua primeira tarefa foi encontrar com pequenos grupos de Wapixanas para catequizá-los, por meio de cantas e músicas, convidando-os a serem batizados, e em seguida incentivando a construção de capelas naquela região (Ibid,1985a).

Suas visitas aos Wapixana não foram frequentes, mas o jesuíta Cary Elwes deixava orientações das atividades de oração, entre outras coisas, sendo que desta forma podiam convencer mais indígenas ao batizado na próxima visita do padre. Naquela época, a maioria dos Wapixana habitava a boca da mata, mas o padre os convidava a habitar as savanas onde podiam ficar ao redor das capelas. Dessa maneira, o povo começa a se deslocar da boca mata para habitar aos redores das capelas nas savanas e, em seguida, formar pequenas comunidades (Ibid,1985a). Muito semelhante, aliás, com a metodologia missionária tradicional das Missões Salesianas, no Alto Rio Negro, em 1916, de formar povoados ao redor das igrejas, na qual os aldeamentos tinham a finalidade de evangelizar e civilizar as populações indígenas da região (DA COSTA, 2011).

No início, na sede dos Jesuítas, localizada em Santo Ignácio, ao lado do rio Tacutu, os missionários Jesuítas e as Irmãs Misericórdias tentaram fundar uma escola

convento, em 1910, que serviria para toda região do Rupununi, muito similar à primeira escola⁷ convento para indígenas, localizada em Santa Rosa (noroeste do país). Mas não durou muito, principalmente devido às condições precárias do lugar, além de outros desafios que as freiras encontraram durante aquela época, o que dificultava sobremaneira o trabalho missionário que subsequentemente veio a falir (Mc CAFFREY, 1972-1986).

Todavia, alguns anos depois, na metade dos anos 1940, teve início a construção de escolas para oferecer educação formal aos Wapixana, tanto do Sul do Rupununi localizado na Região Nove, quanto de Pakaraimas do Norte localizadas na Região Oito da Guiana. No que diz respeito a este serviço de educação, alguns documentos da igreja católica Mc Caffrey (1972-1986) observaram ter sido como afirma Bacchus (1998), o resultado da expansão do sistema educacional que ocorreu a partir da década de 1940, após movimentos reivindicatórios da população em idade escolar, na época colonial da Guiana. A partir daí, as comunidades indígenas que inicialmente já tinham suas igrejas, começavam também a ter suas escolas construídas pelo trabalho coletivo dos próprios indígenas. A educação passou a ser algo de interesse do próprio povo indígena, e dessa maneira começaram a morar aos redores das escolas e capelas, formando assim comunidades com uma população cada vez maior (AMERINDIAN LANDS COMMISSION, 1969).

Segundo o padre jesuíta McCaffrey 1972-1986⁸ que documentou a história da escola no Rupununi, apontou que os professores das comunidades Wapixana, na Guiana, foram, em grande parte, recrutados nos anos de 1940, trazidos da comunidade de Arawak, Santa Rosa e Moruca, localizada a noroeste do país. Estes professores indígenas foram para o Rupununi mesmo não tendo formação suficiente para atuar nesta função, porém, possuíam um grande entusiasmo e generosidade para trabalhar entre os seus irmãos indígenas, especialmente para ajudar a desenvolver a Igreja Católica, juntamente com os sacerdotes (ROESEL, 1998; BRIDGES, 1988b).

⁷ Em 1880, foi fundada a Primeira Escola do convento dirigido pela Igreja Católica em uma das primeiras comunidades Católicas e indígenas, chamada Santa Rosa Moruca, localizada no Noroeste da Guiana. Esse serviço de educação do convento atendia as crianças da localidade, e de outras regiões do interior da colônia naquela época.

⁸ Este Jesuíta antes de morrer entre os anos 1972-1986 documentou as atividades da missão em particular a educação para os indígenas do Rupununi. Source: Letters and Notices: Vol.87. No.390. Made and Printed in Britain. Burleigh Press, LTD, Bristol. BS2 0QL. Easter 1986.

Assim, com a estratégia de “transformar” os nativos em cristãos, os Missionários Jesuítas serviam como administradores, e embora não havia um contato direto com os indígenas o intuito era o de ensiná-los ou catequisá-los valendo-se de outros grupos indígenas que já eram convertidos⁹, para então civilizar e converter todo o povo do Rupununi. Desta maneira, ao destacarmos a introdução da educação no Sul do Rupununi, tem-se a perspectiva de que a Igreja Católica, através dos missionários, era a única instituição não governamental interessada em ofertar algum tipo de educação aos povos indígenas no interior da Guiana, desde a época colonial, conforme lemos nesta carta de um morador do Sul do Rupununi em que ele agradece à igreja pela educação que recebeu dos missionários, quando o novo governo da Guiana assumiu a administração das escolas, na década de 1970:

Senhor,

Depois de toda a remoção da mesa e arranjos de papel que se seguiram à tomada de todas as escolas denominacionais¹⁰, gostaria de expressar publicamente os meus sinceros agradecimentos a todos os missionários católicos que dedicaram todo o seu tempo e energia a melhorar o bem-estar espiritual, social, mas mais especialmente acadêmico - de quase todas as pessoas do interior. É verdade que eles tinham suas falhas, mas o bem superou o mal de longe.

Os Missionários Católicos fizeram um trabalho prestigioso em nossas escolas - um trabalho duro. Eles lutaram em terreno acidentado através do qual o evangelho penetrou e sobre o qual fluía um fluxo de educação; houve a contínua batalha contra os elementos; havia a barreira da linguagem e o desconhecido sempre presente.

Eles sobreviveram por pura determinação e dedicação. Estas duas qualidades devem se tornar partes de todos os guianenses.

Devo registrar minha gratidão aos falecidos Pe. Cary Elwes, Keary, Banham, Wilson-Brown (o Grande botânico), Mather e Bishop Weld. Estes eram verdadeiros "embaixadores".

Mais tarde, Frs. McKenna, Bernard Brown, Maitland, Keane, O'Rielly, Metcalf, Kiss e Doc Loretz, entrou em cena. O último grupo ainda está conosco.

Seu campo de operação variou dos Pakaraimas do norte ao Rupununi do sul. Deixe-me perguntar se eu, um guianense, teria sido capaz de realizar tanto sob tais condições difíceis.

⁹ Em 1817, como resultado da revolução de Simon Bolívar para independência da Venezuela do domínio da Espanha, houve um grupo de indígenas espano-Arawak que escaparam da guerra, pois apoiavam os missionários capuchinhos contra Bolívar, e chegavam ao território de Guiana Inglesa. Ao chegaram em Santa Rosa Moruca, o governo Britânico deu-lhes asilo, porque já eram convertidos e civilizados, assim começaram a desenvolver e fundar a primeira comunidade Católica do interior na colônia, naquela época. Mais tarde, nos anos de 1940, esses indígenas foram contratados para desenvolver a missão no Rupununi, onde serviram como os primeiros professores dos povos Wapixana, Macuxi e Patamona, junto com os missionários Jesuítas. (Menezes, 1977); (Bridges, 1988b).

¹⁰ O narrador se refere a retirar ou remoção dos móveis e objetos do interior da escola.

O trabalho destes sacerdotes duplica a tarefa feita pelo falecido missionário Pe. Fray Junniper Serra entre os índios no que é agora conhecido como os Estados Unidos e México.

Escrevendo agora para as pessoas da minha aldeia, posso dizer com segurança que sempre se lembrarão do bom trabalho que os padres fizeram ao promover o Desenvolvimento Educacional nesses cantos remotos da Guiana. Levará gerações para apagar essas boas lembranças do trabalho que fizeram em nossas escolas.

Joe Torres

Achawib, S. Rupununi.

(JESUIT MISSIONS, Spring, 1977, p.14, tradução nossa)

2.5 O período pós-independência

A partir dessa abordagem histórica acerca da colonização entre os Wapixana, por meio da utilização das escolas, a população desenvolveu-se como um povo por meio da “Arawakização” dos Arawak que os influenciaram na religião e costumes, com o domínio da língua inglesa e demais elementos que refletia a cultura dos colonizadores. Como resultado dessa experiência, os Arawak que foram trabalhar entre os Wapixana, a maioria casado com Wapixana, não deixaram de enfrentar tensões em sua adaptação ao modo de vida de outro povo, mas tornaram-se o grupo mais bem sucedido em relação aos demais grupos indígenas no Rupununi, pois se destacaram por possuir uma vida sucedida entre os atuais povos do Rupununi (AMERINDIAN RESEARCH UNIT,1989).

Durante a realização desse trabalho de campo, observemos e fiz anotações durante as conversas informais sobre o seguinte: o projeto da igreja em oferecer educação aos Wapixana durante a época colonial ocorreu durante a maior atividade pecuária, em Dadanawa. Eles relataram que o trabalho educativo dos jesuítas inicialmente não foi permitido pelos chefes de fazenda, pois perceberam que os indígenas seriam educados, e assim começariam a compreender a realidade social na qual estavam inseridos, e isso poderia resultar em uma negação ao trabalho que eles desenvolviam.

Porém, os padres jesuítas e os donos das fazendas tinham interesses em comum, e assim resolveram trabalhar juntos para “civilizar” os indígenas por meio de seus distintos projetos de evangelização e pelo trabalho da criação de gado e pecuária. Essa foi a experiência histórica que formou o povo do Sul do Rupununi antes da independência da Guiana, no qual foram forçados a ser “transformados” por causa do estabelecimento de instituições como a Igreja, Escolas, e posteriormente por outro

serviço prestado como os postos de saúde, e demais serviços em suas comunidades. Todavia, segundo os pesquisadores indígenas David B et al (2006), por conta de seu mundo social, os Wapixana tanto entende e interpreta a sua existência como possuindo um nível elevado na prática de seus costumes. Isto, no decorrer dos anos, fez com que as comunidades adaptassem sua maneira de estabelecer seus assentamentos, a fim de manter sua prática cultural dinâmica, conforme lemos a seguir:

No contexto do que é chamado de jogo sérios, a realização de projeto, necessariamente acarreta, para alguns, a subordinação de outros. Mas estes outros, nunca completamente destituídos de agência, têm poder e projetos próprios, e resistência (da mais sutil à mais evidente) sempre é uma possibilidade (ORTNER, 2007, p.76).

Assim, em sua trajetória, os Wapixana do Sul do Rupununi estavam sujeitos a dominação pelo contato com povos de fora, e isso impactou na transformação de sua cosmologia, incorporando novas ideias, valores e adaptando-os na prática do seu mundo social indígena enquanto mantem contato com o mundo moderno.

Após a independência da Guiana, os indígenas sofreram com os conflitos políticos e os distúrbios provocados pelos indianos e afro-guianeses, cujo interesse principal era o poder político e a liderança do país. Esta crise política, juntamente com a recente instalação de governos socialistas, provocou uma revolta no Rupununi juntamente com os fazendeiros que eram contra o regime daquela época. Muitos indígenas que trabalhavam com os fazendeiros, e apoiavam Melville como líder da revolta sofreram as consequências da repressão (OLIVEIRA, 2012; FARAGE, 1977; BORGES DA SILVA, 2005).

Como consequência, o governo de Burnham (1966-1985) não deu prioridade ao desenvolvimento dos povos indígenas do Rupununi. Eles foram impedidos de ter acesso a melhores serviços de saúde e educação, advindo do governo central. Por este motivo, procuraram refúgio no país vizinho, Brasil, em busca de serviços sociais básicos. Neste país, “os índios Wapixana da Guiana adotaram nomes em português para evitar a acusação de serem estrangeiros” (FARAGE, 1977, p.56).

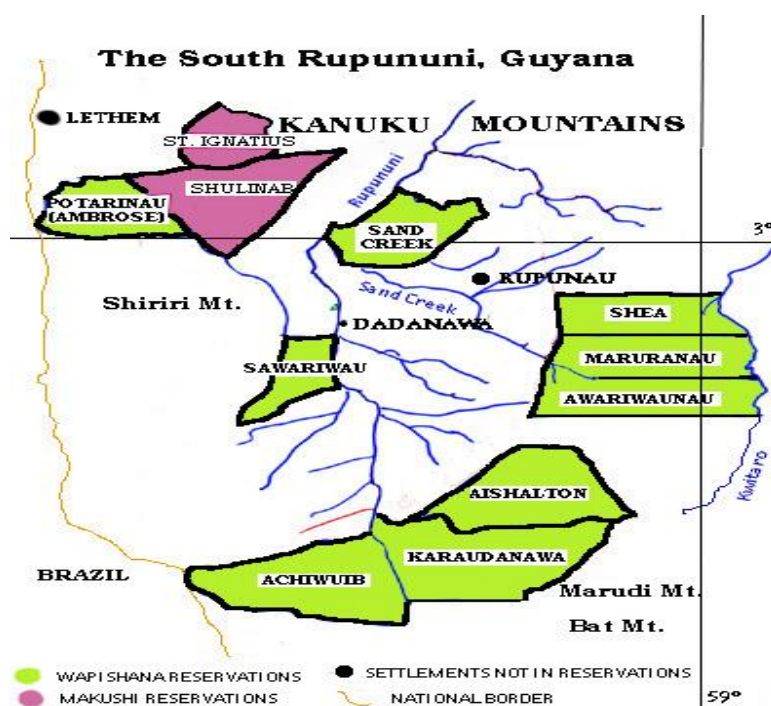
Segundo Macdonald (2014, p.84), “além disso, com o colapso das empresas de borracha e a pecuária que gerava renda econômica aos indígenas do Rupununi, os homens buscavam trabalho como vaqueiros nas fazendas em Roraima e a maioria das mulheres buscavam trabalhos domésticos em Boa Vista, Brasil”. Além desta questão socioeconômica da população Wapixana, há uma outra situação histórica que os indígenas da fronteira do Rupununi com o Brasil frequentemente têm ignorado: é o das

fronteiras internacionais. Muitos cruzam livremente a fronteira entre os dois países para visitar seus parentes, sem muita noção do sistema formal que existe na fronteira da Guiana com o Brasil (BAINES, 2012).

2.6 Os Wapixana do Sul do Rupununi

Em 2005, um grupo de indígenas do Sul do Rupununi deu início ao resgate de suas raízes históricas por meio do registro oral entre as pessoas idosas de suas comunidades, que resultou em uma publicação chamada *Wa Wiizi* (Nosso território) (DAVID B et al, 2006). Desse trabalho, sobretudo a partir da produção de mapas, é possível perceber as concepções Wapixana sobre território e territorialidade que contrasta com a visão oficial, de Estado.

Figura 2 - Terras Wapixana Oficialmente Demarcadas



Fonte: HENFREY, 2002.

Figura 3 - Wapichan Wiizi, Território ancestral



Fonte: MACDONALD, 2014.

No território chamado *Wapichan Wiizi*, na língua local, que compõe terras demarcadas e não demarcadas, as comunidades indígenas também criaram os seus próprios corpos intercomunitários, conhecidos como Conselho Distrital de Tuxauas, baseados na orientação do *Amerindian Act* (2006).¹¹ Segundo os pesquisadores Wapixana que levantavam dados sobre a história do território, a organização dos povos é composta por um grupo de líderes indígenas do subdistrito. Começou na metade do século XVIII numa forma de resistir as expedições dos Holandeses na região do Rupununi no entanto essa resistência foi mais tarde negada pelo poder colonial (DAVID B et al, 2006). Em 1890 com o estabelecimento da maior fazenda no Sul do Rupununi, a

¹¹ Na Guiana existe um sistema de ‘autogoverno’ executado por uma legislação chamada *Amerindian Act* (*Amerindian Act No 6, 2006*), o objetivo do *Amerindian Act 2006*, é fornecer proteção de forma coletiva para as aldeias (*villages*), concedendo terras demarcadas para as comunidades e promovendo a boa administração delas. A legislação reconhece a autoridade local das aldeias, chamado de *village councils* que é composto pelo tuxaua o líder, e seus conselheiros. Além disso, permiti que os tuxauas sejam *ex officio*, juiz de paz que atuam também como policiais locais, onde recebem um salário mensalmente e são eleitos a cada três anos por votação.

empresa *Rupununi Development Company* (RDC) que era comandado por Melville começaram a tomar posse de muitas terras dos indígenas. Além disso, afirma que durante o processo prolongado de definir as linhas das fronteiras entre Brasil e Guiana Britânica em 1904, os líderes Wapixana buscavam proteção de outros Wapixana dos Britânicos, fugidos da escravidão do Brasil e simultaneamente uma reconhecimento oficial de seu território no Sul do Rupununi. Para realizar isso, os tuxauas montaram uma delegação de indígenas composto de Wapixana, Atorai e Macuxi que foram a Georgetown para pedir as autoridades Britânicas providências com relação ao território. Como resposta ao pedido do grupo de indígenas do Sul do Rupununi, a autoridade Britânica lhes ofereceu proteção contra a escravidão do Brasil, porém, fizeram pouco para reconhecer seu direito a sua terra.

Mas, após pressão dos líderes das comunidades indígenas às autoridades britânicas e a empresa de RDC, algumas terras foram devolvidas nos anos 1930 para uma pequena porção das comunidades (Ibid.,2006). No entanto, não contente com as terras pequenas recebidas do governo colonial, os líderes de outras comunidades Wapixana se juntaram e reivindicaram por mais terras em 1967. Nessa luta os tuxauas continuaram pedindo ao governo a demarcação da terra, cobraram por maior território ancestral Wapixana, e em 1977 algumas conseguiram mas em porções pequenas. Desde então deve-se levar em consideração que desde o colapso da maior operação da fazenda de Dadanawa no Sul do Rupununi após da revolta do Rupununi em 1969, não havia em larga escala empresas de pecuárias e fazendeiros entrando e tomando terras dos Wapixana, ou investimento significativo para os indígenas. Assim, a negligencia do governo central em desenvolver a região do Sul do Rupununi foi uma benção disfarçada para o povo Wapixana (*pensamento do autor*). Segundo um líder Wapixana o seu Anthony James, relata que:

Entre 1944-96 eu fui participar em um encontro com indígenas em Brasil composto dos países da Guiana, Venezuela e Brasil e lá aprendi sobre os problemas que os indígenas estavam encontrados nesses países voltado a questões de demarcação de terras entre outras lutas dos indígenas, e quando voltei ao Sul do Rupununi Guiana, comecei a conscientizar os líderes Wapixana e assim recomeçar a reorganizar nosso povo a reunir e reivindicar para nosso território ancestral em vista para geração do futuro (ANTHONY JAMES, Junho, 2016).

Essa é a história da organização dos Wapixana que formaram um conselho composto de tuxauas do Sul do Rupununi no decorrer dos anos para reivindicar sua

terra ancestral e que continua até o presente (Ibid.2006). O conselho foi revisado, e na reunião de abril de 2016, criou-se um novo Conselho de Tuxauas que representa todo Distrito do Sul do Rupununi, no território dos Wapixana, com o objetivo tanto de colocar em prática como de reforçar a jurisdição sobre a agricultura coletiva, a caça, a pesca, a colheita, coordenar decisões coletivas internas e possibilitar o diálogo com o governo sobre a posse da terra, de modo que todas essas atividades sirvam como evidência do desenvolvimento do mundo indígena, através do uso dos recursos naturais e conservação da terra (DAVID B *et al*, 2006).

Durante a pesquisa de campo quando assistimos as reuniões observamos nas discussões e debates, que frente a esse movimento, o Conselho Distrital de Tuxauas não deixa de ter sua crítica em relação de algumas pessoas que possuem uma visão da lei oficial do país e de alguns tuxauas da região que não concordam com estes objetivos.

No que diz respeito ao seu território, segundo os pesquisadores indígenas, a maioria das aldeias do Sul do Rupununi possuem “nomes na língua local, e nomeados a partir da ecologia local, como as plantas e animais que são encontrados em abundância na região”, por exemplo: Maruranau é o nome de uma aldeia; Maruranau significa um Tatu gigante (DAVID, B *et al* 2006. p.15).

No Sul do Rupununi, a comunidade principal é a Aishalton, onde se encontram as sedes de instituições do governo, tais como: Escola de Ensino Fundamental, Hospital, Posto de Polícia, a torre do telefone entre outras entidades que servem as comunidades desta área do subdistrito do Rupununi. A população desta comunidade é de 1.200 habitantes, portanto, o maior em número populacional, enquanto que as demais áreas sequer chegam a mil moradores.

Em todas as comunidades Wapixana encontra-se hoje um “*compound*”, área central, como é chamada pelos indígenas (HENFREY 2002), onde pode encontrar prédios do governo tais como escolas primárias, escritório do tuxaua, uma radiofonia, igrejas, posto de saúde ou hospital, cantina, mercado, campo de futebol, edifício ou uma maloca onde são realizadas atividades sociais, e uma pista de avião localizada nas imediações da aldeia. Somente em duas aldeias *Sand Creek* e *Aishalton* ¹² há escolas secundárias.

¹² A Escola Secundaria de Aishalton foi estabelecida em 1999 e a Escola Secundaria de Sand Creek foi em 2012.

A maioria das casas possui painéis solares, poços de água nos quintais, alguns carrinhos de bois, cantinas, e inclusive, algumas pessoas possuem motocicletas ou *pick ups*. Para os indígenas do Rupununi, tanto Macuxi como Wapixana, é costume oferecer ao visitante um pouco de *Shebai/Xibé*, feito com farinha e água para saciar a fome, seja na roça ou na comunidade.

As casas dos indígenas são geralmente de formato retangular e de proporções modestas. Os principais materiais de construção das casas são a madeira, barro e folhas de palmeira (AMERINDIAN RESEARCH UNIT, 1989). No entanto, recentemente, há comunidades que pode-se encontrar casas que estão sendo construídas com tijolos, madeira, e telhado de zinco ou alumínio.

Em 2013, houve a instalação do serviço de telefonia móvel para os residentes do Sul do Rupununi, onde a maioria dos moradores tem acesso à telecomunicação em quase todas as aldeias, exceto as de Maruranau e Shea. O sinal de telefonia móvel não alcança diretamente a aldeia de Maruranau, mas apenas a cerca de um quilômetro de distância da comunidade. Por isso, durante nossa pesquisa de campo, observamos que é muito comum ver os indígenas na aldeia portando um celular, ou então se dirigindo para o ponto onde o sinal alcança, para ligar para familiares ou amigos fora da aldeia.

Apesar de os Wapixana recentemente terem acesso a sistema de telecomunicação, “a região ainda possui uma forte cosmovisão indígena, resultado de um lado positivo pela falta do desenvolvimento significativo nos anos anteriores na Guiana” (WIHAK, 2009, p.25). Ou seja, isto é o resultado da grande falta de interesse que os colonizadores tiveram pelos índios do interior no decorrer dos anos, e também por causa de um pensamento capitalista de que eles eram incapazes de trazer quaisquer benefícios econômicos, e que assim bastava deixá-los aos cuidados dos missionários (BORGES DA SILVA, 2005).

Esta atitude de indiferença dos colonizadores com os povos indígenas, de alguma forma, foi repassada ao governo após a independência do país, de tal modo que, mesmo nos dias de hoje, muito tempo depois da Revolta do Rupununi, o Governo Central da Guiana provavelmente não prioriza qualquer desenvolvimento significativo da Região Nove, em particular os do Sul, simplesmente por causa do envolvimento dos indígenas com esta Revolta (HENFREY 2002). Talvez por isso, os Wapixana do lado da Guiana sejam vistos como mais tradicionais do que aqueles do Brasil. Isto nos faz pensar o real motivo por que é tão difícil o acesso das estradas para se chegar às aldeias, e também a baixa presença da cultura urbana (SANTOS, 2014).

Os aldeamentos dos Wapixana estão localizados em área de savana aberta, e podem ser vistos da montanha ou de ilhas na própria floresta, onde o solo é bom para plantar (AMERINDIAN RESEARCH UNIT, 1989). Além disso, eles tendem a morar em pequenos assentamentos familiares perto de igarapés. Nestas áreas (FARABEE 1967), cultivam vários tipos de plantas, tais como banana, castanha, abacaxi, inhame, batata entre outras para a alimentação ou para vender. Segundo o *Amerindian Research Unit* (1989) o trabalho de plantar as roças geralmente é feito de forma coletiva, chamado na língua local de *manor*, na floresta ou na comunidade; além destas plantações nas roças existem outras frutas locais – mangas, buriti entre outras que crescem no cerrado e na floresta.

Os aldeamentos localizados na savana são caracterizados por árvores frutíferas perto das casas, em particular a mangueira e outros tipos de árvores, que dominam as colinas. Quando os frutos estão em época fértil, fornecem alimentos para os moradores e animais domésticos. Em quase todos os lares há criação de porcos, galinhas, e vacas para consumo interno, venda ou troca. Inclusive, na maioria das casas verifica-se a criação de cães para fins de caça.

Os homens preparam e plantam a roça com a ajuda das mulheres (Riviére, 1984), e segundo o *Amerindian Research Unit* (1989), também saem para caçar na floresta os animais silvestres; na savana procuram por veados e jabuti, especialmente durante o tempo de queimada. Entre os animais que se caçam na floresta estão: paca, veado, anta, tatu, capivara e tartaruga. Quanto à pesca, os Wapixana normalmente pescam durante a estação seca, quando os peixes são muitos (Ibid,1989).

O povo Wapixana também é conhecido por produzir redes feitas de algodão. Esta atividade ainda é praticada pelos indígenas, e é muito comum entre as senhoras. O algodão é plantado seja nas fazendas, na floresta ou no quintal da casa (FARABEE, 1967). A venda deste produto gera renda para as mulheres Wapixana. Outras atividades domésticas realizadas pelas mulheres são: farinha, beiju de mandioca e *Parakari* (a bebida fermentada). Esses trabalhos são feitos nas cozinhas, que faz parte da casa na savana ou casa na floresta. Nas casas é comum ter grandes tachos de forma circulares ou retangulares para torrar farinha, muito semelhantes com os do Brasil (AMERINDIAN RESEARCH UNIT, 1989).

Algumas aldeias indígenas estão localizadas perto de rios e outras nas proximidades de igarapés. Uma tradição entre os indígenas é a de envenenar os igarapés com uma planta cipó, chamada de timbó, como uma forma mais fácil de pegar peixes;

mas o arco e a flecha também são utilizados na pesca, juntamente com redes de pesca. O envenenamento dos igarapés é uma prática que tem causado um forte impacto ambiental com declínio do número de peixes na região. O uso de plantas ainda é um forte auxiliar na caça e na pesca. Alguns são plantados nos quintais das casas e outros encontrados nas fazendas e floresta (Ibid,1989).

Segundo Henfrey (2002), há diferentes pontos de vista entre os Wapixana no que diz respeito à conservação do meio ambiente. Menciona-se, por exemplo, sobre a necessidade de se garantir a continuidade do fornecimento dos recursos naturais, dos quais dependem as futuras gerações. Relata-se ainda sobre a necessidade de se valorizar as plantas locais utilizadas como medicamento caseiro quando o estoque de remédios estiver limitado no posto de saúde da aldeia; além de também manter a liberdade do povo local para a realização de suas atividades de pesca e caça como meio de se adquirir alimento. Ainda de acordo com Henfrey (idem), os Wapixana também manifestam preocupação sobre os pássaros e animais locais, que infelizmente são comercializados de forma ilegal, chegando ao ponto de torná-los raros ou extintos. No mais, discutem sobre o conflito em que, de um lado, se quer preservar os animais silvestres como os gatos selvagens, jaguar e puma, por outro lado, assume-se que podem ser perigosos para os humanos ou para a criação de gado, por exemplo. (Ibid, 2002).

Henfrey (2002) destaca que maioria dos indígenas concorda com este tipo de sistema de conservação citados acima, mas discordam quando o sistema é imposto de fora. No entanto, reconhecem a grande assistência técnica que a conservação de fora traz e oferece, a fim de ajudar nas decisões locais que possibilitaria a conservação tanto da fauna quanto da flora.

No que diz respeito à introdução da religião nas comunidades Wapixana do Sul do Rupununi, no século XX, a maioria se declarara como sendo católico. No entanto, recentemente, isto tem mudado com a entrada de outros grupos evangélicos nas comunidades. Observemos que a maioria das aldeias Wapixana compõe-se de vários grupos cristãos. Algumas aldeias, todavia, hesitam em permitir a entrada de certas igrejas, principalmente devido às experiências de outras comunidades, já que tem causado divisões¹³ nas comunidades católicas tradicionais, com a entrada destes grupos evangélicos. No entanto, muitos dos moradores têm a opinião de que é só uma questão

¹³ Existem algumas comunidades Wapixana católicas menos conservadoras que trabalham juntos com outros grupos evangélicos.

de tempo para que as aldeias católicas mais conservadoras flexibilizem suas relações com as demais igrejas.

Em um estudo feito sobre a crença, descobriu-se que os indígenas, mesmo admitindo que sejam católicos, praticam alguma forma de sincretismo. Seu nome para Deus é *Tominkar*, e é aplicado em serviços da igreja e no uso geral. Em geral, é considerado um ser diferente do “Criador todo-poderoso”, do cristão, uma vez que *Tominkar* também se refere aos espíritos que criam espécies de plantas e animais (FARABEE, 1967; HENFREY, 2002).

Os indígenas também acreditam em Pajés como curandeiros tradicionais. Na língua Wapixana ele é chamado de *Marunao* e *Marunawabo*. Admite-se que eles trabalhem como médicos tradicionais, complementando o serviço de saúde convencional disponível. Poucas são as pessoas que têm essa sabedoria nas aldeias, e muitos moradores lamentam a morte destes anciãos, porque com eles também morre este conhecimento acumulado de inúmeras gerações passadas que nos dias de hoje já é menos praticado. De acordo com Henfrey (2002), os índios também acreditam no Kanimé. Trata-se de uma entidade que povoa a cultura Wapixana, por isso mesmo, quando alguém da comunidade morre, em geral, sabe-se que aquele índio foi uma pessoa perversa em vida. No fim das contas, o que se verifica é que essas experiências foram causadas por algum tipo de inimizade, ou alguma desavença com pessoas de outras comunidades.

Como outros povos indígenas na Guiana, a vida dos Wapixana é baseada na agricultura de subsistência, que pode ser regulada por estações de seca e chuvosa. De acordo com um estudo feito sobre o ecossistema e a biodiversidade no Sul do Rupununi, David B, et al (2006), a região possui a característica de um “mosaico complexo de savanas e florestas” que engloba dois grandes ecossistemas: um de savana-pradaria que faz parte da savana Rio Branco-Rupununi, e outro tropical com uma grande variedade de tipos de vegetação. O clima na região é marcado por uma seca sazonal (setembro a janeiro), e uma estação chuvosa pronunciada que cria uma inundação extensiva das áreas baixas da savana (abril a julho).

Durante a estação seca, é costume dos indígenas gastarem um período extenso no trabalho agrícola, produzindo farinha ou fazendo *Sawarau* (bebida fermentada). Nesse período também recebem visitas frequentes de parentes, cujas fazendas estão localizadas naquela imediação (AMERINDIAN RESEARCH UNIT, 1989). No entanto, há uma época em que o tempo muda bruscamente, causando enormes inundações e a

destruição de fazendas agrícolas inteiras, o que gera muito transtorno e sofrimento. Estas mudanças das condições climáticas não só afetam as fazendas dos Wapixana, mas também impossibilita o deslocamento constante deles entre as demais comunidades, já que os rios transbordam e os igarapés ficam inundados, o que normalmente acarreta uma grande dificuldade no escoamento da produção de alimentos e outros serviços entre Lethem e o Brasil (Ibid,1989).

Além de seus costumes e crenças, os indígenas também se adaptaram facilmente a diferentes modalidades esportivas. Tudo começou no do Sul do Rupununi, há vinte anos. Há um grande torneio que ocorrem com a participação de times vindos de diferentes comunidades e todos concorrem a troféus e prêmios diversos. A época do ano em que os jogos são realizados é o mês de agosto e ocorre uma vez a cada ano, pois é justamente o período em que as escolas estão em férias. De acordo com o tuxaua atual da aldeia Maruranau:

Os jogos de agosto foram iniciados em 1996, cerca de vinte anos atrás aqui em Maruranau, por um grupo de pessoas que pensavam que era uma boa maneira para o povo se reunir. Na semana do torneio, há diferentes tipos de jogos como: futebol, críquete, vôlei, arco e flecha, inclusive, há um dia reservado somente para as atividades indígenas, como danças tradicionais, artes e ofícios, e alfabetização para promover a língua local. Os Jogos duram uma semana, e no encerramento os organizadores avisam qual povo sediará o próximo torneio para o ano seguinte (TUXAUA GOMES PATRICK, 2016).

Os membros fundadores dos jogos de agosto são: Sr. Adrian Gomes, Sr. Anthony James, e Royston O Connell (KAIEUR NEWS, 2014). O principal objetivo dos jogos é promover a cultura e manter a língua do povo indígena, do Sul do Rupununi. Mas, além disso, o que realmente se almeja é alcançar uma maior integração de diferentes comunidades por meio do esporte, pois só assim pode-se ter a visita de comunidades mais distantes; vale ressaltar que o torneio proporciona aos indígenas o trabalho e a organização coletivamente na preparação para eventos formais em suas vidas os quais não estão acostumados. No mais, também gera renda com a venda de produtos locais que as atividades dos jogos possibilitam.

Dessa iniciativa, os Jogos de Agosto passaram a ser de responsabilidade dos líderes locais das comunidades, no Sul do Rupununi. No torneio anual, a maioria das aldeias são Wapixana, e de algumas comunidades Wai-Wai, do extremo Sul. O tuxaua

Patrick Gomes da comunidade de Marurau nos informa o seguinte: "Eu penso que é a partir dos Jogos de Agosto que o *Heritage Celebrations* ¹⁴da Região Nove começou".

Figura 4 – Jogos de Agosto



Fonte: Arquivo pessoal, 2015.



Fonte: TONEY JAMES, 2015.

Os Wapixana que pertencem as 17 comunidades que formaram um Distrito, e em seguida fundaram uma organização não governamental (ONG) chamada *South*

¹⁴ A cada ano, na Aldeia de Santo Ignácio, há uma festa indígena onde todas as comunidades da Região nove se reúnem para prestar homenagem a sua cultura através de danças, e comidas típicas, entres outras atividades para o público em geral.

Central People Development Association (SCPDA) em 1992.¹⁵ A organização é dirigida por tuxauas, para tomar iniciativas tanto para preservar a cultura e tradições, como também para desenvolver aquela área rica em biodiversidade, junto com apoio do governo e de outras entidades internacionais (DAVID B *et al* 2006).

Essa ONG ganhou, no ano de 2015, o “Prêmio Equator” (*Equator prize* 2015) porque havia desenvolvido métodos inovadores de usar a terra e por criado um mapa digital para promover e assegurar os direitos ao seu território (EQUATOR INITIATIVE, 2015). Assim, colocou Guiana pela primeira vez no mapa do mundo quando recebeu o prêmio em Paris (Grifo do autor). Além disso, são ativos em promover a língua Wapixana nas comunidades por meio do projeto *Wapichan Wadauniinao Atio* (WWA) “*Wapishana Language Project*” que é localizado na aldeia Maruranau. Essa consciência de revitalização da língua dos Wapixana começou a receber apoio para o desenvolvimento de um sistema de escrita, nos anos 60, incentivado pelos linguistas Norte Americanos junto com o povo (AMERINDIAN RESEARCH UNIT, 1989).

O programa começou a trabalhar com a educação de adultos na tradução de textos bíblicos em Wapixana, com o objetivo de serem alfabetizados em sua língua. A partir dessa experiência, o povo foi alfabetizado e o que se tem visto é que muitos já sabem escrever em Wapixana. Atualmente, líderes e professores das comunidades estão pedindo ao Ministério de Educação da Guiana para adaptar um currículo de interculturalidade bilíngue, a fim de valorizar a cultura do povo e ensinar as crianças a sua própria história (DAVID B *et al* 2006). Essa reivindicação do povo ao governo ainda não foi atendida, embora esteja em negociação até o presente momento.

Segundo um documento do senhor Van Dongen (2002) funcionário do Unicef algumas Escolas do Sul do Rupununi, como Aishalton, Maruranau, Achawid, Awarewaunau, Shea e Karaudaranau, tiveram iniciativas educativas do projeto piloto chamado *Escuela Nueva*, em 1998, que produziu resultados positivos e, mesmo depois de encerrado, algumas iniciativas adotadas na época foram mantidas. Mais tarde, o governo introduziu duas escolas de Educação Secundária, ambas anexadas com dormitórios, para o povo do Sul, nas comunidades de Aishalton e em Sand Creek Centro-Sul da Região Nove. Desde então, a população dessa parte da Guiana tem o

¹⁵ SCPDA. South Central People's Development Association. É uma organização de desenvolvimento com um mandato para reduzir a pobreza e para autorizar e elevar a vida das pessoas do Sul e Sul Central Rupununi, na Guiana Disponível: <https://about.me/scpda> Acessado em 13-12-2016.

segundo grau para atender a maioria dos estudantes Wapixana. Ainda assim, as instituições não deixam de ter suas precariedades na oferta de seus serviços educacionais a população indígena.

Durante a pesquisa de campo e nas conversas informais com os Wapixana, em anos recentes, houve alguns casos de histeria nas escolas secundárias que afetam principalmente as alunas. Quando isso ocorre, os pais costumam retirar suas filhas das escolas para matriculá-las nos ensinos fundamentais em suas comunidades de origens. Acredita-se que isto seja o resultado de mudanças de hábito, onde as meninas indígenas saem de suas moradias, nas comunidades onde dispõem do convívio familiar, para residirem em quartos pequenos, cedidos para a moradia dos estudantes.

Em algumas Escolas Primárias e nas duas Escolas Secundárias da região, conta-se com voluntariados do *Project Trust Volunteers*¹⁶ (PTVs) que vieram de países da Europa com a proposta de contribuir com o ensino nas comunidades e aprender sobre os indígenas da Guiana. Esses voluntários moram nas aldeias e contribuem especialmente nas áreas de ciências.

Os voluntariados estrangeiros têm maior presença nas duas Escolas de Ensino Médio localizadas nas comunidades de Aishalton e Sand Creek, na região dos Wapixana, ao Sul do Rupununi. Inclusive, também são encontrados trabalhando em algumas Escolas de Ensino Fundamental em outras aldeias indígenas, como Sawariwau e Shulinab, exceto em Maruranau, embora a comunidade e a Escola estejam abertos a recebê-los.

¹⁶ Novo lote de *Project Trust Volunteers* aqui. Disponível em: <http://www.stabroeknews.com/2015/media/photos/08/28/new-batch-of-project-trust-volunteers-here/> Acesso 12-03-2017.

CAPITULO 3: A COMUNIDADE E ESCOLA

3.1. A história de Maruranau

A história do surgimento da aldeia Maruranau foi relatada a mim, por Juliate George, uma mulher de 59 anos, muito conhecida na comunidade e em outras aldeias por entrevistar as pessoas mais velhas das comunidades com o intuito de escrever histórias e mitos na língua Wapixana para o projeto *Wapichan Wadauniinao Atio* (WWA), o qual busca promover a escrita da língua para esse povo do Sul do Rupununi.

O surgimento da comunidade Maruranau começou com algumas pessoas que sobravam da guerra com seus inimigos, há muito tempo atrás. Os inimigos foram os Atorai e os Paraviana, essas pessoas vieram de um lugar chamado Taiano, no Brasil. Até hoje há evidências de rochas no mato alinhadas para mostrar os números de inimigos que vieram para atacar os Wapixana naquela época. E após a guerra os Wapixana começaram a viver de forma pacífica, estabelecendo na floresta em grupos e praticando sua cultura.

O grupo maior estabeleceu-se em um lugar chamado Sawaraminizinau. Na época não havia tuxaua, mas o grupo foi governado por um grande homem chamado Janshin (Johnson) que veio de uma outra aldeia chamada Sawariwau. Por muitos anos os Wapixana viveram na floresta onde praticavam agricultura, pesca e caça. Mais tarde, com a entrada da empresa da borracha na região de Apoteri (onde o rio Rupununi encontra o rio Essequibo), local que fica alguns quilômetros de Maruranau, alguns trabalhavam na empresa.

Nessa altura, a empresa comprava muita borracha, e os Wapixana aproveitavam para ganhar a vida para além da sua caça e agricultura. Mas, além da empresa da borracha naquela época no Essequibo, houve a maior fazenda na criação de gados no sul da região 9 localizado em Dadanawa, nas proximidades de Maruranau. Ali, alguns dos homens Wapixana costumavam ir trabalhar na fazenda de gados como vaqueiros da empresa. E lá os Wapixana aprenderam a fazer criação de gado e se tornaram vaqueiros.

Em 1919 o Pe. Cary Elwes, um Inglês Missionário jesuíta, chegou ao grupo Wapixana em Sawaraminizinau. O povo tinha convidado os outros de um lugar vizinho chamado Ishi-wao conhecido como Awaruwánu para atender o padre. As famílias encontradas em Sawaraminizinau foram: 1, James; 2, Lowis; 3, Buckley, 4, Edward Moses (a grande família); 5 Benjamin / Suttie e Elijah; 6, Anton; 7, McCracken / Campion; 8, Perry e 9 Marco.

Com estes grupos familiares, o sacerdote começou sua pregação e, em seguida, começou a missão em que ele nomeou Edward Moses como tuxaua. Depois um tempo, o povo e o padre descobriram que o lugar onde a primeira igreja foi construída, onde se encontravam os Wapixana, teve um problema com a obtenção de água para sobreviver. Eles, então, saíram de Sawaraminizinau ao um novo lugar onde havia água. Este novo lugar foi chamado colina de Marao, o que significa tatu gigante que também tinha um igarapé com água fresca e clara. Desde então, a comunidade começou a crescer e expandir com o estabelecimento da igreja em primeiro lugar, seguida pela escola mais tarde. Daí as pessoas começavam a construir suas casas perto nas colinas para a segurança de inundação e ver longe. Assim, hoje a aldeia é composta por a maioria Wapixanas, Arawaks, Makuxis, e Tarumas (JULIATE GEORGE, Junho 2016.)

O relato acima mostra claramente como a comunidade de Maruranau se originou, foi na época que acontecia guerras intertribais entre os Wapixana habitantes das florestas do Sul do Rupununi com outros grupos indígenas vindo do Brasil, os Atorai e os Paraviana. A entrevistada também relata que naquela época não existia tuxaua, mas sim uma espécie de líder por nome Johnson. A interlocutora evidencia a guerra na história dando exemplos das rochas enfileirados no mato que serviam de barreiras.

Os Wapixana foram morar em outra local acerca da boca da mata chamada Sawaraminiz-nau, onde o missionário Cary Elwes iniciou os primeiros contatos com eles; mais tarde tiveram que sair por escassez de água e foram para um lugar chamado de Marão, dando início a formação da comunidade de Maruranau. Juliate George destacou que enquanto os Wapixana habitavam a boca da mata e mudou para formar a nova aldeia, eles já estavam envolvidos com o trabalho sistemático da cultura ocidental com a borracha e simultaneamente a pecuária da criação de gados que deu um primeiro impacto na transformação de seu mundo social indígena naquela época.

E enquanto isso foram convertidos ao cristianismo que resultou no estabelecimento da capela e em subsequência começavam um ritmo acelerado de deslocamento dos Wapixana da boca da mata para habitar as colinas na savana que eventualmente formou “uma comunidade indígena cristã”. Sob estas atividades de contatos que vem impactando seu mundo no decorrer dos anos, havia a entrada da escola com o propósito de uma educação formal que deu um outro impacto na transformação da cosmovisão indígena onde começaram a ser alfabetizados e ser cristãos, e hoje a aldeia conta com a maioria Wapixana e outros grupos como Macuxi e Arawaks que fazem parte da comunidade por meio dos casamentos.

Figura 5 – Placa na entrada da aldeia Maruranau



Fonte: Arquivo pessoal, 2016. A aldeia de Maruranau é localizada 98 milhas ou 157 quilometres distância de Lethem

A comunidade de Maruranau está localizada 157 quilometres ou 98 milhas de Lethem. Ela está situada no meio de duas aldeias, Awarawanau 5 km no Sul, e ao Norte é Shea, localizado 2,5 km. Estas três aldeias estão ligadas por uma estrada de areia que atravessa as savanas e igarapés e passa pelo centro da aldeia de Maruranau. A comunidade possui sua terra titulada que é de aproximadamente 109,118 milhas quadradas e a titulação de sua terra foi conseguida por meio da garantia do estado após alguns anos de reivindicação do líderes Wapixana que, no final conseguiram mas uma pequena porção. A aldeia possui uma população de 830 indivíduos¹⁷. O atual tuxaua é o Sr. Patrick Gomes¹⁸.

Concentrada aproximadamente a 2 km da boca da mata como eles chamam (onde a floresta termina e a savana começa), os grupos de famílias nucleares podem ser compostos por parentelas relacionadas entre si e que vivem em uma colina só e é distribuído largamente de acordo com o espaço disponível e apropriado (HENFREY, 2002).

Nesta localização geográfica, no norte de Maruranau existe uma parte chamada cidade da mangueira (a explicação para esse nome é a grande quantidade de Mangueiras), nesse local encontra-se a moradia da família tradicional O'conell, e mais

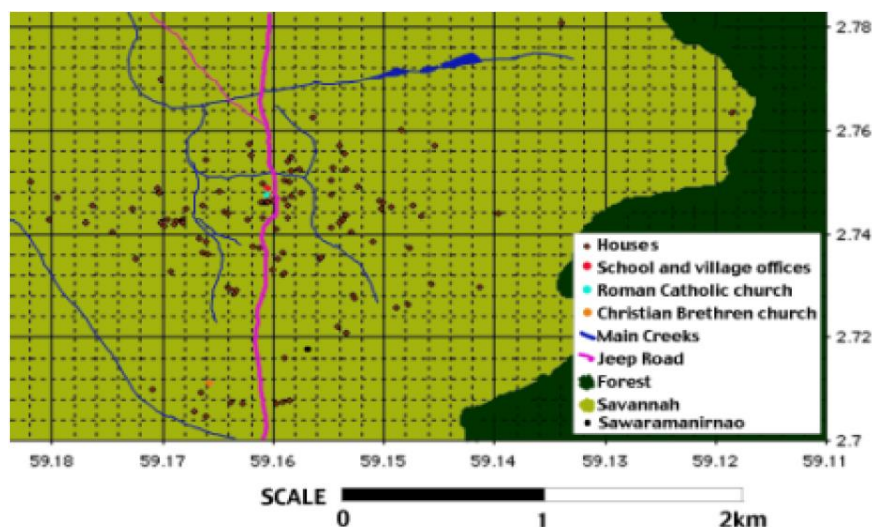
¹⁷ Maruranau Village disponível em <http://indigenouseoples.gov.gy/amerindian-villages/maruranau/> Acessado 10-11-2016.

¹⁸ O atual Tuxaua da aldeia Maruranau o senhor Patrick Gomes, é um Arawak de Moruca da região Norte Oeste da Guiana que casou com uma mulher Wapixana da comunidade.

embaixo localiza-se o igarapé de Marau. Para se localizar nessa região, além de utilizar os rios e igarapés, também se usa muito as colinas, dessa forma; perto da colina chamada Marau tem-se a moradia de outra família tradicional, a família Gomes. E na adjacente colina Marau encontra-se a de Tarântula que é habitada pela família Perry. Já na parte noroeste da comunidade, existe a colina jacaré que é próxima a colina de veado. Perto desta área encontra-se a colina de cemitério, e no sul da aldeia existe um igarapé chamado de cutelo, onde fica a estrada principal que passa para chegar Maruranau, da aldeia vizinha de Awarawanau.

A aldeia é composta de um centro, onde está concentrada a maioria dos edifícios governamentais, como as duas escolas, a creche e ensino fundamental, o posto de saúde e outros, tais como a igreja católica, outras igrejas cristãs, o edifício do projeto da alfabetização na língua Wapixana, o escritório do tuxaua e seus conselheiros da aldeia, a maloca, uma pista de pouso que fica numa distância fora da comunidade, um pavilhão e o campo de futebol. Existem muitos animais domésticos, como vacas e ovelhas que se alimentaram de capim no centro da comunidade, e por isso os prédios do governo e outras construções são cercadas para evitar que os animais entrem nos locais (HENFREY, 2002).

Figura 6 - Mapa da comunidade de Maruranau



Fonte: HENFREY 2002.

A parte central da aldeia é localizado sobre uma colina, e a partir daí, tem uma bela vista das casas sobre as outras colinas e os igarapés com buritizais abaixo. De lá também se pode ver a rocha que fica na aldeia de Shea na distância e do recife dos buritizeiros na savana. A maioria das casas têm árvores como a mangueira e outras

plantas no jardim que colabora com esse autor: os grupos de casas espalhadas são compostos por famílias nucleares (RIVIÉRE,1984). As casas são feitas de tijolos de adobe e coberta com palhas de buriti. Existem também algumas casas modernas feitas de zinco de alumínio e paredes de concreto localizadas em colinas próximas na savana de céu aberta. Além disso, observemos que existe várias trilhas que serve como caminhos para chegar nas casas dispersas na aldeia, e na maioria das casas há um pouco de horta no quintal onde plantam pimentas, abóboras, e outros vegetais para o consumo doméstico. Aliás o sr. Patrick Gomes o tuxaua da aldeia informou que cerca de 50% dos lares possuem um poço de água no fundo do quintal para abastecer as famílias.

Esse projeto do poço artesiano segundo o tuxaua, contou com apoio da comunidade. Objetiva para que cada morador tenha acesso a água, e foi uma iniciativa da liderança da comunidade junto com os moradores de alguns anos atrás. Além disso, o governo implantou um projeto que fornece energia através do painel solar, dessa maneira, em cada casa existe um painel solar, os painéis solares¹⁹ proporciona o acesso a luz elétrica para as comunidades indígenas. Além do acesso à energia elétrica, há outros artigos básicos que proporcionam uma vida mais confortável dos Wapixana por exemplo: bicicletas de marca monark, gás de cozinha, camisetas *t-shirts* com palavras em português e chinelos da marca havaiana. O acesso a estes produtos pode ser explicado por Mac Donald (2014), por a maioria das famílias terem parentes que trabalham no estado de Roraima – Brasil e assim voltam com bens materiais trazidas da cidade para a comunidade, ou seja, existe uma circulação de bens e produtos entre a cidade e a comunidade, na qual a cultura não está restrita ao local da aldeia mas vai além de seus limites, ampliando sua rede de trocas a partir do momento que os membros que estão em outra localidade interajam com sua terra de origem (SHALINS, 1997). Outro aspecto que observemos durante a pesquisa de campo foi que alguns participantes falavam um pouco de português, inclusive há presença de música brasileira, principalmente o forró que os indígenas escutam.

Geograficamente a aldeia é dividida em dez (10) seções ou famílias grandes e são medidos em quilometres em distância do centro da comunidade, são eles: (1) Toronau;²⁰ (2) a cidade de David 1 km; (3) Lanistown 1 km; (4) Kuruku 1,5 km; (5)

¹⁹ Gov't to hand out 6,000 solar panels in Hinterland. Disponível em: <http://www.stabroeknews.com/2015/news/stories/02/26/govt-hand-6000-solar-panels-hinterland/> Acesso 20-11-2016.

²⁰ Este pequeno assentamento é da família Taruma única que ainda está em Maruranau e do Sul do Rupununi.

Karishanau 1 km; (6) Kuruwashewanu 3 km; (7) Bishaudau 2 km; (8) Awarubaunau 1 km; (9) Matatunau 2,5 km e (10) Richie's Rock. Essas seções são basicamente compostas de agregado familiares como afirma Rivière (1984), e são espalhadas nas colinas próximas do lavrado, no qual cada conselho tem uma responsabilidade sobre essas na aldeia.

Figura 7 – Casa de Agrupamento Familiar em Maruranau



Fonte: Arquivo pessoal, 2016.

Quanto à organização estrutural da comunidade, Maruranau possui uma casa de pousada na comunidade que serve para abrigar os visitantes e turistas que a visitam. No centro existe uma grande maloca para sediar atividades como, reuniões e celebrações da comunidade. Há também uma casa de mercado para venda de produtos. Além destes, existem algumas cantinas na aldeia, entre estes tem a cantina principal gerenciada pelos membros da gestão da comunidade. As cantinas locais, são particulares e recebem os seus produtos comerciais das lojas de Lethem semanalmente e os transportes para estes são fornecidos principalmente por pessoas de fora. Os operadores que fornecem os produtos aos moradores geralmente são reconhecidos e aprovados pela autoridade local na comunidade.

Existem dois sinos que sinalizam para que as pessoas participem das atividades ou eventos na aldeia. Um deles está localizado no campo da Igreja Católica e é usado para sinalizar os moradores a participarem das atividades da igreja, como cultos, funerais e orações. E todos os dias às 5:00 horas da manhã os indígenas tocam para chamar para oração na capela. O outro sino está localizado no centro da aldeia, e é

usado para notificar os moradores a participarem do trabalho coletivo da comunidade que acontece semanalmente, para assistirem reuniões, e para informá-los dos esportes e outras atividades que estejam acontecendo na aldeia.

Figura 8 - A Maloca da Comunidade



Fonte: Arquivo pessoal, 2016.

Outra característica a se destacar em Maruranau é o grupo cultural²¹ criado com o objetivo de promover a cultura da comunidade por meio de composições que são cantadas na língua local e em inglês. Inclusive é comum a adaptação de músicas brasileiras à língua nativa dos indígenas. Grupos culturais são comuns na maioria das comunidades indígenas na Guiana, pois surgem da iniciativa das lideranças junto com os moradores da comunidade para manter e promover a cultura indígena (AMERINDIAN ACT 2006). Dessa forma, perpetuam a tradição nos níveis locais e nacionais, especialmente durante o mês de setembro, período de homenagem aos povos indígenas na Guiana. Além desses grupos culturais encontrados em comunidades indígenas no país, existem também os clubes de esportes. Maruranau tem dois clubes: o primeiro é de futebol e o segundo é de voleibol, conta com um time formado por sexo masculino e o outro formado pelo time do sexo feminino, essas equipes dispõem de um campo de futebol.

²¹ Em algumas comunidades indígenas, existe mais de um grupo cultural, na maioria das vezes são criados promovida por linhas partidos de políticos que exerce uma forte influência, quais sejam: *People Progressive Party* e *A Partnership for National Unity* (APNU), um do governo em poder e outra da oposição que normalmente gera divisão nas comunidades indígenas. A comunidade de Maruranau optou para ter só um grupo cultural de caráter neutro que representa a aldeia em eventos culturais.

Na aldeia, a primeira língua é Wapixana e a segunda é o Inglês. Dados fornecidos pelo tuxaua, afirma que Maruranau é composta por 170 famílias; entre as idades de 16 a 40 são jovens e adultos, entre as idades de 3-16, um total de 260 em idade escolar da creche e do ensino fundamental.

Sobre a religião na comunidade, existem outros grupos de Igrejas Evangélicas além da Igreja Católica a qual é dominante. A maior parte da residência vai para esta instituição, principalmente aos domingos. Durante a pesquisa de campo assistimos uma missa e observamos que após o culto existem notícias e anúncios feitos pelo tuxaua sobre as atividades que estarão acontecendo durante a semana e o mês. Assim, percebemos que a igreja é além do local de adoração e oração também o local para socializar e dessa maneira saber sobre os acontecimentos na comunidade.

São vários os grupos de orações na comunidade, e esses são realizados na língua local e em inglês. Quando assistimos observamos que os participantes são na sua maioria crianças e pessoas idosas. Havia muito pouco jovens e adultos. A partir das conversas que tive com o tuxaua do local, ele me relatou que:

A iniciativa de oração começou pela igreja católica na comunidade para promover a língua local além de combater o consumo excessivo de álcool, violência doméstica e desagregação da vida familiar nas casas, portanto, eu apoiei. A iniciativa está funcionando bem, mas tem suas limitações porque há poucas pessoas que frequentam o trabalho coletivo, disseram porque não há nenhuma bebida tradicional forte. Eles querem divertir-se depois que trabalham duro. A atividade de oração só se aplica em algumas casas na aldeia, mas na roça que fica no mato longe daqui, fazem a sua coisa de beber como querem. Eu sei disso porque geralmente é eu o tuxaua e minha equipe de gestão da comunidade que os moradores vêm informar quando houver casos de violência doméstica resultado do uso excessivo da bebida alcoólica (PATRICK GOMES, Junho 2016).

Parece que os grupos de oração na aldeia funcionam bem de alguma forma, na promoção da língua e a unidade comunitária, no entanto, não é muito eficaz no combate ao uso excessivo do álcool, o qual é um problema na comunidade pois é o principal motivo da violência doméstica na comunidade e nas roças na boca da mata. Assim, o consumo de álcool e a violência é uma preocupação que os líderes da aldeia sempre destacam durante as reuniões comunitárias quando participamos para os moradores estarem cientes das consequências que a violência doméstica pode ter para as vítimas e para os agressores.

Em respeito a hierarquia da gestão em uma comunidade indígena na Guiana, a lei Amerindian Act, (2006), destaca um tuxaua como *ex officio*, juiz de paz, e ele e seus

conselheiros servem como policiais locais na aldeia. Sempre que há um crime os moradores levam o caso a estes, para tomem as providências cabíveis. O tuxaua e seus conselheiros, juntamente com a vítima e o agressor, tratam o caso ao nível da aldeia. Se o caso é grave e além da norma das autoridades locais, é transferido para um próximo nível que é fora da comunidade, em Lethem.

Em Maruranaui há um total de 15 conselheiros, incluindo 1 tuxaua, que atuam em áreas específicas da aldeia. Destes, existem o órgão executivo, composto de um secretário, um tesoureiro e um tesoureiro assistente. A estrutura é seguinte: na parte inferior, há os conselheiros e depois os moradores. Qualquer grande decisão que tem que ser feita pela aldeia deve ser aprovado na assembleia geral da comunidade. Por exemplo, uma pessoa indígena ou não indígena, morador de outra aldeia que deseja casar com uma pessoa local, ele ou ela deve ser apresentada à comunidade em uma reunião, onde eles aprovarão ou não, desde que ele ou ela respeitem as regras locais da comunidade. Outro sistema é a equipe na liderança faz e prioriza projetos para a aldeia. Estes são decididos pelos moradores numa forma coletiva a ser executado ou não. Essas atividades acontecem a cada três meses, mas no meio há reuniões de emergência. Os conselhos se reúnem uma vez por mês para planejar, revisar ou discutir questões sobre a forma como as coisas estão indo na comunidade.

A eleição para um tuxaua ocorre ao nível da comunidade e os moradores da aldeia analisam o candidato, ele ou ela deve possuir várias características que seguem alguns dos critérios que coincidem o que disse Rivière “ele ou ela deve ser honesto, trabalhador, capaz de falar em público” (1984.p.73), e outras que a própria comunidade requer tais como: ajudar frequentemente no trabalho coletivo da comunidade, deve ter uma boa reputação, ser respeitado na comunidade, não beber, não fumar e deve ir regularmente à igreja, de preferência a Igreja Católica. Em seguida, uma eleição é chamada e quem ganhar irá servir a comunidade por três anos (AMERINDIAN ACT, 2006).

Quanto ao trabalho, ele pode ser individual ou coletivo, esse trabalho coletivo que na língua Wapixana chama-se *Manor* é praticado fortemente pelos indígenas para cultivar suas fazendas na boca da mata, e construir sua casa na comunidade entre outras atividades. Além disso, o trabalho coletivo é realizado cada semana para limpar a parte central da comunidade onde os edifícios estão localizados.

Quando perguntamos: - porque existe um serviço regular para limpar a parte central da comunidade, alguns moradores relataram que a liderança da aldeia a criou para manter a limpeza local e deixar uma boa impressão para os visitantes. Durante a estadia por três semanas na aldeia, foi perceptível o fluxo constante de visitantes, como: políticos, representantes do governo entre outros que ali chegavam para fins de reuniões e outros assuntos referente a comunidade. Em uma dessas visitas, um representante do governo destacou para os moradores da aldeia que a comunidade de Maruranau é a mais limpa da Guiana. Segundo o tuxaua, *“o trabalho coletivo da aldeia é, em maioria desenvolvidos pelos Wapixana que vieram de outras aldeias através de casamentos”*. Isso remete com o que disse Riviére (1984, p.77.), “esses são classificados como cidadãos que possuem uma posição marginal ou de segunda classe” como uma forma de comprovar o critério de quem vem de fora ao chegarem para viver uma outra aldeia, essas pessoas em sua maioria são vistas como “os responsáveis” *or as one Wapixana said “let them do it”,* (grifo do autor). Dessa maneira, parece que o trabalho coletivo na limpeza da aldeia é algo que contraste com o conhecimento ‘comunitária’ dos Wapixana nativos de Maruranau em participar do trabalho de limpeza, embora alguns não concordam.

Em Maruranau a economia é baseada principalmente na agricultura, pesca, caça e criação de animais domésticos. Existe também o trabalho de artesanato feita por algumas pessoas mais velhas da comunidade. O sistema de troca ainda é uma prática forte entre as pessoas, de acordo com o tuxaua Patrick Gomes, o sistema funciona *“cerca de 90 por cento entre os moradores, onde trocam produtos agrícolas, tais como farinha, mandioca entre outros por itens como gás, açúcar e outros materiais importantes, mas quando a farinha está em excesso o povo vai vender uma certa quantidade para ganhar um pouco de dinheiro”*.

Sobre o meio de produção, as roças dos Wapixana de Maruranau estão localizadas a cerca de 2 km de suas casas e lá cultivam uma variedade de produtos nas roças como banana, mandioca, castanha, inhame, laranja, banana, grãos, feijões e outros. Para chegar a suas fazendas os moradores se deslocam de várias maneiras, além de irem a pé, eles também andam de bicicleta, vão com carros de boi ou andam de motos. No entanto, existem poucas pessoas que possuem motos na comunidade.

Em uma base mensal, há um mercado na aldeia onde os moradores vendem seus produtos agrícolas para arrecadar dinheiro de uma forma coletiva para a igreja, a escola

ou para outros fins especiais. Além dessa atividade na comunidade, algumas cantinas vendem itens como sal, gasolina, açúcar, peças de bicicleta, fosforo, incluindo cerveja e outras bebidas alcoólicas.

Em Maruranau, além da caça de animais silvestres para alimentação os Wapixana normalmente abatem uma vaca ou um porco para consumir e vender. A venda da carne de vaca ou de porco obedece um preço pré-definido pela comunidade, que é de 260 dólares por libra (equivalente a 26 reais). Outros itens alimentares essenciais para consumir, tais como farinha é vendida por 160 dólares na Guiana por libra, equivalente a 80 centavos em real. O mesmo preço para a mandioca, enquanto tapioca é de 200 dólares guianês e equivalente a 1 real.

Na cantina da aldeia os itens são vendidos a um preço baixo para os moradores. Dessa maneira, oferece um serviço de troca controlado para aqueles que não têm dinheiro para adquirir os alimentos básicos, por exemplo, farinha, açúcar, entre outros. A cantina também auxilia empregados do governo como professores em dar crédito a eles com o acordo de que, quando eles receberem os seus salários mensais, pagarão no final do mês. Este serviço serve também para os pensionistas idosos, que adquirem os itens que necessitam e pagam no final do mês. Em Maruranau há 60 pessoas que recebem esse programa social do governo (TUXAUA PATRICK GOMES, Junho 2016).

Figura 9 - A principal cantina da Comunidade de Maruranau



Fonte: Arquivo pessoal 2016.

A aldeia possui várias propriedades coletivas, como por exemplo: uma cantina, que não é uma ação política, embora o tuxaua Patrick Gomes comentou-me que parece ter um aspecto socialista com principal objetivo de vendas de alimentos básicos para os

moradores a preço acessível. O financiamento é controlado por uma equipe composto pelos líderes da comunidade. Mauranau tem um bom número de vacas, porcos e ovelhas; uma fazenda comunitária onde os moradores cultivam mandioca para fazer farinha e outros com o propósito de ajudar a comunidade economicamente quando surge uma necessidade imediata; uma casa pousada para atender visitantes que visitam a aldeia; um trator e um *4x4 jeep*. Essas juntas com a escola, a igreja e as outras instituições governamentais são de responsabilidade do conselho local da aldeia.

Na aldeia há apenas dois veículos, sendo eles um trator e uma caminhonete 4x4. Estes servem para transportar as pessoas e produtos para Lethem, trajeto que é percorrido semanalmente por um custo de cinco mil dólares (5000 um equivalente de 50 reais) por pessoa. Os veículos também são usados para transportar as pessoas que vão assistir às reuniões nas aldeias vizinhas. Os Wapixana normalmente pagam um valor ou compram o combustível pois o motorista vai precisar de um pagamento por seu trabalho. A pousada que serve para os visitantes e turistas que visitam a aldeia, gera uma renda para aqueles que trabalham lá e também para a própria manutenção.

Assim, estas atividades fazem parte da vida cotidiana dos Wapixana da comunidade de Maruranau que evidente as transformações no seu mundo social, onde pode perceber desde os cuidados da roça, criação de gados, vendas das cantinas, atividades na escola, no posto de saúde, as reuniões religiosas e políticas e as festas, seguem no seu calendário anual, como em outras comunidades indígenas (CAVALCANTE, 2012).

3.2 O modo de vida antigo e as atividades trazidas pelo contato

Em Maruranau, como em outros contextos indígenas, os idosos são aqueles que fazem o nexo entre o passado e o presente (CAVALCANTE, 2012). Martin Charie de 83 anos lembrou do passado com certo saudosismo e admitiu que hoje a vida na aldeia mudou, mas alguns aspectos dos costumes da cultura dos Wapixana ainda estão presentes. Lembrou que antigamente os indígenas morava na boca da mata, e depois saíram de lá para morar perto da igreja e da escola, dessa maneira, formaram a comunidade. Os prédios da primeira igreja e escola foram feitos de palhas de buriti e tijolos de adobe. As pessoas não falavam inglês, aprenderam na escola. Os Wapixana

trabalhavam nas fazendas em Dadanawa com borracha e em Apoteri, além de cultivar suas roças para sustentar sua vida na comunidade.

Naquela época no início do século XX não tinha cantinas, tudo era trazido de fora, os produtos vinham de dois lugares: Dadanawa ou de Apoteri. E não existia pessoas criando gado, nem havia transporte como: motos e tratores na comunidade. Atualmente a aldeia conta com muitos serviços como um posto de saúde; escola básica e escola primária com telhados feitos de zinco; campo de futebol; uma pista de avião, uma cantina, alguns veículos; painel solar nos lares; posto de água nos jardins das casas; e os idosos recebendo pensões mensais embora sejam apenas alguns; professores Wapixana e um profissional de saúde da aldeia e alguns profissionais intelectuais Wapixana que saírem da comunidade²². A maioria dos jovens que saem da comunidade, vão em busca de trabalho principalmente no Brasil, para ganhar dinheiro durante um curto período que compreende o espaço de tempo entre o plantio e a colheita, ou seja, eles fazem a plantação e partem só retornam no período da colheita. Martin Charie 83 anos aldeia de Maruranau contou o seguinte:

Eu nasci aqui. Minha mãe morreu quando era uma criança. Meus avós me criaram. Meu avô era Atorai. Fui à escola em Maruranau aos 12 anos. Lá aprendi Inglês. Me lembro que tinha Wapixanas que não sabia inglês. Aprendem na escola e também contar em matemática, isso creio ajudou a gente lidar com o dinheiro sem perder os riscos. Na escola usava a lousa para escrever e tinha que memorizar as lições. O prédio da escola e da igreja eram feitas de tijolos de adobe e tinham telhados de palhas de buriti. De lá para cá, o prédio da escola e da igreja mudaram, agora são feitas de zinco e concreto. E vi esses dias que os Wapixana estão construindo suas casas assim. Havia Wapixanas que trabalhavam na fazenda do Dadanawa e na empresa de borracha em Apoteri.

Naquela época raramente havia dinheiro, e o povo trabalhava e buscava créditos ou seja fiavam em bebida alcoólica e comida da cantina local, e trabalhava duas vezes a mais para pagar de volta. E em Maruranau não tinha cantinas na aldeia, as pessoas tinham que trazer os itens básicos como sal, açúcar, fósforos e roupas de Dadanawa e de Apoteri onde trabalhavam. Incluso antigamente não podia encontrar álcool como cervejas, rum entres outros na comunidade, eram proibidas.

Hoje podes encontrar com facilidade. Ai dá para que ver que tudo mudou. Hoje tem Wapixanas professores e donos de pequenos negócios ou cantinas e que criam vacas em visto ter negócio lucrativo e teria retorno financeiro. O povo também praticava a troca simples entre eles na comunidade que ficou até hoje e não passa fome. Incluso há alguns que saírem para trabalhar fora em Lethem, Brasil e nas minas de ouro. Antigamente não tinha muito disso. E quando o povo fica doente demorava para ser atendidas por uma profissional de saúde. Hoje tem um posto de saúde na aldeia com um Wapixana da comunidade que trabalha lá, incluso quando houver

²² Da aldeia de Maruranau há um Wapixana que está fazendo doutorado em letras na Holanda.

emergência há um avião que vem de Lethem para buscar o paciente. Antes não tinha nada! Atualmente estou vendo pessoas dirigindo motos na comunidade, falando disso, a comunidade tem um trator e um jeep que o governo deu. Inclusivo, em cada casa há um painel solar que fornece luz para os moradores e posto de água no jardim das casas na comunidade.

Há muitas coisas novas que estão acontecendo aqui esses dias. É bom ver esses que viram para ajudar a vida do povo da aldeia. Assim, com tempo Maruranau vai ser desenvolvida e vai se transformar. Mas creio que essas coisas entrando na comunidade foi por caso da escola e a educação que mudou a cultura Wapixana onde a economia de dinheiro está entrando devagar, e assim, a gente tem que ser cuidado com isso em não perder nossas raízes (MARTIN CHARLIE, Junho, 2016).

Ao analisar o relato do Sr. Charlie ao mencionar que ingressou na escola os 12 anos de idade (depois da Gena) e na instituição aprendeu inglês e também matemática. Apontou que naquela época não havia Wapixana que sabia falar inglês e percebemos que as crianças eram grandes, já tinham a partir de 7 e 9 anos para cima quando entravam na escola pois não havia escola apenas a capela na aldeia. Sr. Charlie acreditou que aprender a contagem na matemática ajudou os indígenas a lidar com o dinheiro sem ter prejuízos. Além disso, lembrou-se da primeira escola e a capela da comunidade que eram feitas de palhas de buriti e com o decorrer dos anos, mudaram e são construídos de matérias industrializadas de fora e apontou que hoje as casas são construídas assim na aldeia. Lembrou também na época quando os Wapixana eram empregados na criação de gados na fazenda de Dadanawa e na empresa de borracha em Apoteri.

Destacou a experiência das dificuldades em ganhar dinheiro para se sustentar, pois o povo em sua maioria vive da roça e aqueles que trabalhavam e faziam créditos das cantinas de Dadanawa e Apoteri onde fiavam em bebida alcoólica. Os indígenas traziam os itens básicos para seus lares, apontou que naquela época a bebida alcoólica era proibida nas aldeias indígenas. Para o Sr. Charlie a experiência do presente é diferente e a vida dos Wapixana transformou onde tem professores Wapixana e donos de pequenos negócios embora para ele o momento atual não oferece muitas oportunidades de trabalho, como no passado, são poucas as pessoas que têm empregos assalariados pelo governo.

Por conta dessa dificuldade prevalece em Maruranau a cultura de troca simples e a economia vigente, com o dinheiro sendo a moeda de troca, é importante destacar os serviços do governo como o posto da saúde e outros que vem ajudar os habitantes da comunidade assim não passam tanta necessidade. No entanto, para ele a comunidade

carece de um poder aquisitivo maior, os poucos subsídios que vem são de (pensionistas idosos) do governo das comunidades indígenas, mas também dos outros indígenas que realizam trabalhos em lugares como Brasil, Lethem, Georgetown e nas minas de ouro. Dessa maneira, para o Sr. Charlie, a escola vem a contribuir muito para o estudante indígena, é por meio dela que o “conhecimento” é adquirido, ensinar matemática é ensinar a utilizar o dinheiro, para que eles aprendam a fazer uso do dinheiro sem perdas ou riscos.

Dessa maneira, este processo dos indígenas com o contato de fora, gerou grandes impactos sobre a cultura, costumes, conhecimentos do povo Wapixana. Por conta deste fator ela se abre para os dois mundos: a cultura ocidental, capitalista e o mundo cultural indígena, e assim vão negociando os elementos que consideram essenciais da cultura ocidental, ao mesmo tempo que preservam a sua própria cultura. Neste ponto confirma esse autor:

As modificações trazidas para a aldeia pela modernidade e que não tem sido a única alternativa, sequer na cidade. O efeito inverso, a indigenização da modernidade, é não mínimo tão acentuado quanto o primeiro – na cidade como no campo. Na complexa dialética de circulação cultural entre a terra natal e os lares alhures, as práticas e relações tradicionais ganham novas funções e talvez novas formas situacionais (SAHLINS, 1997.p.114).

Ciente desse impacto da modernidade, os Wapixana sentem a necessidade de preservar seus costumes como também abraçam as novas mudanças por conta do processo das modificações ocorridas na comunidade. A entrada desta economia e contato da modernidade que utiliza o dinheiro, significa que é a moeda de troca tornou-se necessário para a aprendizagem da matemática e isso produziu algumas modificações sociais e culturais para os indígenas da comunidade que se abriram a coisas novas e a novas ideias.

Figura 10 – O Sr. Martin Charlie Wapixana 83 Anos



Fonte: Arquivo pessoal, 2016.

O sr. Charlie fala duas línguas Wapixana e Inglês e contou-me que quando jovem, trabalhou na fazenda em Dadanawa como vaqueiro. Durante nossa conversa, ele comunicava comigo em inglês. No dia em que fui falar com ele, o encontrei sentado numa rede de sua casa me aguardando. No fundo do chão da foto há um prato vazio e um container que tinha sal porque estava merendando biju com sal. Ele relatou-me que gosta de ficar descalço em casa e sentado numa rede, pois é bom, porque se sente confortável em contar as memórias históricas da comunidade e da escola de Maruranau na entrevista.

3.3. História e experiências da escola

A história da escola de ensino fundamental da aldeia de Maruranau começou em 1947. Foi iniciada pela Igreja Católica durante o período colonial. O primeiro diretor foi Senhor Lawrence La Cruz que veio de Moruca região Noroeste do país. O prédio da primeira instituição escolar era feito de tijolos de adobe e tinha como, cobertura palhas de buriti. Era situada à parte leste da aldeia, onde atualmente há um conjunto de

mangueiras. O Nome da instituição foi chamada Maruranau, traduzida em português significa (tatu gigante) nome dado em homenagem ao animal que habitava a área.

De acordo com a primeira admissão da escola registrada em 1947, os primeiros lotes foram de 66 alunos: 33 alunos e 33 alunas. A partir deste número, alguns eram admitidos da aldeia do Shea, que fica a 2,5km e da outra aldeia de Awarawanau que fica 5 km da distância de Maruranau. Isso foi porque durante esse período, a única escola na área do extremo Sul era em Aishalton localizada a 17 km de distância e a escola de Maruranau era localizada convenientemente para atender as comunidades na vizinhança no leste final do Sul do Rupununi.

Posteriormente, em 1977, após a independência do país, a instituição mudou sua administração da igreja para uma instituição gerenciada pelo novo governo. Atualmente existe algumas pessoas que foram alunos/as da primeira turma da primeira escola que ainda vivem na aldeia e em outros lugares.

Para melhor lembrança da escola no tempo dos missionários em Maruranau é narrada por Gena de 76 anos uma das primeiras alunas da primeira escola da comunidade, na qual faz a ligação entre aquele tempo e o presente. Falou de como a escola impactou a vida dos Wapixana da comunidade por meios de várias atividades e utilizavam a lousa como livro para escrever suas lições. Relatou que antigamente a maioria do povo habitava a boca da mata onde cultivavam suas roças, e os Wapixana fizeram trabalhos coletivos para construir o prédio da escola. Naquela época tinham poucos alunos que frequentavam a instituição e desde que a primeira escola foi construída em Maruranau havia outros alunos que vinham das outras aldeias vizinhas como Shea e Awarawanau para frequentar a instituição escolar com explica Gena Gomes (Junho de 2016):

Lembro-me que antigamente o povo Wapixana costumava viver na boca da mata. Depois saíam de lá para morar perto da escola e da igreja. Assim, logo a aldeia tinha algumas famílias que a cercava. Após disso o número começou a aumentar e com o decorrer do tempo os moradores mudavam por trás para as colinas nas proximidades.

Ingressei na escola os 9 anos de idade aqui em Maruranau. Naquele período a primeira escola foi fundada na aldeia em 1947. Recordo que a gente usava a lousa para escrever as lições na escola, e também quando o povo construía o prédio com trabalho coletivo.

Os homens cortavam a madeira da floresta e também trouxeram as palhas de buriti da savana para o telhado da escola. Todos os dias via as pessoas trabalhando duro para construir a escola. Depois de algum tempo terminaram a construção e tinha outros Wapixana de Shea e Awarawanau das aldeias vizinhas que frequentavam a escola.

Nesse relato sobre a primeira escola na comunidade destacou que, a entrada da instituição educativa incentivou o deslocamento dos Wapixana de sua primeira moradia na boca da mata para habitar as colinas na savana ao redor da capela e da escola assim formou a aldeia. Além disso, pudemos perceber que naquela época as crianças tinham 7 e 9 anos por diante e quando ingressavam na escola usavam a lousa como livro para escrever. A escola era construída pelos próprios indígenas. Dessa maneira, pensamos que gerava um sentimento de pertencer a eles. A instituição educativa também era a única localizada no leste final do Sul do Rupununi que atendia duas pequenas comunidades vizinhas do Maruranau.

Neste contexto da primeira escola, Gena lembrou que os professores que trabalhavam nela, eram do povo Arawak e pensava sobre eles como “civilizados”. Eram rígidos no ensino de inglês, enquanto a língua materna era proibida falar na escola. Mas, isso não acabou com o idioma, porque fora da instituição, a língua Wapixana foi fortemente praticada entre os moradores na comunidade. Essa experiência escolar da Gena foi uma imposição do estado colonial antes da independência da Guiana. Foi uma estratégia onde os ingleses trouxeram outros indígenas considerados “civilizados” para educar a população indígena do Sul do Rupununi, no qual durante o processo da escolarização proibiram os Wapixana a falar sua língua materna dentro da sala de aula. Na Escola, os Wapixana aprendiam catecismo, os valores morais, além de matemática, inglês e latim. Tinham um maior interesse na escola e na educação. Esse comportamento era resultado dos ensinamentos da igreja e nos lares, onde os professores e a maioria dos pais eram rígidos e cultivavam a importância para seus filhos em ir à escola, ao mesmo tempo as crianças eram obedientes, resultados da disciplina na escola e em suas casas. Este tipo de educação formavam os povos indígenas para serem sábios, disciplinados e trabalhadores:

Lembro que o primeiro diretor da escola era Lawrence lá Cruz, que veio de Moruca um lugar que fica no noroeste do país. Naquela época me lembrou era comum ver povo Arawak atuando como professores nas escolas das novas aldeias fundadas pela a igreja. Ai eu pensava ao mim assim, que os Arawak eram povo ‘mais civilizados’ do que a gente nós Wapixana (risos). Os professores eram regidos na escola. A gente apanhava quando falávamos a nossa língua na escola. Mas só na escola a gente era proibido falar, pois em casa e na comunidade falava Wapixana.

No entanto a gente tinha muito respeito a eles. Lembro-me que não tinha Wapixanas que saber falar inglês. É na escola a gente aprendia matemática, e latim especialmente quando cantávamos os hinos de catecismo. Aprendemos também valores morais. E os Wapixana levava sério em ir à escola pois era

algo novo para eles. Tinham interesse para aprender coisas novas da escola e dos professores. Também era obrigado a ir à igreja. Nossos pais eram rígidos com a gente para ir à igreja todos os domingos. Essa disciplina de educação nos preparar a ser povos disciplinados e trabalhadores Wapixana. E é essa educação que a gente ensinava a nossos filhos para que ficassem povo civilizados (GENA GOMES, Junho, 2016).

Neste contexto, a trajetória da educação para os indígenas no interior da Guiana foi introduzida pelos missionários Católicos e Protestantes Anglicanos no século XIX – XX. Naquela época a educação tinha um objetivo em comum de converter os povos “pagãos” ao cristianismo. (MENEZES, 1977). De acordo com a abordagem histórica da educação colonizadora da Guiana, a população indígena foi passando por um processo de “transformação” realizado por meio de vários modelos de educação baseada na catequização e civilização dos indígenas à sociedade guianense pelas igrejas (Ibid,1977). Assim a partir dessa abordagem histórica de educação aos indígenas na Guiana, vai apontar como e até que ponto essa educação escolar irá transformar o mundo social dos Wapixana no decorrer dos anos na comunidade de Maruranau.

Mas antes disso, a explicação para a percepção da Gena em relação aos professores Arawak sendo eles como civilizados é o seguinte: foram refugiados da revolução de Simon Bolívar que aconteceu na Venezuela no ano 1783-1830. Quando chegaram a Guiana inglesa no ano 1817, naquela época o governo britânico tinha uma percepção relutante a eles mas no final resolveu em lhes oferecer um asilo (MENEZES, 1979). A partir daí, o grupo começou a estabelecer primeiramente com a construção de uma igreja católica, pois já eram católicos cristãos vindo da missão dos Capuchinhos em Venezuela, e quando o explorador Robert Schomburgk encontrou com os Arawak pela primeira vez em 1840, ele percebeu que o grupo possui normas e atitudes que refletiam a cultura ocidental, e por conta disso os considerou como ‘civilizados’ (PIERRE, 1994). Mais tarde esse povo Arawak foi recrutado pelos padres Jesuítas ingleses para servirem como professores aos outros indígenas no Rupununi na colônia. Segundo literatura da história da igreja católica na Guiana que trata sobre o desenvolvimento da missão do Rupununi como afirma esse autor: “foi principalmente o povo Arawak de Santa Rosa Moruca²³ que professores eram encontrados um século mais tarde para o estabelecimento das escolas católicas entre as tribos Macuxi, Wapixana e os Patamona do Rupununi” (BRIDGES, 1988, p.59). Assim, foi através da

²³ Santa Rosa é a primeira missão Católica localizada no subdistrito de Moruca na região 1 da Guiana. Foi fundada em 1818. Normalmente o público em geral da Guiana quando faz referência ao Moruca também significa Santa Rosa.

escola que os educadores Arawak influenciaram os Wapixana à religião e costumes por meio do domínio da língua inglesa, e demais elementos que refletiam a cultura dos colonizadores, porém não conseguiram eliminar a língua e a cultura dos indígenas do Rupununi.²⁴

Continuando na análise do relato da Gena, contou que não tinha Wapixana que soubesse ler e escrever em inglês assim como fazer cálculos. Dessa forma, a experiência da escola foi excelente, os professores embora fossem rígidos, eram ótimos. Ajudou as crianças indígenas a aprender a ler e escrever em inglês, resultado disso, é que hoje existe Wapixanas que sabem falar, expressar-se em inglês e utilizam muito bem a matemática. Afirmou que esse tipo de educação recebida da escola, foi repassada para as crianças, no qual aprenderam a ler e escrever em inglês e a calcular, pois de outra forma, não tendo essa educação, estes seriam vistos como povo “não civilizado”. Neste contexto, os Wapixana passaram por uma experiência onde a educação represou e simultaneamente transformou sua cultura e fazê-los incorporam a sociedade como disse esse autor:

Nesse paradigma, o que se pretende é, em última instância, educar o índio para que ele deixe de ser índio: o objetivo do trabalho pedagógico é fazê-lo abdicar de sua língua, de suas crenças e de seus padrões culturais e incorporar, assimilar os valores e comportamentos, inclusive linguísticos, da sociedade nacional (MAHER, 2006, p. 20).

Vimos que esse sistema de educação impactou até certo ponto da cultura dos Wapixana na reconfiguração de alguns aspectos, no qual se acreditava na “transformação” do povo, porém, a cultura e os costumes de alguma forma prevaleceram e não perderam a sua identidade étnica, uma prova disso é que ainda mantém e pratica a língua e costumes por conta da localização geográfica da aldeia no interior da Guiana.

Gena mencionou que a educação escolar na sua primeira proposta represou os aspectos da cultura indígenas, e simultaneamente estimulou os Wapixana a tomarem iniciativas em abraçar a educação em sua aldeia e dessa maneira se interessaram em frequentar a escola para aprender, isto remete com Ortner (2006, p. 64) observa sobre a agência indígena, “os dominados sempre têm certa capacidade, as vezes muito

²⁴ Sr. Michael Abraham um professor Arawake aposentando me contou que foi só durante os dias na escola ensinava inglês aos Wapixana, pois fora da instituição comunicavam-se em sua língua materna. Penso que a gente não conseguiu terminar a língua deles que foi algo bom.

significativa, de exercer algum tipo de influência sobre a maneira como os acontecimentos se desenrolam”.

Neste contexto, a entrada da escola transformou os indígenas e deu oportunidades onde em seguida alguns estudantes foram os primeiros professores Wapixana que ingressavam na profissão docente, onde ensinava seu próprio povo. Lembrou que a experiência foi difícil para os professores Wapixana ensinar seu povo uma língua estrangeira. Mas percebendo o desafio com a barreira da língua em seguida começaram a ajudar as crianças indígenas na língua materna explicando as partes das lições a eles quando encontravam dificuldade em compreender o inglês. Em combater este desafio, os professores Wapixana além de usarem a língua materna em ajudar as crianças, utilizavam músicas e cantos nas duas línguas, a língua materna e a inglesa que serviam como método de ensino para facilitar a aprendizagem dos alunos indígenas. Destacou também que o trabalho dos professores Arawak contribuiu para a educação e proporcionou ao povo Wapixana a fazerem parte da história da Guiana. O ex-professor Leo Gomes, marido da Gena narra o seguinte:

No início os Wapixana eram muito interessados em ir e escola pois era algo novo para eles embora achavam inglês um pouco difícil. Pois ensinava um novo idioma às crianças Wapixana foi algo novo a aprender. Depois começava a ter professores Wapixana e (eu) as ajudava pois explicava o significado em Wapixana às vezes. E não levava os alunos muito tempo para aprender, eram inteligentes e aprendiam rápido. Tiveram que cantar em Inglês também. Isso as ajudavam a aprender rápido, memorizando as letras em Inglês. Além disso, creio que os professores de Moruca fizeram um trabalho maravilhoso em contribuir para a formação dos Wapixana do sul do rupununi. Penso que seus nomes vão ficar nos livros da história da Guiana (LEO GOMES, Junho, 2016)

Nesse relato do Leo pudemos perceber que a sua experiência tem dois pontos de vistas com relação a escola. O interesse e o desafio encontrado com a língua materna praticada pelos indígenas com a língua inglesa imposta a elas na escola no qual tinham que aprender. Contou que para enfrentar esse desafio posto à eles na instituição educativo, os primeiros professores Wapixana tomavam iniciativas em introduzir métodos inovadores como a música, além de usa da língua materna na escola que contribuíram para incentivar o interesse das crianças na escola antigamente. Essa pratica de usar a língua materna continua até hoje na maioria das escolas no Sul do Rupununi como disse este jovem que passou por esta experiência na escola em Maruranau: *“Na maioria das vezes os professores explicavam sobre as coisas em inglês que a gente não sabia por exemplo: coisas como avião, sorvete etc. Até agora ainda praticam isso na*

escola com as crianças” (YVETTE, 2016). Assim, nesta fala podemos compreender o que o diretor da escola tinha nos dito anteriormente, que não há uma política educacional específica para tratar do ensino da língua materna no sistema educacional na Guiana, mas por outro lado, existe a prática informal de usar a língua Wapixana como ferramenta, usado pelos professores indígenas em incentivar a aprendizagem dos educandos na aldeia e destacou interessante a experiência escolar para os Wapixana.

Outro elemento destacado aparentemente foi o entusiasmo dos professores indígenas em ensinar e ajudar as crianças na escola em Maruranau nos anos anteriores. Incluso na fala Leo Gomes, fez uma homenagem aos professores Arawak que contribuem na educação aos Wapixana.

Figura 11 – Gena, aluna da Primeira Escola, seu marido Leo Gomes, um dos primeiros diretores da escola da aldeia



Fonte: Arquivo pessoal, 2016.

Quando perguntamos à Gena o que ela pensa sobre a língua Wapixana falada em sua comunidade ela comentou que atualmente alguns jovens da nova geração não falam a língua materna de forma mais assídua como antes. Principalmente aqueles que moram em Georgetown ou Brasil, quando esses regressavam para a aldeia só queriam falar em Inglês ou Português. Embora a língua materna ainda seja muito praticada pela maioria, e comparou a escola e a igreja no qual hoje em dia a escola não está promovendo muito a

língua local como a igreja²⁵ e a família na comunidade. Todavia destacou que atualmente existe um projeto de alfabetização na língua Wapixana que intervém na reafirmação da cultura em Maruranau: Como ela descreve aqui:

Atualmente, as crianças não estão falando sua língua materna muito como antigamente. Quando estão em casa e na igreja falam, mas não muito na escola. Hoje em dia há muitos Wapixana jovens que não gostam de falar, esses são os que vão trabalhar em Lethem, Georgetown ou Brasil. Quando retornaram não ouvir eles falaram na aldeia. Só querem falar Inglês e as vezes Português. Mas desde existe o projeto WWA que promove a escrita da língua Wapixana que foi iniciado por Adrian nosso filho na comunidade, vejo que começou a ajudar os indígenas a aprender a ler e escrever em Wapixana, e começavam a apreciar o seu idioma. Creio que o projeto é um bom suporte a escola para que os alunos sejam orgulhosos de sua língua e cultura (GENA GOMES, Junho, 2016).

Na fala da Gena percebemos uma preocupação dela sobre alguns jovens Wapixana principalmente aqueles que vão trabalhar fora da comunidade, quando regressaram não falaram muito sua língua materna. Porém, destacou o projeto que foi fundada na comunidade voltado a promoção da língua Wapixana para ensinar especialmente as crianças para elas tenham orgulho de sua cultura.

Isso remete o vem acontecendo em anos recentes do movimento de resgate dos próprios Wapixana onde os jovens líderes nas comunidades começaram a tomar iniciativa em promover a língua Wapixana nas comunidades, por meio do projeto *Wapichan Wadauniinao Atio (WWA) “Wapishana Language Project”*. Onde ensinam os técnicos a escrever em Wapixana e também já desenvolveram o alfabeto para escrever em sua própria língua materna, e atualmente estes líderes e os professores das comunidades estão pedindo ao Ministério da Educação da Guiana para adaptar um currículo intercultural bilíngue que valorize a cultura indígena e ensine as crianças a história do seu povo indígena da região (DAVID B. et al 2006). Mas o projeto é de longo prazo do governo para ser realizado. No entanto, o governo é aberto a possíveis iniciativas que lidam “com projeto de promover línguas indígenas, como por exemplo, *The Macushi Learning Project* (STRAGETIC PLAN, 2008-2013. p.33). Acreditaram que esse movimento de revitalização da língua e cultura dos Wapixana contribuirá e será igual do projeto do ensino da língua Macuxi no currículo escolar para um melhor incentivo e desempenho academicamente aos indígenas.

Já a experiência da escola após o processo de independência no país foi descrita por uma ex-aluna Joana Smith que passou pela instituição daquela época. Lembrou que na década de 1970 a escola foi assumida pelo governo Independente da Guiana. Disse

²⁵ A Igreja Católica promove a língua pela leitura nos cultos e nos grupos de orações na comunidade.

que a educação escolar oferecida naquela época ao povo portava a proposta de desenvolver uma nação independente. De acordo com esse autor Guianense que escreveu avaliando o sistema de educação entre a época pós independência da Guiana, “desde cedo o governo independente da Guiana reconheceu a necessidade em educar os jovens cuja, capacidade podem servir para o desenvolvimento da nova nação.” (ISHMAEL 2012, p.17), Esse novo sistema trouxe novos elementos da educação para todo o país e para os indígenas, como por exemplo, com relação a questão do ‘autosustentar’ com a comida e a agricultura na escola e outros, pois estando sobre a dominação da antiga administração da igreja tudo era mantida pelas instituições missionários.

Enquanto isso a importância de frequentar a escola foi também reforçada pelos pais que continuavam a mandar os seus filhos à escola, e no qual o conhecimento da economia do dinheiro era aprendido numa maneira reforçada e a educação a partir daí começava a exigir muito dinheiro. Assim, perceberam que a educação exigia investimentos e a partir desse pensamento compreenderam que era necessário ter dinheiro para manter seus filhos na escola. Este cenário trouxe um impacto econômico aos indígenas, pois não existia tantos trabalhos assalariados para os Wapixana na comunidade para gerar renda a todos, além do trabalho da roça. Joana relata que esta realidade contrasta com o passado, onde a população era pequena e os Wapixana trabalhavam e ganhavam alguns ‘pagamentos’ na fazenda de Dadanawa e na indústria de borracha em Apoteri para sustentar suas famílias:

A escola onde estudei não foi o primeiro em que meus pais frequentavam. Era a segunda localizada no pátio da Igreja. Durante esse tempo, a escola já era gerida pelo novo governo da nação independente, e a educação era voltada para isso. Daquela época os pais e avós se interessavam pela educação dos filhos, porque acreditavam que aprender os conceitos básicos eram importantes para serem reconhecidos, além de se tornarem pessoas qualificadas quando crescer. Essa importância foi reforçada nos lares da comunidade.

Lembro o novo governo introduziu agricultura na escola e na comunidade para a gente plantar e seja independente assim saberia lidar com o dinheiro. E aí entrava o conhecimento do dinheiro embora na realidade não era efetivo, pois na comunidade a gente vivia uma vida humilde né. Aí, isso replicava na comunidade e na escola onde hoje vejo que a educação que as crianças recebem é aquela que exige muito dinheiro, e os pais são pressionados financeiramente para conseguir ele para sustentar os filhos, para comprar livros, lápis e outras coisas que a escola solicitar. E a maioria deles não tem empregos, eles são agricultores. E esta vez é não aquela antigamente onde tinha pouca gente e onde a igreja mantida tudo e os Wapixana trabalhava em Dadanawa como vaqueiros e com borracha em Apoteri para ganhar dinheiro (JOANA SMITH, Junho 2016).

Na fala desta entrevista pudemos perceber que a nova proposta de educação nos anos 70 estava voltada a um país independente na qual entrava a ideia de autonomia e dinheiro para sustento. Por conta disso, a escola virou a principal ferramenta para passar este conhecimento ao povo, no qual impactou no aspecto econômico do sistema social indígena. Nesta realidade a ideia de auto sustentação foi reforçado mais do que nos anos anteriores por meio do conhecimento e uso de dinheiro na escola, que repercute na comunidade onde os Wapixana são povos em sua maioria agricultores e não existe tantos empregos como antigamente. Assim, a educação gerou uma experiência desafiadora voltada a questão da financeira para os moradores de Maruranaú.

Assim, nessa “escola moderna” pudemos perceber uma diferença que lida com o capital, economia e autosustento, diferente daquela escola antigamente da Gena onde a instituição educativa lidava com a educação civilizatória dos indígenas na época colonial (AMERINDIAN LANDS COMMISSION, 1969). No entanto, durante a pesquisa de campo ouvimos relatos dos Wapixana sobre este desafio financeiro como eles lidavam com essa remodelação em sua comunidade, onde incentivou alguns deles a serem motivados em procurar recursos como criação de gados entre outros para obter rendas.

Num outro diferente relato da Joana sobre o outro aspecto da educação que o povo recebeu, destacou que os Wapixana reconhecem a educação como um bom serviço que ajuda os indígenas a conhecer o valor de utilização do dinheiro para lidar com compras entre outros, e ao mesmo tempo a escola produz trabalhadores de saúde e também professores locais para a escola na aldeia.²⁶ Todavia, essa experiência dos indígenas não deixa de ter uma queixa com relação a educação, que tira seus filhos de suas comunidades para buscar emprego e progredir no litoral ou na cidade de Georgetown, ou em outros lugares onde tenham mais oportunidades de acesso ao dinheiro. Além disso, relata em num sentido de aprovação das novas propostas e políticas que entram na escola como a merenda e uniforme escolar. Segundo o *strategic plan* (2008-2013) esses sérvios evidenciaram o compromisso do governo em fornecer assistência básica como a merenda escolar e uniforme para as crianças.

No entanto, expressam preocupações sobre outras políticas educacionais que acreditam gerar repercussões como, o direito da criança que atua em defesa dela, contra

²⁶ Segundo um morador Wapixana “esse sistema de educação produz na maioria professores e profissionais de saúde (*Teachers and Health Workers*) nas comunidades indígenas na Guiana. Existem poucas oportunidades para um indígena estudar fora dessas profissões”.

a violência física, circunstância que recai sobre questões de indisciplina na escola. E a outra realidade voltada da perda do respeito as doutrinas da igreja que lidava com o ensino dos valores morais, que era responsável por formar uma sociedade onde a regra de casar-se antes de ter filhos era o certo, mas agora isso gera uma desestrutura familiar em que crianças são criadas por avós, por exemplo. Nessas circunstâncias, acreditam que houve a contribuição e a indisciplina para outros problemas na escola como a gravidez na adolescência, evasão escolar que são realidades diferentes do ensino da época. Na fala de Joana Smith, assim como a de Gena, a experiência de educação escolar do passado é vista com saudosismo da rigidez e disciplina que encontravam na escola antigamente que produzia resultados positivos:

A gente reconhece a lado positivo da escola em oferecer educação aos Wapixana. Da escola daqui, saiu um bom número de pessoas brilhantes que ficavam profissionais fora da comunidade em Georgetown. Infelizmente quando isso acontece a maioria de nossos profissionais não regressam à aldeia. Essa realidade é compreendida por algumas famílias que mostram menos importância para seus filhos adquirirem uma profissão pois tira eles de sua aldeia portanto, permanecerão apenas com a educação da escola primária, onde seus pais os encorajaram a serem agricultores, cultivando um estilo de vida tradicional e em seguida quando chegaram 18 anos e por diante saiam para buscar trabalho fora para Lethem ou Brasil e outros lugares.

Enquanto algumas Wapixana voltavam para trabalhar aqui com professores formados e profissional e saúde. Isso é bom. E tem outras coisas boas que a escola contribuiu a nosso povo. A escola fornece merenda e uniforme para as crianças, esses são boas para elas. É um bom serviço do governo para ajudar as crianças pois necessitam isso. Penso que a merenda ajuda a incentivar as crianças a ir à escola também. No entanto, existe o lado negativo das consequências que as novas políticas introduziam na escola né? Por exemplo hoje em dia existe a questão da indisciplina na escola, gravidez na adolescência, e evasão escolar. E as crianças têm direitos e os professores não podem discipliná-las na escola.

Recordo que quando era criança a gente era disciplinada e isso foi reforçada em casa dos pais. O contrário hoje, tem pais que estão nem aí para seus filhos. Além disso, hoje vejo que tem muitas mães solteiras e crianças deixadas para ser cuidadas pelos avós. Antigamente não tinha muito disso, tinha gente casados. Recordei que naquela época o ensinamento da igreja era forte na vida dos Wapixana. Havia muitos casamentos e a maioria das famílias eram estruturadas assim criavam seus filhos juntos, e não havia muitas mães solteiras que tem filhos e os deixaram para os avós criarem, como é a situação hoje (JOANA SMITH, Junho 2016).

Observemos na fala de Joana acima que as oportunidades que a escola oferece os indígenas em ser profissionais e adquirir salário para lidar com o dinheiro foi uma experiência que transformou aspectos econômicos de sua realidade sendo povo humilde e que depende da agricultura para sustentar. Além disso, pudemos perceber uma preocupação dos Wapixana a respeito da educação que tira alguns de seus filhos da

aldeia e enquanto outros têm atitudes de resiliência gerado pelos pais e os incentivam na agricultura, primeiramente, e em seguida vão em buscar de dinheiro nas minas de ouro ou encontrar empregos em Lethem, Georgetown ou Brasil. Elogio aos serviços como merenda escolar para os alunos, e simultaneamente culpavam as novas políticas educacionais que lida em defesa da disciplina física dos alunos na escola que repercute negativamente na comunidade. Isso preocupa os adultos, pois não achavam essa realidade gratificante e saudável criar as crianças dessa maneira e lembrava de sua época de escola na qual a mesma era rígida e as crianças eram disciplinadas. Neste contexto, pudemos perceber o impacto que a escola trouxe sob os Wapixana na transformação de aspectos de suas crenças e escolarização que aprenderam na primeira escola que lidava com valores morais na vida dos indígenas que hoje está sendo modificado e gerou outra experiência.

Em um outro relato da interlocutora Anna, ela levantou a questão da falta de interesse da nova geração Wapixana, temem que as crianças não se formem e disse que a escola também não incentiva os alunos a se interessarem pela aula. Quando perguntamos ela sobre os professores, deu respostas e opiniões diferentes. Existe professores jovens que recentemente se formaram na Escola Secundária e estão no sistema de ensino. E fica o questionamento, o que sabem para ensinar as crianças? Disse que alguns estão na escola porque é o único trabalho que podem ter na comunidade e a maioria não possuem formação adequada. Esta informação vem a corroborar com o documento que trata do plano Educativo do Ameríndio (2014), há um número significativo de professores nos níveis de ensino básico e primário no interior da Guiana que não estão formados (*AMERINDIAN PEOPLES PLAN*, 2014). Todavia, muitos valorizam seu serviços e trabalho duro, ajudando e contribuindo para uma “educação adequada” as crianças Wapixana em Maruranau. Neste contexto, surge a questão da entrevistada Anna que acha as lições difíceis para eles, e como alternativa disse, que de repente se fossem ensinados em Wapixana seria mais interessante para as crianças, mas precisam aprender Inglês também para sobreviver fora da comunidade.

Quando pequena eu gostava de ir à escola, e meus avós me incentivavam a ir regularmente. Hoje não! Hoje está geração não mostra interesse para a educação de seus filhos. Penso que a escola não oferece uma aprendizagem com uma pedagogia inovadora e tranquila para as crianças aprendem. Outra questão eu percebo é a escola tem professores que não são formados ou preparados a ensinar as crianças. Penso que os jovens professores saindo da Escola Secundaria para ensinar na escola primaria é porque sempre tem vagas para professores. Mas faz o que ne? Essa é a realidade, porém a gente reconhece seus esforços contribuindo a escola e as crianças Wapixana. Mas

a gente também pensa assim que talvez se fosse as crianças sendo ensinado em seu próprio idioma seria mais interessante a elas, mas é importante aprendem da língua oficial do país também (ANNA TORRES, Junho 2016).

Neste trecho da entrevista, fica claro o desinteresse dos alunos de frequentar à escola, este reflexo recai na crítica sobre os professores por não tomarem iniciativa de serem mais criativos e também a falta de uma pedagogia que incorpora o aspecto sociocultural dos educandos para que o ensino torne atraente para os alunos da comunidade. Uma realidade que contrasta com o sistema de ensino da época da Gena e Leo antigamente, no qual os professores daquela época eram mais criativos em usar métodos inovadores como a música da escola para prender os interesses dos educandos. Outra crítica da escola por Anna é sobre os professores jovens que não são formados e estão na escola no qual ela questionou se são capazes de ensinar. Outro ponto é o reconhecimento da língua inglesa como uma ferramenta de sobrevivência fora da comunidade, ao mesmo tempo em que a valorização da língua local tem uma contribuição e atende o interesse e aprendizagem dos alunos. Ou seja, uma noção do bilinguismo que já existe reconhecendo que a língua inglesa faz parte do mundo social em Marurana resultado da reconfiguração cultural dos Wapixana.

Outro relato da Anna sobre a escola, ela contou que tem lembrança de forma divertida, em particular quando falava a língua materna na escola. Além das atividades cotidianas que envolviam ir à igreja, à roça, e para a escola. Nesses lugares, a língua local foi utilizada o que ajudou a promovê-la. Apontou que a escola era a única instituição de ensino na aldeia que ajudava as crianças Wapixana aprenderem a escrever em inglês e perceberem ao mesmo tempo que sua língua local não continuava com a mesma dimensão comunicacional como a língua nacional. A escola primária também fez os alunos perceberem que estavam crescendo e indo de uma classe para a outra durante os anos escolares.

Eu tive muito amigos e todos eram crianças Wapixana na escola primeira. Durante o tempo de intervalo cada um falava Wapixana enquanto nós jogávamos e divertíamos, e quando voltamos para a sala iriam falar em Inglês. Isso era normal para mim. Não achava é difícil em mudar de Wapixana para Inglês. Este tipo de atividade fazia parte da vida escolar. Lembro quando pequena minha vida era circulada em torno de minha casa, a escola, ia a roça e a igreja.

A Escola Primária me ensinava muito, inclusive ajudava-me a dar conta que eu estava crescendo porque a cada ano fazia provas para passar e ir em outros níveis. Recordo para escrever em Inglês com o lápis era uma boa experiência. Foi bom aprender a escrever em uma outra língua. Recordo-me de escrever o meu nome pela primeira vez em Inglês. Mas fora da escola, sempre perguntava por que eu não podia fazer o mesmo em Wapixana. (Risos). De

qualquer forma, os dias da Escola Primária eram boas (ANNA TORRES Junho, 2016).

Nesse relato da interlocutora ela apresenta a experiência da escola como uma ferramenta que ensinou os alunos a serem bilíngues na aldeia de Maruranau que modificou a cultura local. Uma percepção já destacada por Gena e outros no decorrer dos anos desde a entrada na escola da comunidade. Essa experiência, os moradores abraçaram e identificaram com a escola em sua aldeia, pois faz parte de seu mundo social, enquanto deu impactos na repressão da cultura local no processo de transformações em suas vidas.

Outra experiência dos moradores sobre as crianças adquirindo educação, foi aquelas quem mais se familiarizavam e se destacavam na aprendizagem dos conteúdos e continuaram a progredir academicamente com a ajuda das aulas de reforço escolar ministrado pelos professores. Desta forma, há uma visão de que a maioria dos estudantes que obtinham um resultado positivo nas provas eram aqueles filhos de pais formados ou filhos de líderes na comunidade. Mas, isso não reflete, pois existe a outra versão, de alguns dos pais e avós que têm pouca ou nenhuma formação, mas que dão valor e, portanto, incentivaria os filhos a adquirir educação.

Eu vejo que tem algumas crianças Wapixana que estão tendo um bom desempenho, especialmente aqueles que são brilhantes. Para as crianças que desempenharam bem, vejo isso como algo bom, porque creio que os bons resultados também vieram das aulas extras recebidos dos professores.

Vejo também que as crianças que têm bom desempenho são comumente aqueles cujos pais são professores e outros líderes na comunidade. Porque algumas delas normalmente veem seus pais trabalharem na aldeia como professores, e isso incentivavam as crianças em ir à escola e estudar. Embora penso que isso não é verdade para todas elas que têm pais que são líderes em Maruranau. Pois também acredito que existem alguns pais ou avós que não tem muito formação e que não são líderes na comunidade, mas que dão valor a educação como a minha avó. Eu fui criada pelo meu avô e ela me mandava para a escola e me incentivava levar a minha Educação Primaria seria, se não, hoje, não teria um profissional de saúde aqui na minha comunidade (YVETTE LUCAS, Junho, 2016).

Nesta descrição da interlocutora Yvette, a experiência da escola cai na perspectiva de alguns Wapixana que valorizam a educação e os esforços escolares, ou seja, aproveitam as oportunidades que a escola oferece por meio de sua educação aos moradores na comunidade, sendo professores ou trabalhadores de saúde que são serviços essenciais para atender o povo, ou seja, a educação impactou os indígenas a serem profissionais e empregados do governo em suas aldeias.

Já outro relato da Yvette apresentou de forma crítica do sistema educacional aos Wapixana de Maruranau, evidencia disso no decorrer dos anos impactou sua cultura. No qual alguns anos atrás o ensino médio foi introduzido aos povos indígenas do Sul Rupununi Guiana. Esse acontecimento levou mais oportunidades de ensino para as crianças Wapixana especialmente para aquelas que conseguiram as vagas, pois existe uma realidade onde a maioria delas, por várias razões não tem a oportunidade. As meninas em particular, devido a razões financeiras e outras por que seus pais não as deixavam ir à escola secundária, são exemplos. Além disso, existe um bom número de crianças na escola secundária em Aishalton e Sand Creek, mas por haver espaço limitado nos dormitórios para acomodar um grande número estudantes, é que não há possibilidade de muitos ingressarem no ensino secundário como desejaram.

Assim, a percepção da escola para essa Wapixana de Maruranau é que adquirir Educação Escolar envolve competição, e seleção dos estudantes entre si (BONIN, 2008). Ela comentou que essa experiência vem desde a implantação da primeira escola na comunidade, que ensinava ao povo indígena uma cultura de competição e seleção, ou seja, de exclusão, algo que contrasta ao costume de viver em harmonia e aprender com os mais velhos (Ibid.,2008). Continuou no discurso que, a cultura indígena, não promove quem é inteligente e quem é lento na aprendizagem. Acreditou que tal circunstância desamina os alunos Wapixana e seus pais, contribuindo para a visão de que a escola não é muito interessante. Por isso, como alternativa preferem incentivar seus filhos para após termina a escola primária, trabalhar na roça e dessa maneira cultivar a vida de agricultura na comunidade e procurar depois um trabalho assalariado fora.

Geralmente me sinto feliz em ouvir quando os alunos estão passando suas provas e conseguir uma vaga para obter uma Escola Secundária. Porque não tive a chance de ir para obter o segundo grau, embora passei. Minha avó não podia dar me sustenta financeira para obter uma Educação Secundária. Isso é uma realidade atual, onde existe outros exemplos similar a minha, com alguns pais não permitem que seus filhos na maioria das vezes do sexo feminino, para obter uma da Educação Secundária, porque não têm dinheiro, e por outras razões.

A outra coisa vejo é que são normalmente muitas poucas crianças que vão passar para ir o Ensino Secundário, e apenas um ou dois serão sucedidos a conseguir entrar, porque não haverá espaço para ficarem no dormitório anexado ao prédio da Escola Secundária. Razão por esse é porque haverá outras crianças de outras escolas primárias do subdistrito que serão selecionadas a entrarem nas escolas secundárias em Aishalton e Sand Creek no Sul do Rupununi.

Então, para mim vejo tudo isso como competições onde apenas alguns vão passar e conseguir educação e a outras não. Creio que isso vem com a entrada

da primeira escola na comunidade, onde ensinou a gente para competir etc. Isso não é nossa cultura, nossa cultura é aprender em harmonia e aprender com uns os outros dos mais velhos. Penso que não existia em nossa cultura quem é brilhante e que é lendo em aprender. Esta circunstância acho desanima os alunos e seus pais em não ver Educação e a Escola como muito interessante.

Além disso, quando os alunos vão para a Escola Secundária por cinco anos, passando este tempo fora da sua comunidade, alguns deles vão embora para trabalhar e ganhar a vida e raramente voltaram. Essas coisas alguns pais estão vendo acontecendo com seus filhos depois da Escola secundária, que acharam gera uma falta de interesse para os pais dessas crianças em obter uma educação Secundária e, por isso, alguns deles preferem incentivar seus filhos para trabalhar na roça, após terminam a escola primária e depois saírem para buscar trabalho fora aldeia. (YVETTE LUCAS, Junho, 2016).

No relato dessa interlocutora acima percebemos uma crítica ao sistema de educação, que desamina os Wapixana por meio do processo de seleção e competição que a escola promove. Esse é um outro fator escolar que contribui ao desinteresse das crianças além do que foi destacado por Anna antes, sobre a falta da pedagogia que incorporar a realidade cultural dos alunos da escola. Também fez uma crítica semelhante a Joana com relação a educação que tira os filhos dos Wapixana da aldeia em busca de oportunidades fora de seus lares, o que remete com a realidade social da Guiana voltado à “fuga de cerebro” onde a maioria dos profissionais saem em busca de melhores trabalhos assalariados fora de sua terra natal. Uma realidade migratória dos Guianeses que iniciou durante o período pós independência causado por fatores de fragilidade, de estrutura que atuou sob indivíduos, no qual gerou um significativo número de migração guianeses qualificados aos países como Estados Unidos, Canadá entre outros (CORBIN, 2007). Nessa situação o país fica vulnerável e menos capaz para explorar seus recursos naturais. Segundo o mesmo autor Corbin em anos recentes, a Guiana começou a atrair brasileiros para exploração no setor de mineração no interior. Assim, os brasileiros “contribuíam a economia local do país e gerava empregos” para a maioria da população do interior onde os indígenas habitaram (Ibid.2007).

Numa outra conversa com a entrevistada Simone relatou que apesar dos desafios enfrentados na educação, os indígenas conseguiram a partir da educação escolar aprenderam a importância de valorizar os conhecimentos locais e a necessidade de preservá-los, pois foi a partir da experiência do ensino na aldeia que os wapixana descobriram a importância da língua materna ausente na escola nos anos iniciais. Neste contexto acreditou que se tivesse uma política educacional que promovesse a língua materna e um currículo flexível na escola, as crianças poderiam se comunicar mais e

com melhor fluidez na língua. Assim opinam que o sistema de educação no país deveria reconhecer a língua e costumes dos Wapixana como contribuição que possibilita uma melhor aprendizagem, pois, a realidade educacional da Guiana apresenta um currículo nacional de alfabetização técnica numérica e literária que deve ser aplicado no país não respeitando a cultura indígena como foco dos anos iniciais onde as crianças são expostas a essa aprendizagem desde cedo (*STRATEGIC PLAN*, 2008-2013).

Penso que o sistema de ensino precisa ver as coisas em preto e branco. Acredito que se houvesse uma política de Educação em ter a língua local ensinado na escola, a comunicação estará fluindo, porque mais crianças serão expressar-se. A outra questão é, a sala de aula precisa ser culturalmente mais incluída: por exemplo, os livros didáticos refletem a cultura dominante da costa (Georgetown) e os materiais de ensino precisa ser inclusiva para a cultura local, para dar espaço para as crianças a aprender dos animais e pássaros locais e assim por diante, que sabem e podem conectar rapidamente.

E a partir deste processo de aprendizagem, há a necessidade de uma transição lenta do conhecido para o desconhecido, para que as crianças podem identificar. Nesse contexto acho que a percepção de uma escola pelo Governo da Guiana, é que um currículo costeiro tem que ser implementada em uma cultura tradicional dos indígenas no país, e a aprendizagem inicial das crianças devem ser expostos a tal, embora não é obrigatória antes da idade normal para uma criança entrar o berçário (SIMONE JOHN, Junho 2016).

Este sistema de ensino continua presente no país quando as escolas foram tomadas da igreja pelo governo. Teve como objetivo modificar o sistema social dos Wapixana com a costa ou do litoral, dessa maneira, houve a implantação de um currículo regular nas escolas das comunidades da Guiana, onde a educação prepara os indígenas segundo Pearce (2015) “a procurar oportunidade fora das aldeias e simultaneamente aprendem dos velhos da comunidade assim, os Wapixana escutam ambos e são indecisos” (PEARCE, 2015.p.33).

Outra crítica do sistema educacional que prepara os indígenas a obter trabalho fora de sua comunidade na costa como Georgetown, é que muitas vezes são ilusões por que surge o desafio para eles na adaptação em morar na capital, onde normalmente são tratados com desprezos por outros não indígenas Guianense desses lugares (FORTE & MELVILLE, 1989).

Assim, a experiência da realidade educacional do povo Wapixana da Guiana no que pudemos constatar, não existe um programa de educação para a população indígena na Guiana embora, recentemente existe atividades do governo em revisar currículos e abordagens educativos apropriados a realidade cultural dos indígenas mas, essas ainda

estão em execução, e no momento deste estudo não havia dados dos resultados disponíveis (INDIGENOUS PEOPLES PLAN, 2017). No entanto, existe o *Amerindian Act 2006*²⁷, durante o processo da elaboração do *Amerindian Act 2006*, o governo se reuniu com os indígenas estabeleceu um Conselho Nacional de Tuxauas (CNT) cujas funções “é preparar estratégias em vista de ter melhores serviços de saúde e educação, e que lida com gestões dos recursos naturais e a promoção das línguas indígenas” nas comunidades no interior do país (RENSHAW, 2007, p.18). Dessa realidade existe a promoção da língua oral e costumes informalmente na maioria das comunidades remotas do país, mas aparentemente existe uma falta de uma política específica que lida com o ensino bilíngue nas escolas públicas encontradas no mundo social indígena do sul do Rupununi e como no país em geral.

A lei o *Amerindian Act 2006*, é baseado na história política protecionista desde da colonização britânica para os povos originários de influências negativas externas. Dessa maneira, foi elaborado pelo sr. Roth, que era o protetor dos aborígenes da Austrália. Elaborou uma ordenança em 1910 no qual 10 reservas ameríndios foram criados na Guiana servindo como modelo de proteção da população considerada nômade, colocando-os em reservas correspondes daqueles da Austrália (DALY, 1975). No entanto, a visão crítica de estudiosos que analisaram essa “política de proteção” aos ameríndios relataram que esta foi voltada para a colonização no interior do país, com objetivo de explorar os recursos naturais, principalmente o ouro e diamante para fins econômicos. Sendo assim, esta política e proteção ainda permanece, decretada pela lei *Amerindian Act 2006*, vigente na Guiana pós independência, na qual os povos indígenas foram consultados, mas tive suas sugestões e propostas limitados durante o processo da elaboração da lei em 2006. Assim, ficaram sobre proteção de um guardião que serve como controle indireto e de políticas de assimilação para esta população originária do país (IFILL, 2009).

No relato do Simone novamente aponta a visão crítica, comentou que nos anos iniciais da Escola Primária, existe várias necessidades para melhorar o desempenho dos educandos que vão: da formação continuada para professores, uma pedagogia do ensino atualizada, professores especialistas para ensinar as crianças dos primeiros anos de aprendizagem, pois a consequência disto, é a realidade enfrentada na escola com algumas crianças que se desempenha bem, e maioria não, que gerou um baixo

²⁷ A legislação para governar comunidades ameríndias, em conformidade com as disposições da Lei do “*Amerindian Act 2006*”.

desempenho entre os educandos. Falou da importância em ter uma lenta transição para as crianças dos anos iniciais na aprendizagem; quanto seria melhor ensinar na língua materna e numa fase posterior, ensiná-las em inglês.

A escola necessita no momento programas de formação contínua para os professores, e também a pedagogia do ensino precisa ser atualizada. Necessita a formação por especialistas para ensinar a língua indígena na escola, especialmente para as crianças dos anos iniciais de aprendizagem. Uma consequência disto, é a realidade enfrentada na escola no momento em que há algumas crianças estão desempenhando bem enquanto a maioria são deixados para trás. É importante ter uma transição lenta assim é melhor ensinar na língua materna e numa fase mais tarde pode ensinar em Inglês para as crianças (SIMONE JOHN, Junho 2016).

No relato da entrevistada acima, Simone faz a crítica da pedagogia que necessita ser atualizada, reforçando o discurso de Anna e Yvette em seus relatos, ao passo que a escola necessita de formação especial para os professores que ensinam os alunos na língua indígena de acordo com a realidade cultural das crianças em vista de possibilitar uma aprendizagem efetiva, pois existe o desafio onde encontram as lições que contam experiências fora do contexto da realidade local para as crianças, e por conta disso, gera uma situação onde poucas se desempenham bem e o restante não.

Por outro lado, os alunos de 15 anos de idades entrevistados reconhecem que aprender Inglês e Wapixana é importante. A experiência deles é que a língua materna, é usada como afirmação da identidade cultural dos povos indígenas, enquanto inglês é importante para as crianças aprender a língua oficial do país. Neste contexto a educação escolar transformou os Wapixana em um povo bilíngue, mas, além disso, também os ensina os fundamentos básicos de matemática, escrever e se expressarem, aprenderem regras, aprenderem higiene, e exercitam seus talentos através da participação em atividades esportivas, artísticas, entre outros como aponta este depoimento:

A gente gosta da Escola porque aprendemos a ler, soletrar e fazer matemática. A escola nós ajuda a aprender Inglês, para que pudéssemos se tornaram pessoas que falam duas línguas, Inglês e Wapixana. Mas, a gente sente medo às vezes para falar na sala de aula. Porque as lições são difíceis, e normalmente achamos difícil para pensar, e de nos expressar, e compreender as lições em Inglês na escola. Porque em nossas casas e fora da escola, comunicamos em nossa língua nativa entre nós (JIM MARCO, Junho 2016)

Devido a isso, achamos a escola chata às vezes, especialmente quando vemos nossas notas baixas. Às vezes eu não sinto interessado em ir para a escola, eu prefiro ficar em casa para ir a roça com meus pais, mas tenho que ficar na escola até 16 anos. Eu achei isso é uma perda de tempo (LUIZINHO JOHN, Junho, 2016)

A coisa boa é que os professores normalmente explicar para nós em Wapixana quando não entendemos o que eles dizem para nos nas lições em Inglês. Caso contrário a escola nós ajuda a aprender outras coisas, tais como: ver outros lugares por exemplo: Recentemente eu fui para participar de uma feira de ciência e minha escola ganhou um troféu. Assim, faz-nos visitam outras aldeias e conhecer outros estudantes (ANDRESSA PAUL, Junho, 2016).

A escola nos dá oportunidades de viajar e competir com outras escolas através de atletismo, e como também aprender sobre a Guiana e seu povo por meio dos estudos sociais. Inclusive nos ensina a obedecer as regras da escola, e ter bons comportamentos. A Escola também oferece almoço todos os dias para as crianças, isso é bom (VAUNDA SINGH Junho, 2016).

Os relatos dos alunos apontaram diferentes percepções sobre a experiência da educação escolar mas enfim, aprovaram os serviços, oportunidades e aprendizagem que a escola proporciona aos alunos. Entretanto, a instituição também reprova a maioria das crianças indígenas o que produz um sentimento de insatisfação e desânimo, embora existe segundo o diretor da escola de Maruranau Sr. Orvil Gomes “a prática de promoção acelerada”. Deve mencionar que esses alunos estão na etapa final em concluir sua educação primeira de a maioria não passa para o ensino médio, assim, logo após a escola, vão entrar no mundo onde alguns vão ficar na comunidade e a maioria vão embora em buscar de trabalho fora.

Todavia, na seguinte fala do Cheryl ressaltou que os moradores perceberam a escola na aldeia como uma instituição governamental, que possui as várias políticas e regulamentos estabelecidos pelo Governo/Ministério da Educação. Embora faça parte da comunidade onde o povo “colabora” com ela, porque oferece serviço educativo para seus filhos. Destacou que a educação é um processo de três vias, que envolve pais, professores e crianças. Os professores tentam passar esta mensagem a comunidade para os pais serem participativos na escola. No entanto, é um desafio. Eles geralmente os incentivam, mas, por exemplo sempre que há uma reunião, nem todos os pais participam:

Minha percepção da escola na aldeia é que ela é uma instituição governamental. Tem as várias políticas e regulamentos estabelecidos pelo Governo / Ministério da Educação. Eu acho também que os moradores têm a mesma opinião que pertence ao governo. Porém, ela faz parte da comunidade, e os pais geralmente participar ajudar, pois oferece um serviço educativo para os seus filhos.

Eu normalmente digo aos outros moradores que a educação é um processo de três vias, que envolve Pais, Professores e Crianças. Nos educadoras estão tentando levar esta mensagem a comunidade para os pais sejam participativos na escola. Mas é um desafio. Nós normalmente incentivá-los, mas, por exemplo: sempre que há uma reunião, não veremos todos os pais

participando, apenas alguns geralmente os mesmos que normalmente participar, o resto é zero (CHERYL MARTIN, Junho, 2016).

Nesse relato do Cheryl, a experiência da escola na aldeia de Maruranau caiu na perspectiva do Governo mas os moradores ‘colaboram’ com ela pois oferece educação a suas crianças. No entanto, fez crítica dos pais das crianças por que às vezes a maior não demonstra muito interesse em sua educação de seus filhos, isso é manifestado em suas poucas presenças participando em reuniões escolares que incluiu pais e professores.

Num outro relato de Cheryl ela lamentou da experiência dos obstáculos e frustrações encontradas pelos professores na escola em Maruranau hoje em dia. As autoridades regionais são lentas para responder a suas cartas de pedidos, existe uma falta de financiamento, e muitas exigências das autoridades educacionais mais altas da região. Estes pedidos às vezes atrapalharam a função da atividade escolar para obter a meta ou planejamento escolar para um determinado semestre ou ano.

Outros obstáculos e frustrações encontradas por nós professores da escola são: as autoridades regionais são lentas em responder às cartas dos professores de pedidos, falta de recursos financeiros, e há muitas exigências das autoridades do departamento de educação regional. Estes pedidos às vezes atrapalham a função fluente da equipe escolar para a obtenção da meta para um determinado semestre ou ano (CHERYL MARTIN Junho, 2016).

Nesse relato a experiência da interlocutora com a escola, é que as autoridades regionais exigem muito trabalho burocrático dos professores que muitas vezes atrapalham a escola em atender suas metas para o ano, um outro aspecto além das exageradas atividades esportivas que roubam os alunos das lições, inclusive, as autoridades não dão muita atenção em ajudar e demoram em responder os pedidos dos professores quando estes pedem apoio.

E finalmente a percepção da educação na Guiana pelos moradores de Maruranau recai em questões financeiras como disse Debora: onde a maioria dos pais estão sob pressão para obter dinheiro para enviar seus filhos à escola. Estão se esforçando para ganhar dinheiro e manter seus filhos educados e em última análise, na maioria dos casos não passam nos exames, ou quando passam com notas altas, haverá poucas oportunidades para eles avançarem em estudos ou mesmo conseguir um emprego. Esta é a realidade da escola e da educação em Maruranau no presente.

Minha outra percepção da Educação na Guiana, e eu acho que é assim em outros países, é a questão do dinheiro. Devido a isso, os pais são obrigados a ter dinheiro para mandar seus filhos para a escola. Esta é onde o interesse e compromisso dos pais com a educação é testada.

A maioria dos pais estão se esforçando para ganhar dinheiro para obter os seus filhos educados, e na maioria dos casos, no final, muitos dos seus filhos serão reprovados em seus exames. Ou quando passaram com notas altas há poucas oportunidades em seguida para continuar em outro nível ou até mesmo conseguirem um emprego. Esta uma realidade em Maruranau atualmente (DEBORA SINGH Junho, 2016).

A experiência relatada acima destacou a realidade da educação que é ligada com o dinheiro, igual na fala anterior de Joana que comentou sobre o conhecimento do dinheiro que foi reforçado no sistema educacional da época pós independência do país. Desde então, os indígenas são pressionados a obter o mesmo para educação. Essa situação trouxe desafios a eles pois em sua maioria são agricultores e a experiência da educação escolar fica na percepção desafiadora para os Wapixana voltados a questão financeira e mais ainda, quando os pais trabalharam muito em obter as matérias escolares para seus filhos e depois não saiam bem nas provas, e quando tiraram boas notas não há muito oportunidades para continuar estudando out até ganhar um emprego decente.

3.4 A Escola Primaria

Os dados sobre a Escola foram obtidos a partir de várias fontes, tais como: documentos escolares, como plano de estudos, curricular, observação, entrevistas informais da equipe escolar e do Plano Estratégico de Educação da Guiana.

Gena, uma das primeiras alunas da escola em Maruranau, relatou que o telhado do primeiro prédio da escola frequentado pelas as crianças Wapixana era feito de palhas de buriti e o mural de adobe. Sendo a primeira instituição educativa estabelecida em 1947 no leste final do Sul do Rupununi, a escola atendia crianças de uma pequena população. Destacou que a maioria das crianças vindas de outras aldeias ficavam durante a semana em Maruranau para ir à escola, enquanto alguns viam a pé de suas aldeias todos os dias para a escola na comunidade. Tempo depois essas comunidades passaram a ter suas próprias escolas.

Naquela época a primeira escola era pequena pois, a população era pequena, diferente em comparação a instituição que possui 206 alunos atualmente. Hoje, a

“escola moderna” é um edifício de cor creme e de forma retangular de 130 pé ou 39,624 metros com telhado de zinco de alumínio. Na parede exterior da escola há desenhos que representam as políticas do ministério de Educação tais como: promover uma escola amigável para a criança, criar uma escola promotora de saúde; proibido o uso de telefones celulares, proibido fumar e sempre manter o ambiente limpo (STRAGETIC PLAN, 2008- 2013). Este prédio foi construído por pessoas pagas pelo governo, diferentemente da construção da escola no passado, que foi construída pelos próprios indígenas incentivados pelos missionários.

FIGURA 12 - A ESCOLA PRIMARIA DE MARURANAU. DESENHOS REPRESENTANDO AS POLÍTICAS DE EDUCAÇÃO NO MURAL DO PRÉDIO



Fonte: Arquivo pessoal, 2016.

De acordo com a história da primeira instituição educativa até o atual, registrou que a presente escola é o terceiro prédio desde da época da primeira que foi instalada na comunidade em 1947. A primeira era localizada no leste da aldeia onde atualmente existe uma ilha de mangueiras. Depois passou a ser anexada no campo da capela da igreja no centro da comunidade. Hoje o atual prédio da escola primeira está localizado no centro da comunidade mas não perto da capela. Está rodeado pelos principais edifícios governamentais e também na qual a estrada principal passa no centro da aldeia que o separa do campo de futebol.

Os alunos matriculados são 206 e se deslocam de várias localidades para chegarem à escola todos os dias. As aulas começam às 8:30 com o toque do sino para as crianças se juntarem em filas de acordo com as turmas no pátio da escola. As crianças

ficam em filas ordenada que começa com uma sequência de atividades: primeiro com orações, em seguida pelo momento cívico, uma fala sobre os valores morais, e depois os alunos vão se ordenando em filas para as salas de aula.

Na Escola Primária, a equipe é composta por 8 professores/as, 4 homens e 4 mulheres destes, 5 são formados e 3 não formados. A formação para professores é feita em Georgetown na principal faculdade de formação de educadores da Guiana chamada *Cyril Potter College of Education (CPCE)*. A formação é de 2 anos que prepara os professores para ensinar em escolas primárias ou secundárias no país. No entanto, além do centro de treinamento principal de Georgetown, há um ramo do CPCE em algumas regiões que oferece formação aos professores locais para respectivas regiões. Na Região 9, houve um grupo de professores formados em 2015, e havia dois professores de Maruratau que receberam formação durante 3 anos neste programa.

Enquanto os professores são retirados da escola para receber formação profissional, existe um sistema onde entrarão novos recrutas de jovens que saíram do ensino médio, que vão preencher as vagas daqueles que saírem. Quando os professores são formados pelo governo são obrigados a regressar às suas escolas da região para trabalhar onde vão servir por 5 anos para pagar o governo e depois ficam livres para continuar trabalhando ou seguir um estudo mais avançado, critério feito pelo governo e não é um projeto do socialismo, mas, serve como um dever para os educadores profissionais voltarem a suas regiões de origens para trabalhar ou seja, combater a “fuga de cérebro”.

Nas Escolas de Ensino Fundamentais na Guiana há quatro (4) provas: primeira é para a avaliação nacional da segunda série, a segunda é a avaliação nacional da quarta série, a terceira é a avaliação nacional do nono ano, e por último a prova de avaliação dos alunos que estão terminando a escola primária. Com relação ao número de alunos para cada professor é de trinta ou trinta e cinco alunos (1: 30 ou 35) do terceiro grau acima, enquanto os primeiros e segundos graus, ou anos iniciais, que são do nível de alfabetização, a relação de um professor para uma turma é vinte e cinco alunos (1:20 ou 25). Os conteúdos lecionados nos anos iniciais são quatro temas centrais, ensinados às crianças a este nível: numérica e literária, Estudos Sociais e Ciências (*STRATEGIC PLAN*, 2008-2013).

A instituição possui um programa de alimentação escolar que é apoiado pelo governo central. Os agricultores locais fornecem seus produtos agrícolas semanalmente, produtos como milho, feijão, frutas, legumes, carne, ovos e peixe. Os outros itens

industrializados como arroz é adquirido fora da comunidade. Possui também uma atividade como a associação dos pais, professores e amigos (PPA), um Comitê de Melhoria Consultivo (CM.C), um corpo de ex-alunos que apoia a escola, clube da bíblia, biblioteca, um clube de vida selvagem voltado a aprender sobre os animais e pássaros na comunidade, sala de computação, jogos internos e externos, ramo do sindicato dos professores na Guiana (S.PG), além do mais, a escola tem um espaço de 400 metros que é um local para atividades desportivas no campo. Além disso, possui o programa do direito da Criança (D.C), seguindo a política nacional do Ministério da Educação, e uma Comitê de Base de Alfabetização na Comunidade (C.B.A.C).

FIGURA 13 – MERENDA ESCOLAR



Fonte: Arquivo pessoal, 2015.

Nessa foto uma turma do ensino fundamental de Maruranau na hora almoço num espaço anexado da escola reservado para essa atividade. Esse é um serviço do governo que oferece almoço para todas as escolas de ensino primeiro no interior da Guiana. Os produtos locais como verduras, legumes e suco são produzidos e comprados das roças dos moradores da aldeia através do programa. O programa serve como apoio as crianças indígena e as incentivaram a frequentar a escola.

A Escola possui projetos como criação ovinos e de gado. Em 2012, recebeu um milhão de dólares Guianense 10000 equivalentes (10mil reais) como subvenção do plano para melhoria da organização escolar. Além disso, a instituição recebeu 6 *Lap tops*, um pequeno gerador e 6 desktops computados modernos. Tem 1 funcionária da limpeza, 6 cozinheiras e 1 tesoureiro que cuida do programa da alimentação escolar.

A instituição educativa comemora algumas datas especiais durante o ano letivo: a Independência da Guiana, os jogos de agosto, mês da festa indígena em Setembro,

atletismo e aquáticas em Outubro²⁸ concerto & almoço para a época de Natal, o mercado escolar das crianças, Feira de Ciência, festival de vida do clube selvagem, cantos natalinos, prova de soletração, fala moral que está relacionado com comportamento moral que dever ser seguido, turismo educacional voltado aos locais atrativos, o meio ambiente das faunas e floras e a feira de exposição.

Dentro da Escola, as salas de aula não possuem portas e são separadas por quadros-negros. O ambiente na escola é barulhento com o som de crianças em suas aulas, juntos as vozes dos outros professores ensinando. Em algumas aulas os educadores compartilham quadros-negros entre duas classes, onde um se escreve num lado e o outro, do outro lado.

As salas de aula são decoradas com materiais pedagógicos para as crianças aprenderem, mas os materiais utilizados não são produzidos localmente, e também não há nenhum que leva em conta os conhecimentos locais como a ecologia da região por exemplo, das árvores entre outras inclusive, existe a ausência do uso da língua local escritos nas paredes das salas de aula. A maioria dos materiais de aprendizagem são os mesmos do currículo nacional da Guiana para as crianças aprenderem (WIHAK, 2009).

Segundo o relato do diretor da Escola, afirma que antigamente os professores eram do sexo masculino (os diretores). No entanto, agora a realidade é outra onde conta com a presença de professoras em sua maioria. Quando perguntamos aos alunos sua percepção sobre os professores, responderam que pensam de forma positiva, valorizam seus professores, e na maioria das vezes têm respeito a eles e suas profissões. Ademais, alguns veem a profissão do professor como um trabalho decente. Contaram também que alguns dos professores da escola têm pais que eram professores e essa tradição continua com seus filhos e netos. Também o diretor da escola relata que *“eu normalmente procuro conselhos para dirigir a escola dos professores aposentados que vivem na comunidade especialmente quando há um desafio que não posso resolver com a equipe de professores da escola.”* (ORVIL GOMES, Junho 2016.)

Durante a observação de campo na escola, percebíamos que a maioria dos alunos falam Inglês, mas muito limitado, quando você lhes faz uma pergunta, eles vão responder Sim ou Não. O Inglês deles é limitado, mas muito padrão e claro. Relataram que o jeito deles de falar um inglês padrão veio da influência dos pais que frequentaram

²⁸ Nas conversas informais, durante a pesquisa de campo, relataram em tom de crítica sobre o excessivo tempo dedicado as atividades esportivas, dizem que as atividades roubam o tempo os estudantes na aprendizagem escolar. No entanto, reconhece-se as boas contribuições que as atividades esportivas oferecem a população.

a primeira escola e a igreja, corroborando com que disse esta autora, onde antigamente as crianças indígenas aprendiam inglês com os professores que foram missionários (JENNINGS 2009).

Assim, não percebemos um inglês tanto crioulo mesmo falado por outros. Falavam inglês com o sotaque Wapixana, diferente da região do litoral da Guiana. Inclusive na escola observamos que quando as crianças, particularmente aquelas dos anos iniciais estão fora da aula conversando entre elas, conversaram com facilidade na língua materna, e quando estão na aula aprendendo os conteúdos técnicos que a professora ensina, a maioria fica caladas pois são obrigados a falar o inglês gramaticalmente correto, e isso deixam os educandos de certa forma temerosa ao se expressarem.

FIGURA 14 – FOTOS DOS ALUNOS



Fonte: Arquivo pessoal, 2016. Alunos descalços

A foto mostra as crianças se agrupando em filas de acordo com as turmas no pátio da escola quando o sino tocou as 8.30. O diretor da escola sr. Orville Gomes passando informações sobre seus compartimentos e avisos sobre atividade escolar. Como mostrou na foto a maioria das crianças estão descalços mas, elegantemente vestidos em seus uniformes escolares. Na Guiana as escolas públicas usam uniformes escolar e cada escola tem seu próprio cor. Os uniformes escolares das escolas nas comunidades indígenas no país é também um programa do governo central para ajudar as crianças e serve como incentivo a frequentar a escola.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A trajetória da Educação Escolar oriunda da época colonial da Guiana britânica entrou em cena para a população Wapixana do Sul do Rupununi a partir dos anos 1940, como se afirma no capítulo 1 e 2, foi introduzida pela Igreja Católica e os missionários Jesuítas ingleses que ficaram responsáveis até o período dos anos 1970, após da independência da Guiana. Neste contexto histórico com a inserção da educação escolar aos povos indígenas é que começam transformações no mundo social dos Wapixana por meio do ensino convencional na aldeia de Maruranau. Ocorreram modificações desde a inserção do ensino escolar até o presente no que concerne aos moradores, refletem uma experiência de diferentes pontos de vistas e opiniões, sejam elas positivas ou negativas. Do ponto de vista positivo: as boas lembranças da primeira escola onde aprenderam a falar o idioma inglês, a serem cristãos, serem civilizados e terem oportunidades; e do ponto de vista negativo, por exemplo, há a desvalorização da sua cultura e língua materna e outros impactos e desafios que a educação escolar lhes trouxe.

Em Maruranau a primeira escola foi implementada em 1947. Segundo a moradora Gena, uma das primeiras alunas da instituição, recorda que desde a introdução da educação escolar para os Wapixana na aldeia, trouxe impacto na cultura dos indígenas, ou seja, através da escola, os missionários transformaram os Wapixana em cristãos e ensinou-os a falar inglês e em seguida estabeleceram uma comunidade organizada (AMERINDIAN LANDS COMMISSION, 1969). Dessa maneira cabe a seguinte frase: “A escola é o início e o fim de uma cultura” (WEBER 2004.p.4), no sentido de discorrer que a escola foi usada como ferramenta que impôs uma nova regra à sua cultura, para o povo Wapixana, numa concepção de “civilizá-los” e assim integrá-los a sociedade nacional.

Durante o período colonial na Guiana, o responsável por introduzir educação para os indígenas foi a igreja Católica. Por questão de estratégia, trouxeram o povo Arawak, pois eram considerados pelos missionários como “civilizados” e vieram de outra região. Como professores foram orientados e recrutados para ensinar nas escolas nas aldeias Wapixana no Sul do Rupununi. É importante destacar que mesmo sendo educadores indígenas, ensinavam as lições nas escolas baseadas na política das autoridades colônias, assim havendo a experiência de “um índio proibir outro índio de falar sua língua materna na escola” no período antes da Independência.

Ocasionalmente uma tentativa de eliminar a cultura local, e simultaneamente, uma intensificação das tentativas de transformar os indígenas em cristãos civilizados, uma estratégia dos ingleses em colocar outro povo indígena no intuito de realizar seus projetos. Porém, os moradores de Maruranaú sempre mantiveram a sua cultura, especialmente na comunicação na língua materna na comunidade que continua até hoje, como evidencia esse depoimento:

“Foi só na escola a gente aprendia inglês. Lembrou que quando as aulas da escola acabavam nas tardes todos os dias, as crianças voltavam para seus lares na comunidade falando em Wapixana. Até hoje as crianças praticam isso na aldeia. Lembro que a gente não falava inglês entre nós, só com pessoas visitando a aldeia, e aí a gente comunicava um pouco com eles em inglês (GENA GOMES Junho, 2016.)

No relato de Gena, fica nítido que a escola não deixava de ser um desafio frente à cultura, às tradições e à língua oral praticada na comunidade. Esta experiência contrasta com a educação na escola, pois existe um fortalecimento natural das práticas culturais, especialmente da língua materna falada ao longo dos anos pelos indígenas. Neste ponto é que podemos perceber a necessidade de fortalecer os aspectos fundamentais de seu mundo social. Então, a língua e outros costumes dos Wapixana são elementos importantes, ou seja, resistiram as rígidas atividades escolares ao longo dos anos, como é explicado no Capítulo 2, devido à grande distância em que a comunidade se encontrava localizada da sede do Governo Central, o que inevitavelmente resultou na falta de qualquer desenvolvimento ou interesse significativo do governo central ao longo dos anos (BORGES DA SILVA, 2005).

A educação escolar *a priori*, teve sua ação voltada ao “cristianismo civilizatório” do período colonial, foi vivenciado pela Gena. Este modelo impactou na cultura dos Wapixana na aldeia, onde a instituição estimulava a concorrência, seleção e categorização dos alunos, dentre os que apresentassem melhor desempenho em oposição aqueles que tivessem um desempenho escolar baixo no processo de aprendizagem, tendo em vista passar por outros níveis de ensino. A aldeia praticava um sistema coletivo e a introdução da educação transformou os alunos na escola em individualistas e competitivos.

Neste contexto, fica a pergunta, por que o atual sistema de ensino se torna negativo? Porque este modelo de educação promove uma individualização característica do mundo ocidental, rompendo com o coletivo que os indígenas estavam acostumados, como apontou no relato que obtive por meio da entrevista.

No depoimento de Yvette, menciona que esse modelo contrasta com o modelo de educação da cultura indígena que está voltada para a aprendizagem em comunidade, isto é, em família, aprendendo tanto harmonicamente e coletivamente, a partir da observação dos anciãos de maneira que todos são professores e todos são estudantes; o que nos remete, aliás, à fala de Maher ao expressar que:

Na Educação Indígena, não existe a figura do “professor”. São vários “professores” da criança. A mãe ensina; ela é professora. O pai é professor, O velho é professor, o tio é professor, o irmão mais velho é professor. Todo mundo é professor... e todo mundo é aluno. Não há como em nossa sociedade, um único “detentor do saber” autorizado por uma instituição para educar as crianças e jovens (MAHER, 2006.p.18).

A experiência dos Wapixana com o modelo de educação convencional transformou tal modalidade de educação dos indígenas, conforme acima citado em Maruranaú, e assim passou a ser um modelo altamente competitivo no qual tem deixado a maioria dos alunos desanimados com a escola. É certo que existe a prática de promoção acelerada, todavia, quando os alunos terminam o ensino fundamental, alguns dos pais incentivam seus filhos a ajudar na roça e quando chegam à idade adulta, eles saem para procurar trabalho assalariado fora de suas comunidades, como explica esse morador:

“quando eu vi que meu filho não conseguiu passar nas provas da escola na etapa final da escola primeira eu normalmente o encorajava a ir comigo na roça para cultivar mandioca e outras comidas e assim vai cultivar um estilo de vida tradicional e em seguida quando chegar 18 anos e adiante saia para buscar trabalho fora para Lethem, Brasil ou outros lugares”(JOHN GABRIEL, Outubro, 2016).

Nesse relato pode-se perceber que os Wapixana procuram outras alternativas quando a escola reprova seus filhos. No entanto, numa experiência positiva dos Wapixana de Maruranaú os moradores elogiaram a oportunidade da educação que se oferece a alguns dos seus filhos em aprofundar seus estudos, tornando-os profissionais, seja como trabalhadores da saúde ou como professores, pois alguns retornam para trabalhar em sua comunidade.

Outra percepção dos indígenas sobre a educação está voltada para os poucos alunos que obtêm um bom desempenho acadêmico. Em geral são filhos de pais professores ou de líderes da comunidade. Mas certamente isso não se dá em todos os casos, pois há Wapixanas que não são profissionais ou mesmo formados e que seus filhos destacam-se nas provas escolares. Nessa percepção valorizam o ensino e aprendizagem e também elogiam as aulas de reforço, pois alguns dos professores dedicam seu tempo a preparar seus alunos para o Exame Nacional.

Outros aspectos positivos de aprendizagem e oportunidades que a educação escolar forneceu aos indígenas foram uma série de benefícios, como por exemplo: tornarem-se os Wapixana bilíngues, compreenderem o valor da higiene, aprender sobre a Guiana por meio dos estudos, aprimorarem seus talentos através de atividades esportivas e torneios que o sistema de educação promove.

A educação pós-independência, mencionada no capítulo 1 que era baseada do nacionalismo com a reforma do currículo e adaptações à realidade cultural e sociopolítica da Guiana e dos países do Caribe. Este modelo de educação homogeneizante continua na população Guianense no país em vista do desenvolvimento e modernização da nova nação. Nessa experiência apontou-se que não há uma política específica que trate da valorização das línguas indígenas ou da educação intercultural bilíngue em comunidades indígenas no ensino, apesar de o governo se mostrar aberto a tal iniciativa que colabora com o que o documento do plano estratégico do país destacou (STRATEGIC PLAN, 2008-2013). No entanto, existem algumas Políticas Educacionais voltadas para os Indígenas, mas, como o país é pobre e vulnerável, o que se deseja é gerar lucro e progresso, mesmo que se tenha de enfrentar o desafio de levar uma “educação de qualidade” aos indígenas do país.

A educação para desenvolvimento enfrenta grande desafio em entregar uma educação de qualidade a população por conta de políticas internas mal sucedidas, e seu serviço não foi efetivado. Dentro deste modelo de educação precário do país, os povos indígenas tiveram acesso a algumas políticas como bolsas de estudos que os incorporavam para receber atendimento do Estado. Mas a experiência que ficou desse projeto é que não foi de grande contribuição significativa, pois tirou a maioria dos indígenas de suas aldeias para buscar oportunidades fora, ou seja, contribuiu com a realidade de “fuga de cérebro” que existe na Guiana. Entretanto, a respeito da realidade socioeducativa no país, o governo central continua com o projeto de introduzir e expandir o serviço de educação aos indígenas, embora enfrente desafios geográficos que gera uma situação de desvantagem até o momento atual.

Essa educação em desenvolver uma nova nação continua transformando aspectos culturais dos Wapixanas e desafios, alterando seu modo de viver, já que em sua maioria são agricultores, mas agora são pressionados ao modo de vida capitalista do Ocidente. No entanto, como uma forma positiva, a educação escolar recaí como a principal fonte geradora da reconfiguração econômica sobre o modo de vida tradicional dos Wapixana. Por isso mesmo, aprovam que a escola ensine aos indígenas sobre como

lidar com questões econômicas, com a lógica matemática e o comércio, mesmo que em pequena escala.

Na observação na escola de Maruranau e nos relatos dos Wapixana compreendemos que os professores Wapixana usam a língua materna para explicar conceitos aos alunos quando surge a necessidade e, além disso, segundo a lei nos últimos anos, o governo se mostrou interessado em promover as línguas e tradições indígenas nas aldeias do país por meio de atividades culturais que envolvem as escolas na participação de eventos culturais (AMERINDIAN ACT, 2006), mas não do currículo escolar (Pensamento do autor).

Já para Gena e Joana que passaram pela educação que tinha um forte ensinamento moral da igreja, a “escola moderna” trouxe mudanças aos indígenas por meio de novas políticas escolares voltadas para o Direito da criança, que repercute atualmente na aldeia. Há uma realidade da indisciplina na escola e outros problemas que lembraram que não tinha na educação que recebiam. Dessa maneira a “escola moderna” trouxe uma experiência diferente de sua época que impactou no mundo social dos Wapixana na aldeia. Assim, recordavam a rigidez da escolarização e a disciplina do passado com saudosismo.

Outra experiência positiva da “educação escolar moderna” para os Wapixana de Maruranau é sobre a merenda, e sobre o uniforme escolar do governo, que servem como apoio para as crianças. Os indígenas consideram isso de grande ajuda, pois incentivam seus filhos a frequentar a escola com maior regularidade. No entanto, a respeito desses serviços prestados aos alunos, observemos duas perspectivas distintas, uma do governo e outra do movimento indigenista. Conforme dito no Capítulo 1, a crítica que o movimento indigenista faz dos serviços prestados é de que a merenda e o uniforme escolar servem unicamente para que os indígenas não reclamem e aceitem a educação que recebem. O olhar do governo, por sua vez, é de que essa passividade e fácil submissão dos indígenas expressam a ideia de “dependência de coisas que vêm de fora”; logo, não tomam qualquer iniciativa de se responsabilizarem pela qualidade da educação que recebem.

No entanto, além dos diferentes percepções dos Wapixana sobre a educação escolar em Maruranau existem as transformações geradas pela instituição na comunidade e no território Wapixana, que constitui empoderamento de alguns dos moradores e líderes na comunidade para tomarem suas próprias iniciativas, pelo interesse em rever e desenvolver uma educação intercultural bilíngue com uma

pedagogia apropriada na escola de Maruranau, pois perceberam que o sistema de educação está reprovando a maioria os alunos, deixando-os com baixa autoestima, também com menos oportunidades para exercerem uma vida digna na sociedade Guianense. Nesse contexto o sistema educacional como projeto oferecido aos indígenas conforme este relato a seguir:

Vimos como o exercício do poder sobre subordinados costuma estar a serviço da realização de algum projeto. O poder raramente é um fim em si mesmo. Mas os subordinados inevitavelmente têm seus próprios projetos. Estes podem ser bastante evidentes, como no caso de culturas subordinadas pelo colonialismo. (ORTNER, 2007.p.73-74).

Este contato levou o povo a questionar o sistema de educação que recebem e assim possibilitando-os a tomar iniciativas, a fortalecer sua cultura e identidade como também gerar um melhor desempenho acadêmico das crianças Wapixana na escola. Isto evidencia que no decorrer dos anos os indígenas se tornaram proativos em reivindicar seu direito à terra ancestral, bem como começaram a pensar em ter uma educação bilíngue de qualidade e produzir estudos sobre sua cultura e território. Tudo em vista de realizar seus próprios projetos de reafirmação de sua identidade étnica dentro da região do Sul do Rupununi (DAVID, B ET AL, 2006).

Assim, como tema de futura pesquisa, seria interessante desenvolver um estudo voltado à implantação de uma política de educação intercultural e bilíngue na escola dos Wapixana, que poderá contribuir para a preservação de sua cultura, a qual é praticada fortemente, e que poderia ajudar o sistema de Educação Nacional na Guiana a abraçar outras abordagens educacionais, a fim de contribuir de fato para um melhor desempenho acadêmico dos povos indígenas e a preservar sua cultura no país.

Maruranau é uma comunidade localizada no leste final do Sul do Rupununi e é pouca afastada da influência urbana de Lethem da Região 9. A introdução da escola foi a partir dos anos 1940. Esse modelo do ensino regular para população Guianense continua até o presente, sem espaço para incluir a cultura e a língua materna dos indígenas no currículo. Dessa maneira, esse estudo proporcionou uma intensa compreensão em relação às diferentes percepções dos Wapixana em relação à educação escolar que receberam ao longo dos anos.

REFERÊNCIAS

Amerindian Research Unit. (1992). The Material Culture of the Wapishanas of the South Rupununi Savannas in 1989. Amerindian Research Unit, University of Guyana.

Amerindian Peoples Plan (APP). Guyana Early Childhood Education Project. Draft. 7-01-2014. Disponível: <http://www.education.gov.gy/web/index.php/projects/guyana-early-childhood-education-project/item/1019-amerindian-peoples-plan-app-guyana-early-childhood-education-project-draft-7-1-2014%20Acessado%20em%2025-06-2015> Acesso em: 21-01-2016.

Assistant Chief Education Officers. Disponível: <https://education.gov.gy/web/index.php/about-moe/departments/item/204-assistant-chief-education-officers#gsc.tab=0> Acesso 14-11-2016.

Annual August Games set for Maruranau Village DeSincó Trading and Woodpecker Products support. Disponível: <http://www.kaiteurnewsonline.com/2014/07/26/annual-august-games-set-for-maruranau-village-desinco-trading-and-woodpecker-products-support/> Acesso em: 10-10-2016.

Amerindian Act 2006 Guyana. Published on 14 March 2006. Georgetown, 2006.

Amerindian Lands Commission. (1969). Report of the Amerindian Lands Commission, Georgetown. August, 1969.

BRIDGES, J. 1985a. **Rupununi Mission**. The story of Cuthbert Cary-Elwes SJ among the Indians of Guiana 1909-1923. Jesuit Missions, London.

_____. J. The GOOD NEWS ON THE WILD COAST. Highlights of the early efforts of the Catholic Church in Guiana 1650's to 1850's. St. Dominic Press Arima, Trinidad, and 1988b. p.84.

BAINES, S.G. Os povos indígenas Wapichana e Makuxi na fronteira Brasil-Guiana, região do maciço Guianense. **Revista Brasileira do Caribe**. Universidade Federal de Goiás, Goiânia, Brasil. vol. XIII, núm. 25, julho-diciembre, 2012, p.131-157.

BACCHUS, M.K. **Education for Development or Underdevelopment**. Guyana's Educational System and its Implications for the Third World. Development Perspective 2. Wilfrid Laurier University Press. 1980. 302.p

BORGES DA SILVA, C.A. **A Revolta do Rupununi: uma etnografia possível**, 2005. 267f. Doutorado (Doutor em Ciências Sociais). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

BONIN, I.T. Educação escolar indígena e docência: princípios e normas na legislação em vigor. In: BERGAMASCHI, M.A. **Povos Indígenas & Educação**. Editora Mediação, Porto Alegre, 2008. p.159.

CAVALCANTE, O. **A política da memória SAPARÁ**. Manaus, Editora da Universidade Federal do Amazonas, (Edua) 2012 p. 203.

Conservation International Guyana. (2015). *The State of Food & Agriculture in the Rupununi, Guyana: Imperatives for a Sustainable Livelihood and Development*. Conservation International Guyana & IDB-Multilateral Investment Fund.

CORBIN, H.P. **Brazilian migration to Guyana as a livelihood strategy**: A case study approach. 2007.177p. Dissertação (Mestrado em planejamento do desenvolvimento) - Núcleo de altos estudos amazônicos, Universidade Federal do Pará, 2007.

CHESNEY, W.E. *Decentralisation: a postcolonial discourse of Education Policy making in Guyana*. Sheffield, England: University of Sheffield, Department of Educational Studies, August 2011. (PhD. Philosophy). (Uncatalogued UG).

Departamento Regional de Educação da Região 9, lethem Rupununi 2016.

DA COSTA, M.G. Os povos indígenas do Alto Rio Negro/AM e as missões civilizatórias salesianas: evangelização e civilização. *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História* - ANPUH. São Paulo, Junho 2011.p.17.

DAVID, B et al. **Wa Wiizi, Wa Kaduzu – Our Territory, Our Custom**. Customary Use of Biological Resources and Related Traditional Practices within Wapichan Territory in Guyana: An indigenous case study April 2006. p.60.

DALY, V.T. **A Short History of the Guyanese People**. Macmillan Publishers Limited, 1975.

EQUATOR INITIATIVE. **A partnership for Resilient Communities**. Disponível em: http://equatorinitiative.org/index.php?option=com_content&view=article&id=924&Itemid=1173&lang=en#south-central-peoples-development-association-guyana Acesso em: 6-10-2015.

FORTE, J; Melville, I. **Amerindian Testimonies**. Georgetown, Guyana.1989.245 p.

FORTE, J. **Thinking about Amerindians**. Georgetown, Guyana.1996.113.p

FARABEE, W. C. **The Central Arawaks**. Anthropological Publications Vol. IX. University of Pennsylvania, 1967.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. 14.ed.ver.atual.Rio de Janeiro. Paz e Terra.1997.p.189.

FARAGE, N. **As Muralhas dos Sertões** – Os povos indígenas do rio Branco e a Colonização. Rio de Janeiro: Paz e Terra; ANPOCS,1991.

_____. N. **As Flores da fala: Práticas retóricas entre os wapixana**, São Paulo 1997.98p. Tese de doutorado de estudos comparados em leitura de língua Portuguesa, Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Faculdade de Filosofia, e Letras e Ciências Humanas na Universidade de São Paulo.

Guyana villager's thanks for church schools in **JESUIT MISSIONS**, Spring 1977. Vol. XXIII, No.170. 11 Edge Hill, London SW 19 4LR .p.191.

Guyana Information Service (Gina). Information for nation building. Disponível em: <http://gina.gov.gy/education-allocated-43-1b-in-2017-budget/> Acesso 20 -09-2016.

Guyana Education Sector Plan, 2014-2018. Ministry of Education, Volume 1. Disponível em: <https://education.gov.gy/web/index.php/education-sector-plan-2014-2018> Acesso em 20-02-2017.

HANKE, M. Narrativas orais. Formas e Funções. **Revista Contracampo**, V. 9, n.0, 2003. Disponível em: <http://www.contracampo.uff.br/index.php/revista/article/view/490/Narrativas%20orais%3A%20formas%20e%20fun%C3%A7%C3%B5es> Acesso 20-11-2016.

HARRIS, C.A; AND de VILLIERS. **STORM VAN'S GRAVESANDE. THE RISE OF BRITISH GUIANA**. Vol.1. London. Printed for the Hakluyt society, 1911.

HOWARD, C.V. **PAWANA: A farsa dos “visitantes” entre os Waiwai da Amazônia Setentrional**. In: Eduardo Viveiros de Castro Manuela Carneiro da Cunha (Orgs.) *Amazônia Etnologia e História Indígena*: São Paulo: Núcleo de História Indígena e do Indigenismo d USP, FAPESP, 1993.

HENFREY, T. B. **Ethnoecology, Resource Use, Conservation and Development in a Wapishana Community in the South Rupununi, Guyana**. 2002. 288p. PHD thesis in Environmental Anthropology. University of Kent at Canterbury, March 2002.

Indigenous Peoples Plan. **Guyana Education Sector Improvement Project. Ministry of Education Government of Guyana**. February 4, 2017.p.32

IFILL, M. **The Indigenous Struggle**: Challenging and undermining capitalism and liberal democracy. Conference 2009.University of the West Indies Cavehill. Disponível em <http://www.cavehill.uwi.edu/salises/conferences/past-conferences/2009/ifillmellisa-theindigenoustuggle.aspx> Acesso em: 03-02-2017.

JENNINGS, Z. Hard road to travel: the challenges of initial teachers training in Guyana. *Edución Superior y sociedad / Nueva Época / Ano14 /Numero 2 / Junio 2009*.The University of the West Indies, Mona Campus.

JUSTIN, G.R: **Uncle Basil: An Arawak Biography**, Georgetown Guyana, 1988.144.p.

KAMNASARAN, **Curriculum reforms and social change: an examination of the role and purpose of the P.N.C Government in Introducing Curriculum reforms in Guyana. (1965-1985)**. Edmonton, Alberta: Faculty of Graduate Studies and Research, 1993 (Ph.D.) Philosophy of International/Intercultural Education. (Uncatalogued UG)

LUTCHMAN, H. A. An Experiment that Failed Issues and Problems of Constitutional Change and Reform in Guyana. **Transition** 19, 1992. Journal of the Institute of Development of studies and the faculty of Social Sciences, University of Guyana.

Mc CAFFREY.P. **The Catholic Church and Education in Guyana**, 1972-1986, p.26.

MENEZES, M. N. **British Policy towards the Amerindians in British Guiana, 1803-1873**. OXFORD AT THE CLARENDON PRESS, 1977.p.326.

_____. M. N. **The Amerindians in Guyana 1803-73. A Documentary History**. Frank cass and company limited. Gainsborough House, Gainsborough Road, London E11 1RS, England, 1979.p 314.

Ministry of Amerindian affairs. Hinterland Scholarship Program. Disponível em: <http://www.moipa.gov.gy/wpcontent/uploads/2015/02/HinterlandScholarshipProgramBriefing.pdf> Acesso 20-02-2017.

MAHER, T. M. A formação de professores indígenas: Uma discussão introdutória. In: GRUPIONI, L. D. B. (Org.). **Formação de professores indígenas**: repensando trajetórias. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2006. p. 11-37.

MACDONALD, K. **Rupununi Imaginaries**. 2016. 246 p. Dissertation submitted to the Faculty of Graduate Studies in partial fulfilment of the requirements for the degree of Doctor of Philosophy. Graduate Program in Geography York University Toronto, Canada, August 2014.

New batch of Project Trust volunteers here. **Stabroek News**, 2015. Disponível: <http://www.stabroeknews.com/2015/media/photos/08/28/new-batch-of-project-trust-volunteers-here/> Acesso em: 08-02-2016.

OLIVEIRA, A.R. **Tempos dos Netos**. Abundância e escassez nas redes de discursos ecológicos entre os Wapichana na fronteira Brasil-Guiana, 2012- 340.p. Tese apresentado ao programa de Pós- Graduação em Antropologia Social da Universidade de Brasília (DAN/UnB) para obtenção do título de Doutor. Brasília, Dezembro, 2012.

ORTNER, S. Conferência e Diálogos: Saberes e Práticas. In: GROSSI et al (Org.). **Conferência e Diálogos: Saberes e Práticas: PODER E PROJETOS: REFLÊXOES SOBRE A AGÊNCIA**. 25ª Reunião Brasileira de Antropologia- Goiânia. 2006.p.1-284.

PRZYBYLSKI, M.P. Linguagens tecnologias e mídia: **Perspectivas das narrativas oral urbana**. Santa Cruz do Sul, v. 36 n. 61, p. 279-298, jul- dez, 2011.

PIERRE, L. STEPHEN CAMPBELL: A pioneer in the campaign for Amerindian land rights. disponível em: <http://www.stabroeknews.com/2013/features/09/30/stephen-campbell-a-pioneer-in-the-campaign-for-amerindian-land-rights/> Acesso em: 30-01-2017.

——— L. STEPHEN CAMPBELL: The evolution of an Amerindian political advocate in a colonial state. *History Gazette*. Turkeyen No 73. October, p.17.1994.

PEARCE, F. **WHERE THEY STAND**. Forest Peoples Programme. June, 2015.ISNB: 978-0-9929582-44.

RIVIÈRE, P. **Individual and Society in Guiana**. A comparative study of Amerindian social organization. Cambridge University Press. 1984. 158.p.

RAMOS, A.R. Indigenismo: Um orientalismo americano. **Anuário Antropológico**. Universidade de Brasília. Pesquisadora do CNPq.2011-1, 2012: 27-48.

RENSHAW J. Guyana: Technical Note on Indigenous Peoples. INTER-AMERICAN DEVELOPMENT BANK, 2007.

Strategic Plan 2008-2013. Ministry of education Guyana. Meeting the Quality Imperative. July 2008. p.66.

- SANDERS, A. **The Powerless People. An analysis of the Amerindian of the Corentyne River**, Warwick University Caribbean Studies, 1989.p.220.
- SANTILLI, P. **Fronteiras da República**. História e política entre os Macuxi no vale do rio Branco 1994.p.119. Núcleo de História Indígena e do Indigenismo NHII-USP.
- SILVERINO, A.J. A escola e a construção da cidadania: Uma discussão introdutória. In: ALBA, M.Z. (Orgs.). **Sociedade civil e educação**: Coletânea CBE. Campinas, S.P: Papirus; Cedes; São Paulo; Andre Anped, 1992. p.233.
- SANTOS, L.P. **PYRAT DIK**: A Luta do Povo Wapixana por uma Educação Escolar Específica e Diferenciada. **Revista Labirinto**, Porto Velho- RO, Ano XIV, Vol. 21.p-275-293.
- SAHLINS, M. **O “Pessimismo Sentimental” e a experiência etnográfica: por que a cultura não é um “objeto” em via de extinção (parte ii)**. Mana 3 (2) 103-150, 1997.
- VAN DONGEN, R. Results of the Escuela Nueva Baseline Survey for 5 schools in region 1 and 7 and 9. Part 1. Background, summary and conclusions. UNICEF. Government of Guyana Amazon Programme: Baseline Education Project, 2002.p.145.
- WEBER, I. **Escola Kaxi. História, cultura e aprendizado escolar entre os Kaxinawá do rio Humaitá (Acre)**.2004. 182p. Dissertação de Mestrado em Antropologia. Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro-UFRJ, 2004.
- WIHAK.C. Indigenous Education for Cultural Survival: The Makushi Amerindians of Guyana. **Canadian and International Education/Education canadienne et international**. Thompson Rivers University, 2009.v.38.p 28.June.2009. Disponível em: <http://ir.lib.uwo.ca/cgi/viewcontent.cgi?article=1002&context=cie-eci> . Acesso em: 09-10-2016.